

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE (*CAMPUS* GARANHUNS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

**LEITURA DE MANCHETES POLÍTICAS E SUA RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO
DE TEXTOS NA ESCOLA: UM ESTUDO DOS ELEMENTOS DE
TRANSITIVIDADE SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

SÍLVIA MARIA CARNEIRO DE MOURA

GARANHUNS – PE

2015

SÍLVIA MARIA CARNEIRO DE MOURA

**LEITURA DE MANCHETES POLÍTICAS E SUA RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO
DE TEXTOS NA ESCOLA: UM ESTUDO DOS ELEMENTOS DE
TRANSITIVIDADE SOB A ÓTICA DA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade de Pernambuco (*Campus Garanhuns*) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linguagem, trabalho e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa.

GARANHUNS – PE

2015

SÍLVIA MARIA CARNEIRO DE MOURA

**LEITURA DE MANCHETES POLÍTICAS E SUA RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO
DE TEXTOS NA ESCOLA: UM ESTUDO DOS ELEMENTOS DE
TRANSITIVIDADE SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras da
Universidade de Pernambuco (*Campus*
Garanhuns) como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Linguística
Aplicada aos Estudos da Linguagem, em
____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa
1ª Examinadora/Presidente
LETRAS - UPE

Profa. Dra. Amara Cristina de Barros e Silva Botelho
2ª Examinadora
LETRAS – UPE

Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartín Dutra Pereira Almeida
3ª Examinadora
LETRAS - UFG

GARANHUNS – PE

2015

*À Deus,
fonte de sabedoria infinita, que iluminou o meu caminho durante esta
longa jornada.*

*Às minhas mães,
meus exemplos de persistência e determinação.*

*Ao meu esposo,
meu companheiro de todas as horas.*

*À minha filha,
meu melhor e maior tesouro.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa, pela sabedoria e ensinamentos. Pela paciência, compreensão e determinação. Pelo sorriso tranquilo.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

Aos meus professores do Mestrado – PROFLETRAS, pelos conhecimentos compartilhados, pelas valiosas lições que contribuíram para a minha aprendizagem.

Às minhas colegas do Mestrado, em especial Daniella Cavalcante, Edilaine Pereira, Magna Kely, Josefa Santos, Maria Alcione e Maria Aparecida, pelo acolhimento carinhoso e fraterno, pela amizade preciosa, pela ajuda incondicional.

Aos professores Adilson Ferreira, Alex Queiroz e Givanildo Oliveira, pelo incentivo e apoio.

Aos colégios Monsenhor Jonas, Marista Pio XII e Nossa Senhora do Amparo, pela prestatividade e confiança.

Aos meus queridos e amáveis alunos, que me possibilitam novos conhecimentos, todos os dias.

Aos meus maiores exemplos de profissionais, Tia Nina, D. Cristina Portela e Hérica Karina, pelas oportunidades maravilhosas de encontro à língua materna.

Às minhas amigas, Pauliana Lira e Roseane Santana, pelas orações intercessoras e pelo apoio espiritual nos momentos difíceis.

À minha sogra, Mariêta Gomes, exemplo de bondade e amor. Pelo amor incondicional, cuidado e dedicação à minha filha, nos momentos em que precisei ausentar-me para realizar este trabalho.

Ao meu irmão, Sílvio Moura, que mesmo através da distância me transmitiu lições de amor, as quais se eternizaram e me fizeram olhar a vida com esperança e coragem.

Aos meus pais-avôs, meus exemplos de perseverança, de luta, determinação, de amor. Que nunca mediram esforços para me concederem os estudos.

À Tia Ia, minha luz, que sempre me ensinou qual caminho deveria percorrer.

Aos meus irmãos, em especial Rosi e cunhadas pelo carinho e incentivo.

A Erivaldo, companheiro de todas as horas. Meu grande incentivador. Pela compreensão nos momentos de minha ausência, pelo silêncio, pelo grande amor, apoiando-me neste trabalho.

À minha filha amada, Maria Sofia, pelo abraço apertado e carinhoso, pelas brincadeiras, pelo sorriso meigo, pelo afago carinhoso nos momentos de cansaço e estresse. Você foi um bálsamo.

E, principalmente, a Deus, que me deu força, saúde e sabedoria, que me carregou no colo quando os meus pés estavam vacilantes, que me fez acreditar “Que tudo posso naquele que me fortalece” (Fp. 4.13), que me colocou tantas pessoas maravilhosas em meu caminho, que me ama com amor eterno e tem os melhores planos para a minha vida. A Ele toda glória e honra. A Ele a minha gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa insere-se nos estudos realizados pelo Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade de Pernambuco (CELLUPE) que estuda o uso da língua em contextos escolares e sua relação com a funcionalidade de diferentes gêneros textuais, destacando a leitura e a escrita no Ensino Fundamental, uma vez que parte do pressuposto de que a linguagem é o principal meio de socialização e interação dos indivíduos através da funcionalidade de seus discursos, pois, mais do que trocar informações, a linguagem manifesta, constrói representações de experiências. Seu objetivo é investigar como se dá a leitura de Manchetes eleitorais na escola e sua relação com a produção de Artigo de Opinião produzido, destacando, assim, o uso dos processos sob a perspectiva do sistema de transitividade nos dois gêneros escritos, pois a escolha dos processos pode revelar a intenção comunicativa do aluno-leitor-escritor e o nível de compreensão das manchetes. Nesse sentido, apresenta uma análise de vinte Artigos de Opinião, a partir da leitura de Manchetes referentes aos candidatos Dilma Rousseff e Eduardo Campos, no período eleitoral de julho e agosto de 2014, veiculadas no Jornal Diário de Pernambuco. A pesquisa tem como base teórica a Linguística Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday (1994), Halliday & Mathiessen (2004) e seus seguidores Cunha e Souza (2011), bem como Fuzer e Cabral (2014). Além disso, relacionamos esta teoria aos estudos de Bräkling (2000) sobre o gênero Artigo de Opinião, Monpart (1981), Dias (1996) e Hidalgo (2009) sobre o gênero Manchete; Fantinati (1990), Miguel (2000) e Charaudeau (2006) sobre o discurso político. Utilizamos, também, algumas reflexões teórico-metodológicas sobre os gêneros textuais, apontadas por Bronckart (2011) para aprofundar a proposta didática de intervenção, bem como as colocações de Marcuschi (2005) e Mendonça (2007) sobre o ensino da leitura e da escrita por meio de gêneros textuais. O *corpus* desta pesquisa é formado por vinte artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano e por quatro manchetes veiculadas no período de campanha eleitoral à presidência, entre julho e agosto de 2014, sobre os presidentiáveis Dilma Rousseff e Eduardo Campos. Os resultados apontam que os alunos-leitores-escritores constroem as suas experiências de mundo principalmente por meio de orações materiais, através dos processos votar e fazer, em seguida, pelas orações relacionais pelo fato de definirem, classificarem e identificarem tais candidatos, evidenciados pelos processos ser e ter. Essas escolhas são usadas como estratégias de persuasão, posto que expressam o que os alunos-leitores-escritores sabem acerca dos presidentiáveis, construindo, assim, uma imagem que agrada o leitor, mas que também o faça refletir sobre o papel de um eleitor.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional. Manchete. Transitividade. Artigo de Opinião.

ABSTRACT

This research is part of the studies carried out by the Language and Literary Studies Center of University of Pernambuco (CELLUPE) that study the use of language in school contexts and their relationship with the functionality of different genres, emphasizing reading and writing in elementary school since it assumes that language is the main medium of socialization, interaction of individuals through of their functionality in speeches, because for more than exchange information, language manifests, builds experiences of representations. Its objective is investigate how reading electoral Headlines school and its relation to production Opinion article produced, highlighting the use of the processes from the perspective of the transitivity system in both written genres, since the choice of the processes can reveal the communicative intent of the student-reader-writer and the level of understanding of the headlines. In this sense, it presents an analysis of twenty Opinion Articles, from reading headlines of candidate Dilma Rousseff and Eduardo Campos, in the elections of July and August 2014, disseminated in the Journal of Pernambuco. The research is based to Systemic Functional Linguistics, proposed by Halliday (1994), Halliday & Mathiessen (2004) and their followers Cunha and Souza (2011) and Fuzer and Cabral (2014). In addition, we related this theory to study Bräkling (2000) about the gender Opinion Article of Monpart (1981), Dias (1996), Hidalgo (2009) on the headline gender; and Fantinati (1990), Miguel (2000) and Charaudeau (2006) about political speech; and to deepen the teaching proposal for intervention, follow some theoretical and methodological reflections disseminated by Bronckart (2011), Marcuschi (2005) and Mendonça (2007) according to teaching of the reading and writing through textual genres. The corpus of this research is formed by twenty Opinion articles produced by 9th graders and four Headlines disseminated the electoral campaign for the presidency between July and August 2014, about the presidentials Dilma Rousseff and Eduardo Campos. We proved that readers-writers-students construct their world experiences more through prayer materials, through of the processes to vote and to make then by the relational prayers because define, classify, identify such candidates, evidenced by the processes being and having. These choices are used as persuasion strategies, since they express the that readers-writers-students know about the presidential candidates, thereby building an image that appeals the reader, but also make reflect about the function of a voter.

KEYWORDS: Systemic Functional Linguistics. Headline. Transitivity. Opinion article.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 - Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 01)	76
GRÁFICO 02 - Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 02)	77
GRÁFICO 03 - Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 03)	78
GRÁFICO 04 - Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 04)	79
GRÁFICO 05 - Tipos de Orações identificadas nos vinte artigos de opinião.....	125
GRÁFICO 06 - Tipos de Participantes identificados em 150 orações.....	127
GRÁFICO 07 - Tipos de Argumentos identificados em 150 orações.....	128

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Os significados.....	21
QUADRO 02 - Relação do texto com o contexto de situação.....	24
QUADRO 03 - As metafunções na situação comunicativa.....	26
QUADRO 04 - Elementos do sistema de transitividade.....	29
QUADRO 05 - Os tipos de discurso.....	41
QUADRO 06 - Distribuição das Manchetes e seu veículo de informação e data.....	65
QUADRO 07 - Distribuição das orações nas manchetes.....	74
QUADRO 08 - Distribuição da MANCH 01 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05.....	148
QUADRO 09 - Distribuição da MANCH 02 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05.....	151
QUADRO 10 - Distribuição da MANCH 03 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05.....	155
QUADRO 11 - Distribuição da MANCH 04 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05.....	159
QUADRO 12 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 01.....	163
QUADRO 13 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 02.....	164
QUADRO 14 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 03.....	166
QUADRO 15 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 04.....	167

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Padrões de experiências na oração.....	31
FIGURA 02 - A gramática da experiência: tipos de processo.....	32
FIGURA 03 – Processos e Participantes.....	34
FIGURA 04 - Contexto de situação e contexto de cultura.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 A Linguística Sistêmico-Funcional: diálogo com o ensino de língua.....	16
1.1.1 Metafunções: organização das orações e situação comunicativa.....	25
1.1.1.1 Metafunção Ideacional.....	27
1.1.1.1.1 O Sistema de Transitividade.....	28
1.1.1.1.1.1 Processos e Participantes.....	33
1.2 Gêneros Textuais e Ensino de Língua.....	36
1.2.1 Gênero Jornalístico: Linguagem do Jornal.....	43
1.2.1.1 Gêneros Jornalísticos: Manchete e Artigo de Opinião.....	44
1.2.1.1.1 Gênero Manchete: Construção e Propósito dentro da Notícia.....	45
1.2.1.1.1.1 Artigo de Opinião.....	46
1.2.1.1.1.1.1 Estrutura do Artigo de Opinião.....	51
1.3 Definição de Política.....	53
1.4 Definição de Discurso.....	55
1.4.1 Discurso e Ideologia.....	55
1.4.1.1 O Discurso Político e o Discurso Político Eleitoral.....	56
2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	58
2.1 Caracterização da Pesquisa.....	58
2.2 Contexto e seleção do <i>corpus</i>	59
2.3 Procedimentos e categorias de análise.....	61
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	63
3.1 Manchete como Gênero Jornalístico e Persuasivo.....	64
3.1.1 Contexto Social.....	64
3.2 Usos dos Processos e sua Relação com as Representações Sociais nos Artigos de Opinião.....	68
3.3 Artigo de Opinião: formação do leitor e do escritor crítico.....	72
3.4 Análise Léxico-gramatical dos Processos.....	74

3.4.1 Uso de Orações Materiais: representação do fazer.....	80
3.4.2 Uso de Orações Relacionais: representações do ser.....	88
3.4.3 Uso de Orações Mentais: representação do sentir.....	97
3.4.4 Uso de Orações Verbais: representação do dizer.....	103
3.4.5 Uso de Orações Existenciais: representação do existir.....	107
3.4.6 Uso de Orações Comportamentais: representação do comportamento.....	109
4 INTERVENÇÃO DIDÁTICA: FORMAÇÃO DO LEITOR E DO ESCRITOR CRÍTICO NA ESCOLA.....	111
RESULTADOS DA ANÁLISE.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXOS.....	137

INTRODUÇÃO

Após alguns anos de publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), os professores de Língua Portuguesa começam, enfim, a reconhecer a necessidade de se ensinar a língua materna por meio da leitura e da produção de gêneros textuais. Nos últimos anos, temos notado que nas escolas há pouco uso dos gêneros que circulam no jornal, principalmente nas aulas de leitura e de escrita. Esse fato aponta a necessidade de mais estudos na área de ensino de Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa, centrado na leitura e na escrita de gêneros veiculados na mídia escrita e sua relação com a produção de textos na escola, já que eles podem levar o aluno-leitor-escritor a refletir sobre questões sociais e a se tornar um cidadão crítico e participativo.

Vários estudos têm mostrado que o uso do texto jornalístico propicia uma interação mais participativa entre os estudantes e suscita na sala de aula momentos mais eficazes de leitura e discussão. Dessa forma, uma aula de produção textual precisa ser realizada em uma situação real de comunicação, sobre determinadas condições de interação, já que sabemos que é através da linguagem que se estabelece a comunicação e através do gênero se ampliam as ideias e os pontos de vista, garantindo um melhor entendimento da sociedade e, em consequência, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem.

Nessa perspectiva, esta pesquisa objetiva investigar como se dá a leitura de Manchetes eleitorais na escola e sua relação com a produção de Artigo de Opinião, destacando o uso dos processos sob a perspectiva do sistema de transitividade nos dois gêneros escritos, uma vez que a escolha dos processos pode revelar a intenção comunicativa do aluno-leitor-escritor e o nível de compreensão das manchetes.

A pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo e o *corpus* é formado por vinte artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano a partir da leitura de quatro manchetes veiculadas no período de campanha eleitoral à presidência, entre julho e agosto de 2014, sobre os presidentiáveis Dilma Rousseff e Eduardo Campos. Dessa forma, analisamos especificamente o uso das escolhas léxico-gramaticais veiculadas – tanto nas Manchetes quanto nos Artigos de Opinião – para verificar como o aluno-leitor-escritor constrói as suas

experiências de mundo e se torna um leitor crítico, levando em consideração o contexto social e as escolhas léxico-gramaticais.

Para fundamentar este estudo, utilizamos o sistema de transitividade sob à ótica da Linguística Sistêmico-Funcional proposto por Halliday (1994), Halliday e Mathiessen (2004) e por seus seguidores Cunha e Souza (2011), além de Fuzer e Cabral (2014). A escolha dessa abordagem teórica se justifica por compreendermos que a análise do sistema de transitividade é de suma importância para a compreensão dos propósitos comunicativos do falante e por acreditarmos que há muito a ser pesquisado nessa área, tendo em vista que há poucos trabalhos publicados sobre o sistema de transitividade na Língua Portuguesa, numa visão sistêmico-funcional.

Além disso, relacionamos essa teoria aos estudos de Bräkling (2000) sobre o gênero Artigo de Opinião, Monpart (1981), Dias (1996) e Hidalgo (2009) sobre o gênero Manchete, bem como as colocações de Fantinati (1990), Miguel (2000) e Charaudeau (2006) sobre o discurso político. E para aprofundar a proposta didática de intervenção, seguimos algumas reflexões teóricas e metodológicas apontadas por Bronckart (2011), Marcuschi (2005), Mendonça (2007) e Bueno (2011) no que tange o ensino da leitura e da escrita por meio de gêneros textuais.

Para alcançar os objetivos propostos, precisávamos responder infinitas indagações. Mas, tendo consciência de que não seria possível saciar todos os nossos questionamentos e curiosidades, restringimos nossa pesquisa a três questões:

1. De que forma os processos –*mentais, verbais, materiais, existenciais, comportamentais e relacionais* – mais recorrentes nas manchetes aparecem nos artigos de opinião?
2. Em que medida as escolhas desses processos revelam o nível de compreensão das manchetes?
3. De que forma os estudantes organizam as orações nos artigos de opinião produzidos na sala de aula, a partir da leitura das manchetes?

Sabemos que a Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa destaca os estudos sobre os gêneros textuais diante da evidência de que interagimos e agimos socialmente através deles. Na verdade, em grande parte das interações realizadas no cotidiano, fazemos uso da argumentação para convencer nosso interlocutor. Na esfera jornalística, por

exemplo, também se faz necessário argumentar e defender opiniões e isso se dá através dos gêneros, como resenha, editorial e artigo de opinião, este, objeto de nossa análise.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise léxico-gramatical dos processos, e Proposta de intervenção didática.

No primeiro capítulo, discorremos sobre as teorias que fundamentam este trabalho. Primeiro tratamos da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011; FUZER; CABRAL, 2014), intento desta pesquisa, apresentando pontos que norteiam a teoria. Dentro da LSF, apresentamos a metafunção ideacional, propósito deste trabalho, realizada por meio do sistema de transitividade, o qual compreende seis tipos de processos: material, mental, relacional, verbal, existencial e comportamental. Além dos processos, essa metafunção evidencia os participantes e as circunstâncias. Depois, discorremos sobre os gêneros textuais e o ensino da língua (BRONCKART, 2003; MARCUSCHI, 2005; BUENO, 2011), já que o trabalho com gêneros possibilita a descoberta das capacidades de evidenciar as suas experiências de mundo e da sociedade; é então uma forma de socialização, inserção nas atividades sociocomunicativas humanas. Em seguida, tratamos do jornal (LEAL, 2014) por ser um veículo de informação e de atualização frente aos acontecimentos sociais e dentro dessa mídia escrita, a manchete (DIAS, 1996; HIDALGO, 2008), gênero que funciona como um convite para folhearmos ou não o jornal. Em decorrência do gênero manchete, focamos o artigo de opinião (BRÄKLING, 2000), gênero produzido pelos alunos do 9º ano, o qual busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o a tomar uma decisão contra ou a favor a determinada ideia exposta. Por fim, tratamos da definição de política, do discurso político e de ideologias (FANTINATI, 1990; MIGUEL, 2000; CHARAUDEAU, 2006).

O segundo capítulo diz respeito aos procedimentos usados no trabalho: tratamos da composição do *corpus* da pesquisa, do contexto das manchetes e artigos de opinião, dos procedimentos de coleta e armazenamento, além dos procedimentos de análise de dados.

No terceiro capítulo, fazemos a análise léxico-gramatical dos processos, bem como os sentidos que eles dão aos textos, estudando os personagens que assumem o papel de participantes e os tipos de argumentos expressos nas orações.

No quarto capítulo, tratamos de uma proposta de intervenção didática, cujo objetivo é levar às aulas de Língua Portuguesa uma proposta diferenciada de análise

linguística, unindo-a às competências leitora e escritora, focando o gênero textual como construto de uma interação social real.

Finalmente, nas considerações finais, discutimos os resultados alcançados com a pesquisa, as limitações do trabalho e as contribuições que o mesmo pode trazer ao estudo da língua materna.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o objetivo de evidenciar as principais concepções teóricas fundamentais para análise e discussão dos dados, fragmentamos o capítulo em três partes. A primeira discorre sobre os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional propostos por Halliday (1985, 1994), Halliday e Mathiessen (2004) e seus seguidores Cunha e Souza (2011) e Fuzer e Cabral (2014), os quais vêm expandindo a passos largos as premissas da LSF, devido a quantidade de trabalhos realizados com objetos de estudos bastante variados. Um deles é o estudo da gramática e tratamos especificamente da Metafunção Ideacional, principal base teórica para análise do *corpus* deste trabalho.

A segunda parte traz uma reflexão sobre a importância dos gêneros textuais no contexto escolar, aprofundando a discussão com os gêneros manchete e artigo de opinião, *corpus* do trabalho, embasados pelas teorias de Bronckart (2001), Marcuschi (2005), Bueno (2011), entre outros. Esses estudos servirão de embasamento teórico, também, para a intervenção didática. A terceira parte, por sua vez, traz uma discussão acerca do fenômeno social chamado política, bem como de discurso, relacionando-o à ideologia e, especificamente, ao discurso político, elementos contribuintes para a escolha de um representante, embasados pelas teorias de Fantinati (1990), Miguel (2000) e Charaudeau (2006).

1.1A Linguística Sistêmico-Funcional: diálogo com o ensino de língua

Para subsidiar nossas análises, lançamos nosso olhar sobre o Funcionalismo, o qual apresenta propostas teóricas distintas sobre a natureza da linguagem e também diferentes concepções sobre a análise linguística. Dessa forma,

Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa –que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo - a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. (CUNHA, 2008, p. 157-158).

Logo, por meio da análise das escolhas léxico-gramaticais, sabemos qual a intenção discursiva do escritor, posto que é no sistema linguístico que ele revela seus propósitos interacionais.

Diante do exposto, entendemos que os funcionalistas levam em consideração, nas suas análises, o fato de os enunciados e textos relacionarem-se às funções que desempenham na comunicação. Acrescentamos o fato de que eles buscam trabalhar com dados reais de fala ou escrita, envolvidos em contextos efetivos de comunicação. Logo, cabe evidenciar que, para o funcionalismo: (i) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si e (ii) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico.

Esse modelo representa uma tentativa de explicar a forma linguística a partir de funções, admitindo a adaptação da estrutura gramatical às necessidades cognitivas e comunicativas dos usuários da língua. Defende assim, o entrelaçamento da gramática e do discurso, ou seja, a gramática é interpretada no discurso, nos diferentes contextos de interação.

E isso vem a ser reafirmado pela Linguística Funcional Norte-Americana, já que a mesma se volta para a descrição da língua em uso, pois é um contínuo de sentidos em construção, em que sua codificação se dá por necessidades de natureza discursiva-pragmática, ou seja, por intenções comunicativas, já que o falante adequa o uso que faz da língua conforme suas necessidades no momento da interação - assim, para cada função há uma forma correspondente. Em outras palavras, os códigos linguísticos nascem motivados de função e forma.

Embasados nesse pressuposto, as análises linguísticas apontam um “sistema adaptativo” (Cf. DUBOIS, 1985 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011, p. 21), que se mostra consonante com as mudanças que atendem às necessidades cognitivas e/ou interacionais em ascendência. Isso porque, segundo Cunha & Souza (2011, p. 22):

A gramática é vista como um sistema flexível, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia a dia. Esse modelo funcionalista representa uma tentativa de explicar a forma da língua a partir das funções mais frequentes que ela desempenha na interação. (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 22).

Portanto, a gramática é vista como um conjunto de regras resultantes do uso, admitindo modelos morfossintáticos distintos, evidenciando um vínculo entre gramática e discurso, resultando numa sintaxe, que, como afirma Givón (1979 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011, p. 23), evoluiu do modo pragmático para o modo sintático.

Em síntese, estudar a língua numa perspectiva discursivo-textual permite que a gramática seja mostrada em seu funcionamento, enfatizando que ela é decorrente de uma língua em uso. O que também se faz presente na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), pois essa teoria vê na gramática algo naturalmente relacionado ao significado. Um sistema que realiza os padrões semânticos surgidos devido as necessidades dos falantes de interpretarem a experiência humana, de troca com os outros, ou seja, pensar e agir com a língua em uso e compreender o que leva um falante a escolher determinado processo em meio a uma infinidade de elementos que contemplam esse fator.

A Linguística Sistêmico-Funcional tem como principal representante o linguista Michael Alexander Kirkwood Halliday, que, nos anos 80, desenvolveu a gramática sistêmico-funcional (GSF), influenciada pelos trabalhos etnográficos de Malinowski, Boas-Sapir-Whorf e de seu professor John Rupert Firth. A teoria sistêmica de Halliday é norteadada pela teoria de Firth, que se inspirou em Malinowski e Whorf, e é sistêmica porque tem como base o funcionalismo etnográfico e o contextualismo de Malinowski.

Halliday (1974, 1975, 1976, 1985 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011) propõe uma teoria funcionalista sistêmica e busca estabelecer relações entre todas as escolhas semanticamente relevantes, feitas na língua como um todo, procurando encontrar justificativas para o fato de um falante escolher determinados itens dentre outros disponíveis na mesma língua para fazer o seu enunciado. A abordagem sistêmico-funcional de Halliday parte de três princípios: (1) o uso de uma língua é sempre funcional; (2) as funções são para fazerem sentido; (3) os sentidos são influenciados pelo contexto social e cultural do qual o participante escolhe o processo capaz de produzir significado pelas escolhas linguísticas.

Quando dizemos que a linguagem é funcional, denotamos que o uso está em situações autênticas de interlocução. O uso funcional da linguagem pressupõe competência comunicativa, que, segundo Neves (1997, p. 15), é “a capacidade que os indivíduos têm não apenas de decodificar expressões, mas também de interpretar essas expressões de uma maneira intencionalmente satisfatória”. O que nos faz afirmar que a linguagem é usada em

diferentes propósitos interlocutivos, adequada aos vários contextos discursivos. Para a Linguística Sistêmico-Funcional, não importam as palavras ou expressões isoladas, mas, sim, que sentido elas produzem na interação social.

Dessa forma, para Halliday, não há homem social sem linguagem e, do mesmo modo, não há linguagem sem homem social. Dentro dessa visão, a linguagem não pode deixar de ser considerada instrumento de interação social entre os seres humanos. As teorias funcionalistas entendem a língua como um sistema de relações, de onde as estruturas linguísticas se originam. Assim, para cada função linguística é atribuído um significado e para cada significado uma função. Os significados estão integrados e alcançados por meio das escolhas que os falantes fazem. De acordo com Halliday & Matthiessen (2009 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p. 88), através da LSF, podemos compreender a língua como:

Um sistema semiótico de mais alto nível no qual a linguagem está “encaixada”. Mais especificamente, a linguagem está encaixada em um contexto de cultura ou sistema social. Qualquer instância de linguagem como texto é encaixada no seu próprio contexto de situação. Contexto é uma matriz ecológica para ambos o sistema geral de língua e para textos particulares. Ele é realizado por meio da linguagem; e sendo realizado pela linguagem por meio da linguagem significa que ele cria e é criado pela linguagem. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2009 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p. 88).

Logo, para que essa linguagem tenha vida é preciso criar significados, e estes são a base da semântica.

A LSF tem base semântica por ser fundamentada na premissa de que a função da linguagem é criar significados, ou seja, quando as pessoas negociam textos, constroem significados, que em um contexto particular é o objetivo da linguagem.

Para a LSF, um texto acontece concomitantemente com três significados: 1) ideacional, 2) interpessoal e 3) textual. Dessa forma, utilizamos a linguagem para: a) compartilhar experiências internas e externas; b) estabelecer relações com outras pessoas e c) organizar a mensagem levando em consideração o contexto. Esses três significados são importantes para que a mensagem adquira sentido em sua totalidade. Eles sucedem ao mesmo tempo uma vez que para concatenar (significado interpessoal) precisamos falar sobre algo (significado experiencial) e sistematizar a mensagem dentro do contexto de situação (significado textual).

De acordo com Neves (1997, p. 73), “a questão fundamental na Gramática Funcional de Halliday é o que coloca formas de uma língua como meio para um fim, não como um fim em si mesmas”, ou seja, a construção dos diferentes significados se dá devido as diferentes estruturas gramaticais e sua organização.

Assim, a metafunção ideacional realiza-se pelo sistema de transitividade, o qual envolve os tipos de processos, os participantes e as circunstâncias, que na interação mostram a experiência de mundo do falante. (Cf. FUZER; CABRAL, 2014). Através dessas categorias semânticas, compreendemos quais estruturas linguísticas representam fenômenos do mundo real. Nessa direção, Halliday e Mathiessen (2009 *apud* FUZER; CABRAL, 2014) afirmam existir uma ação (processo), um agente dessa ação (participante) e, opcionalmente, o local onde essa ação é concretizada (circunstância).

A metafunção interpessoal é responsável pela identificação do papel comunicativo que o falante assume no momento da fala, bem como o papel atribuído ao interactante. Esses papéis se manifestam através dos sistemas de modo e modalidade que, segundo Fuzer e Cabral (2014), se resumem em modo oracional e o resíduo. O modo oracional possui o sujeito, grupo nominal, a quem atribui a responsabilidade pela proposição, e o finito, grupo verbal que traz o tempo ou a opinião do falante e inclui polaridade negativa ou positiva. O resíduo é o restante da oração e se materializa em três elementos: o predador, grupo verbal, exceto o operador modal ou temporal; o complemento, elemento que tem potencial para ser sujeito, mas não é; pode ser um grupo nominal e, em algumas vezes, um grupo adjetivo e os adjuntos e o grupo adverbial ou preposicional, que acrescenta informações de tempo, causa, finalidade, modo, espaço, entre outros, à oração.

A metafunção textual é responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais, ou seja, “a oração é vista como mensagem, que se realiza, no nível léxico-gramatical, pela estrutura temática” (Cf. FUZER; CABRAL, 2014, p. 127). Para a organização do texto há a estrutura de informação, que são segmentos organizados em: dado, elemento de conhecimento compartilhado ou mútuo entre os interlocutores, e o novo, que consiste não apenas no que é desconhecido, mas também naquilo que é recuperável a partir de um discurso. A estrutura temática é o que se evidencia para determinar como ocorre a fluência da informação e para isso, há o tema, ponto de partida da mensagem, e o rema, desenvolvimento do tema. Essa metafunção corresponde ao significado textual que, de acordo com Macêdo (1999, p. 33) “é realizado por decisões que o falante toma com relação a distribuição:

que componentes de sua mensagem escolhe para ser tema/rema e dado/novo. Em outras palavras, são escolhas que têm a ver com a constituição da mensagem.

Com base nos estudos de Neves (1997, p. 61), temos o quadro abaixo, o qual representa os significados e o que trazem de diferencial.

SISTEMA	FUNÇÃO	ESPECIFICAM:	CODIFICAM:
Transitividade	Ideacional	Papéis (ator, meta)	Representação do mundo
Modo (modalidade)	Interpessoal	Funções	Troca
Tema (informação)	Textual	Relações (dentro do enunciado)	Mensagem

Quadro 01: Os significados (Cf. NEVES, 1997, p. 61)

É perceptível que a semântica e a léxico-gramática estão intimamente relacionadas, ou seja, para descrever a semântica precisamos descrever a gramática, pois de acordo com Eggins (1994, p. 84, *apud* DUARTE, 2008, p. 42) “entre cada tipo de significado na linguagem há uma área particular da léxico-gramática” e a “léxico-gramática realiza a semântica”. Assim, para verificar como os significados ideacionais são evidenciados no texto, analisamos o sistema de transitividade; para entender os significados interpessoais, observamos as estruturas de modo e modalidade, e para compreendermos os significados textuais, observamos a estrutura temática dos textos. Neves (1997) acrescenta que essa multiplicidade funcional fica evidente na organização interna da língua, e a investigação da estrutura linguística mostra a importância da língua. Dessa forma, as escolhas léxico-gramaticais, dispostas ao falante estão condicionadas ao contexto e, por meio dele, entendemos o que motivou o escritor a fazer determinada escolha linguística.

Neste trabalho, observamos como as estruturas léxico-gramaticais são usadas para atender aos propósitos comunicativos dos escritores no contexto onde ocorre a interação. Entretanto, precisamos situá-lo dentro de dois contextos: contexto de situação e contexto de cultura.

As interações sociais para a LSF estão ligadas ao contexto. Em outras palavras, o que ocorre ao redor do texto influencia em sua interpretação e nas escolhas léxico-gramaticais. Dessa forma, a relação entre linguagem e contexto mostra que os contextos de cultura e de situação são necessários para a compreensão e interpretação textual.

O contexto de cultura leva a uma escolha léxico-gramatical determinada pelos usos a que os sujeitamos, o que quer dizer que os significados que queremos “fazer” ou transmitir ajudam a configurar os recursos linguísticos. Entretanto, é válido ressaltar que esses significados são fortemente dependentes de aspectos contextuais. Dessa forma, a partir de um contexto, será possível prever os significados que serão ativados e as características linguísticas potenciais mais previsíveis para codificar um texto. Assim, será possível deduzir o contexto em que o mesmo foi produzido, devido as características linguísticas selecionadas.

E aí entra o contexto de situação, que é o ambiente imediato onde o texto está inserido. O contexto de situação diz respeito às características extralinguísticas dos textos que, segundo Cunha e Souza (2011), possibilitam constituições de palavras e padrões gramaticais, os quais os interactantes utilizam de forma consciente ou não para construir os diferentes gêneros, pois os mesmos são dinâmicos, uma vez que se modificam através do tempo e dos propósitos comunicativos.

Assim, o gênero pode ser equacionado como a relação entre o sistema linguístico e o contexto, evidenciando um objetivo social e comunicativo, pois toda troca comunicativa ocorre num dado contexto situacional e em função de uma certa identidade culturalmente marcada. O gênero inclui, portanto, a ideia mais geral de que os interlocutores agem por meio da linguagem e de que organizam o evento linguístico com o intuito de atingirem objetivos culturalmente apropriados. Em outras palavras, ele diz respeito ao modo como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para alcançá-las. São modos diferentes de usar a língua para realizar tarefas culturalmente estabelecidas. O que assevera é o envolvimento deles à cultura em que foram criados. Seria um macro contexto, devido ao fato de se constituir de práticas, valores e crenças que permaneceram ao longo dos tempos.

Dessa forma, o registro está intimamente ligado a variáveis do contexto situacional e pode ser definido como variação de acordo com o uso. Existem três dimensões principais de variação que caracterizam qualquer registro: o **campo** (*field*), as **relações** (*tenor*) e o **modo** (*mode*).

O campo (*field*) refere-se ao tipo de atividade, o que está acontecendo, sobre o que se fala, a natureza da ação social. A dimensão relações (*tenor*), por sua vez, diz respeito a quem são as pessoas envolvidas no ato comunicativo, que tipo de relacionamento há entre elas, e quais suas funções na situação comunicativa. Já o modo (*mode*) diz respeito a qual o

papel da linguagem e como funciona na interação e o que os falantes esperam da linguagem na interação.

Observamos, então, que o campo (prática social) é a codificação da experiência, àquilo de que se fala, o assunto do texto objetivo e específico, e determina os significados ideacionais que são expressos; a dimensão relações (relação escritor-leitor) é elemento codificador de aspectos linguísticos relativos às pessoas envolvidas na comunicação e a relação existente entre elas determina os significados interpessoais, o modo (meio de veiculação), por sua vez, sinaliza como a linguagem funciona na interação verbal particular, isto é, se é escrita ou falada, se é argumentativa, descritiva, entre outro, determina grandemente os significados textuais. Dessa forma, ao analisarmos o contexto de situação, explicamos o motivo que leva alguém a fazer determinadas escolhas em detrimento a outras.

Também destacamos que as variáveis do contexto de situação são expressas nos textos através de determinados elementos linguísticos e estão intimamente ligadas às metafunções ideacional, interpessoal e textual, as quais representam manifestações dos propósitos envolvidos a todos os usos da língua. Elas se resumem em compreender o meio, relacionar com o outro e organizar as informações recebidas.

Então, as variáveis situacionais se realizam juntamente com as metafunções e com as realizações linguísticas. As escolhas léxico-gramaticais são feitas de acordo com os significados veiculados. Dessa forma, o campo se manifesta na transitividade (ator, processo e meta) e no vocabulário (nomeação dos processos e participantes) que expressam os significados ideacionais, os quais dão a conhecer o que o falante quer ouvir (quem fez o que a quem em que circunstância), configurando a experiência do mundo ao nosso redor.

As relações entre os participantes se materializam na escolha de pessoas gramaticais, obedecendo à estrutura de *modo* (sujeito, finito, predicator, complemento). Elas se ligam ao componente interpessoal (como o falante negocia significados com o ouvinte-leitor). Semanticamente, a relação se expressa por meio da metafunção interpessoal e o modo realiza-se por meio da ordem dos constituintes na oração (relações coesivas, tema, entre outros), cuja estrutura gramatical compreende tema e rema, dado e novo, que se relaciona ao significado textual (como o falante organiza os vários grupos e frases da oração em particular, que constituinte é escolhido como ponto de partida da mensagem). Do ponto de vista semântico, o modo é expresso na metafunção textual.

Abaixo, há a representação da relação do texto com o contexto de situação:

SITUAÇÕES		TEXTO	
Realiza-se por aspectos do contexto		Componente funcional do sistema semântico	
Campo do Discurso (O que está acontecendo)		Significados nomes)	experienciais (transitividade,
Relações do discurso (Quem está fazendo parte)		Significados pessoa)	pessoais (modo, modalidade,
Modo do discurso (Papel determinado pela linguagem)		Significados relações coesivas)	textuais (tema, informações,

Quadro 02 – Relação do texto com o contexto de situação (extraído de HALLIDAY; HASSAN, 1989, p. 26, *apud* DUARTE, 2008, p. 46)

Como podemos inferir, são muitos os fatores contextuais (macro e micro) que determinam os significados. Embora não pretenda dar conta de todos eles, a LSF contempla alguns, ao introduzir as noções de registro e de gênero, relacionando-as com os dois níveis contextuais referidos (situacional e cultural). Eles são, portanto, as duas principais dimensões de variação entre textos. O que permite lidar analiticamente com o modo como os textos são diferentes, bem como trabalhar com a relação probabilística entre o texto e o seu contexto, elemento que configura tanto uma previsão textual, a partir do contexto, como uma dedução contextual, a partir do texto.

Resumindo, contexto de cultura é caracterizado pela soma de todos os significados possíveis de fazerem sentido em uma cultura particular. No contexto de situação estão as peculiaridades extralinguísticas do texto e que são suficientes para a construção de diversos gêneros, os quais trazem três aspectos constitutivos: campo, relação e modo.

Na construção de significados, os falantes fazem escolhas léxico-gramaticais e semânticas para alcançarem o seu propósito comunicativo.

Eggins (1994, p. 22, *apud* DUARTE, 2008, p. 44) diz que há duas dimensões do uso da linguagem que a LSF considera: (1) “Quais escolhas possíveis que as pessoas podem fazer?”; (2) Qual a função da escolha que elas fizeram? ”

Respondemos à primeira consideração, dizendo que os sistemas léxico-gramaticais “representam uma escolha: não uma decisão consciente feita em tempo real, mas um conjunto de alternativas possíveis.” (Cf. HALLIDAY, 1994 *apud* DUARTE, 2008, p. 44). Então, o sistema lexical envolve reconhecer que palavras se adequam às situações comunicativas, já o sistema gramatical verifica que cada escolha é realizada por meio da organização e combinação dos papéis gramaticais das palavras. Logo, cada escolha feita pelo falante traz uma intenção comunicativa que o motiva na construção do significado.

Já a resposta à segunda consideração, utiliza a linguagem em diversos contextos sociais para a obtenção de diferentes propósitos comunicativos. Assim, ao analisarmos o contexto de situação, interpretamos porque foi feita tal escolha x e não y. O que é justificado por Eggins ao dizer que quando “tentamos capturar que escolhas os falantes poderiam ter sido feitas, nós podemos entender completamente os significados que eles, de fato, fizeram”. (Cf. EGGINS, 1994, p. 217). Então, para a LSF as escolhas adquirem significados dentro de um contexto sociocultural, dessa forma, dizemos que esta ou aquela palavra está (ou não) adequada ao contexto, que pode criar um sentido para determinada palavra ou expressão, pois, segundo Halliday e Hassan (1989, p. 44, *apud* DUARTE, 2008, p. 47), “o texto cria o contexto e o contexto cria o texto”.

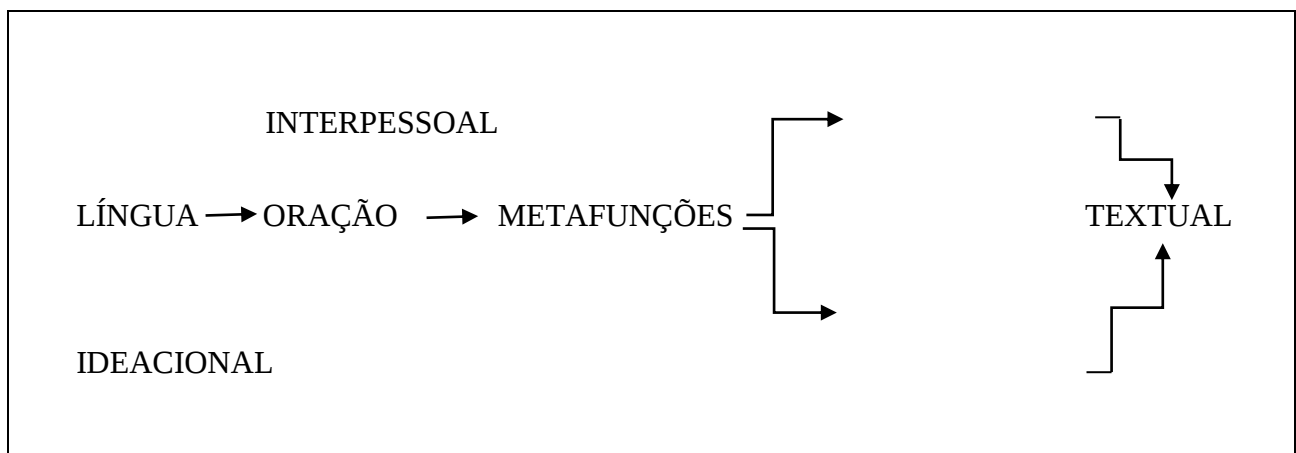
Após esta discussão sobre os pontos que norteiam a Linguística Sistêmico-Funcional, inclusive as três metafunções, enfatizaremos à metafunção ideacional, manifestada pelo sistema de transitividade. É nesta metafunção que está centrado o assunto da mensagem, no uso da língua como representação do mundo interno e externo, que analisamos as manchetes e os artigos de opinião, por isso aprofundamos este tema na próxima etapa.

1.1.1 Metafunções: organização das orações e situação comunicativa

Segundo Halliday (1994), as metafunções da linguagem definem a oração como uma unidade repleta de funções. Elas são uma composição de orações, como representação, interação e mensagem, e cada uma traz um sistema léxico-gramatical próprio. Então temos as seguintes metafunções:

- Ideacional – a oração é vista como representação. É a construção dos significados de nossa experiência nas áreas social e psicológica, por meio da transitividade.
- Interpessoal – a oração é colocada como troca. É a interação entre os papéis assumidos pelos participantes, pelos sistemas de modo e modalidade.
- Textual – em que a oração é tida como mensagem. Está ligada ao fluxo de informação organizada por meio do sistema temático.

De acordo com Neves (1997, p. 62), essas metafunções mostram as manifestações no sistema linguístico dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). Associados a esses, o terceiro componente metafuncional, o textual, lhes confere valência. Então, temos um sistema linguístico onde estariam envolvidas várias situações que podem se efetivar em um texto, ou seja, situações comunicativas.



Quadro 03: As metafunções na situação comunicativa

Dessa forma, compreendemos que as metafunções ocorrem simultaneamente e que, na Linguística Sistêmico-Funcional, a língua é explicada por sua referência à funcionalidade no sistema linguístico. Assim, cremos numa língua interpretada semanticamente, a qual compreende todo o seu sistema de significados. E essa língua se efetiva na oração a qual se materializa num texto, corroborando com o que diz Fuzer & Cabral (2014):

A chave para a interpretação funcional da estrutura gramatical é a multifuncionalidade: os componentes linguísticos de uma mesma oração podem ser interpretados sob diferentes enfoques. Cada componente corresponde a três tipos de coisas, mas ao mesmo tempo, estão sistematicamente relacionados, a ponto de um mesmo item gramatical, os representar. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 34).

Desta maneira, a oração é vista como uma unidade básica para a análise léxico-gramatical na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Ela é a realização simultânea da representação (significado como conteúdo), da troca (significado como forma de ação) e da mensagem (significado como relevância para o contexto). Logo, todas as línguas na LSF são organizadas em torno desses dois significados: ideacional e interpessoal, os quais se associam ao textual.

Como o foco deste trabalho é a metafunção ideacional, faremos um estudo mais aprofundado acerca dela, evidenciando suas contribuições para o ensino da língua.

1.1.1.1 Metafunção Ideacional

Desde a mais tenra idade, as pessoas passam a eleger coisas, pessoas, sentimentos e, a partir disso, começam a nomear tudo aquilo que é visível e que representa a experiência humana. Isso porque a linguagem constrói a experiência da realidade, fazendo com que as pessoas compreendam o mundo exterior e o da consciência. Ao usar a linguagem para construir a experiência, o significado da mensagem se dirige para o conteúdo, o qual tem como função trazer uma informação sobre o mundo real ou imaginário.

Halliday e Mathiessen (2004, p. 29, *apud* FUZER; CABRAL, 2014), denomina de ideacional a metafunção que constrói os significados de nossa experiência tanto no mundo exterior quanto no mundo interior e é realizada por duas funções: a experiencial, que é responsável pela construção de um modelo de representação de mundo, em que a oração é a unidade de análise, e a lógica, que se responsabiliza pelas combinações de grupos lexicais e oracionais e a sua unidade de análise é o complexo oracional.

Do ponto de vista tradicional, as expressões linguísticas ligadas a essa metafunção são os nomes, os verbos e os advérbios, porém, para a LSF e a metafunção ideacional, as expressões linguísticas são classificadas indicando a função que elas desempenham em relação ao conteúdo da oração, ou seja, as categorias utilizadas no estudo

da linguagem buscam enfatizar como o significado se relaciona à experiência através dessa linguagem.

Assim, de acordo com Halliday (1994 *apud* FUZER; CABRAL, 2014), a experiência é constituída de uma continuidade de ações envolvendo mudanças, e são elas, que no indivíduo e no mundo, aparecem separadas dentro da oração, através do sistema gramatical de transitividade, com seus vários tipos de processos, os quais constroem o mundo da experiência, bem como seus participantes e circunstâncias.

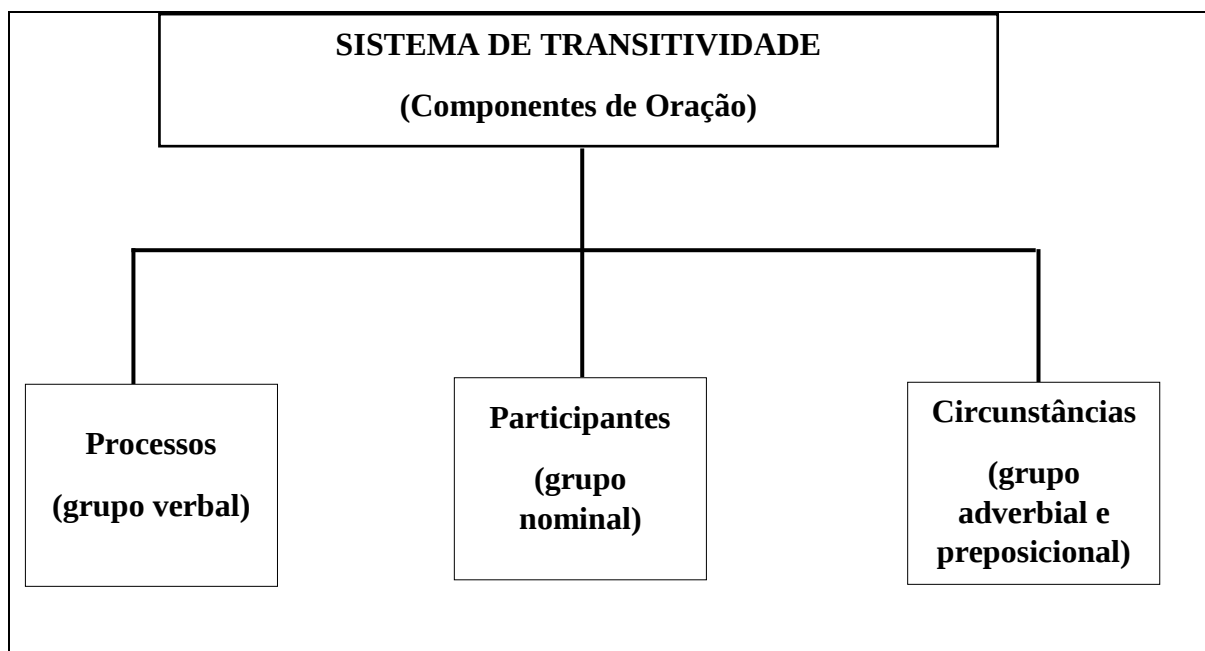
Essa tripartição em processos, participantes e circunstâncias, ajuda a associar as características funcionais dos constituintes às características semânticas e gramaticais desempenhadas por ela, porém, neste estudo, não enfatizamos as circunstâncias.

1.1.1.1.10 Sistema de Transitividade

De acordo com Cunha e Souza (2011), a palavra transitividade é derivada do latim *transitivus* (grifo das autoras), o que significa dizer que vai além, que se transmite. Em seu sentido original, denota transferência de uma atividade de um agente para um paciente. Devido a isso, deve ser estudada em relação às suas funções sociais e não isoladamente, como algo restrito ao verbo. A transitividade se evidencia na função ideacional por codificar os conteúdos das experiências humanas, sejam as do mundo real, ou as do interior da consciência. O sistema de transitividade é, portanto, a base oracional da organização semântica da experiência e denota um conjunto de orações com transitividades bastante diversificadas.

Conforme estabelece Halliday (1994), é a transitividade que permite a identificação das atividades humanas expressas no discurso e da realidade que se retrata na e pela linguagem, pois é através desta que falamos de nossas experiências, de pessoas, de objetos, de abstrações, de sentimentos e de relações existentes no nosso mundo exterior e interior, por isso faz parte da metafunção ideacional. Então, a transitividade é responsável pela concretude das atividades através dos processos (verbos), os quais vão modelando a realidade vivida pelo falante. Devido a esse fato é entendida como um fluxo de acontecimentos, ligados ao agir, dizer, sentir, ser e ter, o que nos leva a entender desse fenômeno linguístico como uma unidade estrutural que é necessário para expressar uma sucessão de significados ideacionais ou cognitivos. É, na verdade, o fundamento da

organização da experiência e permite ao falante, identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas numa situação comunicativa, isso porque têm processos, participantes e circunstâncias envolvidos nesse momento. Em outras palavras, distinguem-se quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias, como mostra o quadro abaixo:



Quadro 04 – Elementos do sistema de transitividade (Cf. HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004 *apud* FARENZENA, 2011, p. 57)

Porém, observamos uma defasagem para com o estudo da transitividade, dentro do contexto educacional, pois o mesmo distingue os verbos transitivos diretos, indiretos e intransitivos. Na verdade, na gramática tradicional, a transitividade apenas mostra uma propriedade exclusiva do verbo, e não da oração, ou seja, são transitivos aqueles verbos que exigem um complemento com auxílio ou não da preposição e intransitivos, aqueles que não pedem complemento algum. Logo, vemos que “a ação não vai além do verbo” (Cf. CUNHA; CINTRA, 1985, p. 132, *apud* CUNHA; SOUZA, 2011), o que corrobora com o pensamento de Trask (2004, p. 2998, *apud* CUNHA & SOUZA, 2011, p. 31-32) ao dizer que a transitividade é a “maneira como um verbo se relaciona com os Sintagmas Nominais (SN) numa mesma oração”. Em outras palavras, o processo se transmite a outros elementos que lhes completam o sentido. Dessa forma, a transitividade tem sua segurança na ausência ou presença de um Sintagma Nominal (SN), que é chamado de objeto (critério sintático) exigido pelo verbo (critério semântico).

Outro fato que merece destaque é a diferença entre uma oração transitiva prototípica de uma intransitiva. O que também não é salientado na gramática tradicional. Enquanto na primeira, o verbo é acompanhado por dois Sintagmas Nominais, sujeito e agente desencadeadores da ação e um objeto que é paciente da ação, na segunda, o verbo é acompanhado por apenas um Sintagma Nominal, que é o sujeito.

Então, não podemos mais permanecer com um conceito de transitividade, feito pela gramática tradicional, pois traz muitos problemas, os quais são evidenciados por Cunha e Souza (2011, p. 34), ao afirmarem que:

- (i) A transitividade não é uma propriedade inerente de um dado verbo. Dependendo do contexto de uso, um mesmo verbo pode variar entre uma classificação transitiva ou intransitiva. O SN que é sintaticamente analisado como objeto direto pela gramática tradicional nem sempre funciona como paciente da ação verbal, afastando-se do caso característico, ou prototípico;
- (ii) Em contraposição à conceituação de verbos transitivos pela gramática tradicional, na avaliação da transitividade interagem elementos tanto de natureza sintática (presença/ausência de SN complemento), quanto semântica (papel semântico do objeto) e pragmática (uso textual do verbo). (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 34).

O que percebemos é que a transitividade do verbo vai muito além de uma união do verbo e seu objeto. Assim, precisamos considerar o contexto em que é inserido, pois o mesmo está sujeito a fatores que ultrapassam o Sintagma Verbal (SV), e mais, o objeto pode designar a pessoa/coisa receptora ou agente da ação, o resultado ou produto dessa ação ou o ponto para onde a ação se dirige. (Cf. CUNHA; SOUZA, 2011).

Precisamos trazer à tona como a gramática tradicional vê a transitividade para colocar em confronto com a didática pedagógica e notar que há muitos pontos que deixam lacunas, as quais podem ser preenchidas pela Linguística Sistêmico-Funcional, pois para Halliday (1985, *apud* CUNHA; SOUZA, 2011), a linguagem é um sistema semiótico social, como um dos sistemas de significado que compõem a cultura humana. O que permite asseverar que o envolvimento da linguagem, texto e contexto são responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência humana. Dessa forma, a transitividade, vista em relação às suas funções sociais, é, segundo Cunha & Souza (2011, p. 68), "a base da organização semântica da experiência". Nesse sistema, há a presença dos processos (verbos): materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais e, para cada um, há a presença de participantes específicos, estabelecidos pela semântica, como mostra a Figura 1:

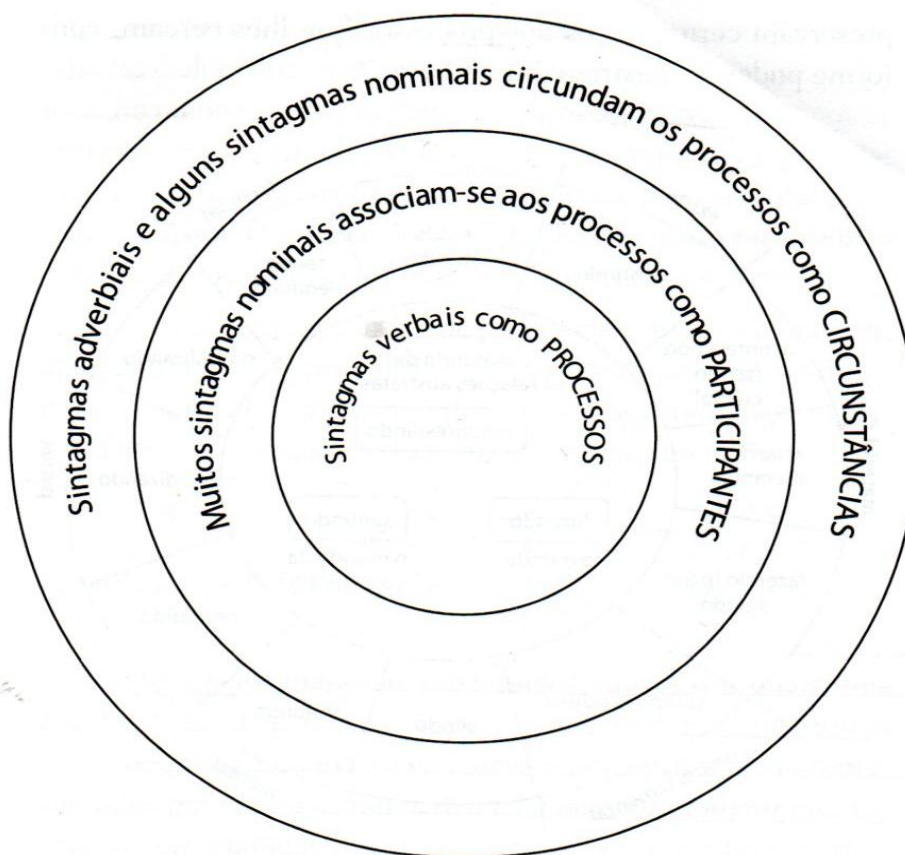


Figura 01 - Padrões de experiências na oração (BURR *et. al.*, 2001, p. 46, *apud* CUNHA; SOUZA, 2011, p. 69)

Nessa construção de conteúdo, através do sistema de transitividade, evidenciamos os processos que, de acordo com Cunha & Souza (2011, p. 68), “são os elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos, construir o dizer e o existir; se realizam através dos sintagmas verbais.” Acrescente-se, ainda, que, dependendo do tipo de processo, os participantes recebem diferentes denominações e são gramaticalmente representados por atributos e coisas, os quais seguem a um sistema semântico que faz a diferença entre consciente e não consciente. Além desses dois elementos, as orações podem apresentar circunstâncias que indicam tempo, lugar, modo, causa, entre outros, que são, na verdade, realizadas pelas classes gramaticais do advérbio e da preposição.

Os processos também são subdivididos em principais (materiais, mentais e relacionais) e os secundários (comportamentais, verbais e existenciais). Estes são secundários

porque, de acordo com Halliday e Mathiessen (2004), fazem fronteiras entre os principais, como mostra a Figura 2:



Figura 02 - A gramática da experiência: tipos de processo (adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004, p. 172, *apud* Cunha e Souza, 2011, p. 70).

Dessa forma, de acordo com Fuzer e Cabral (2011, p. 43): a representação da experiência externa, realiza-se por processos materiais; a representação da experiência interna é feita pelos processos mentais; a representação das relações é por processos relacionais; a representação de comportamentos, são os processos comportamentais; a representação dos dizeres é pelos processos verbais, e a representação da existência de um participante é pelos processos existenciais.

Esses tipos de processos fazem parte de um espaço semiótico, cujas regiões trazem diferentes sentidos, porém são contínuos, mutáveis, porque são baseados numa indeterminação semântica, já que as experiências humanas trazem essa indeterminação. O que nos permite dizer também que não há polos entre um processo e outro, mas uma continuidade,

pois o contexto e as relações semânticas é que fornecerão elementos para que se possa identificar os processos como de um tipo e não de outro.

Essa perspectiva de entender o enunciado em um contexto mais amplo, envolvendo os participantes, não está comprometida apenas com a sintaxe, mas vem apresentar também uma visão semântica sobre o que é dito.

Dessa forma, vale dizer que os processos são os elementos responsáveis para representar e codificar ações, eventos, estabelecer relações, experimentar sentimentos, construir imagens dos objetos do mundo exterior e dizer coisas, já os participantes são os termos que estão envolvidos, de forma obrigatória ou não, com os processos e esses se configuram à esquerda ou à direita do processo, codificando, portanto, em termos sintáticos, sujeito e objeto da oração.

Os participantes assumem natureza variada, dependendo do tipo de processo no qual estão envolvidos. Por esse motivo, são como o centro experiencial de uma oração, contribuem para mudanças temporárias ou permanentes dos eventos discursivos.

A partir de agora, para atender às expectativas de nossa pesquisa, optamos por apresentar apenas os processos e seus participantes no sistema de transitividade, proposto por Halliday (1985), Halliday e Mathiessen (2004, 2009).

1.1.1.1.1 Processos e Participantes

Ao considerarmos a transitividade como um sistema da oração “que afeta não apenas o verbo que serve como processo, mas também os participantes e as circunstâncias” (Cf. HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004), queremos dizer que o processo significa o fazer ou acontecer, o participante que age e o participante que sofre a ação e também aquele que sente.

Vejamos a Figura 3:

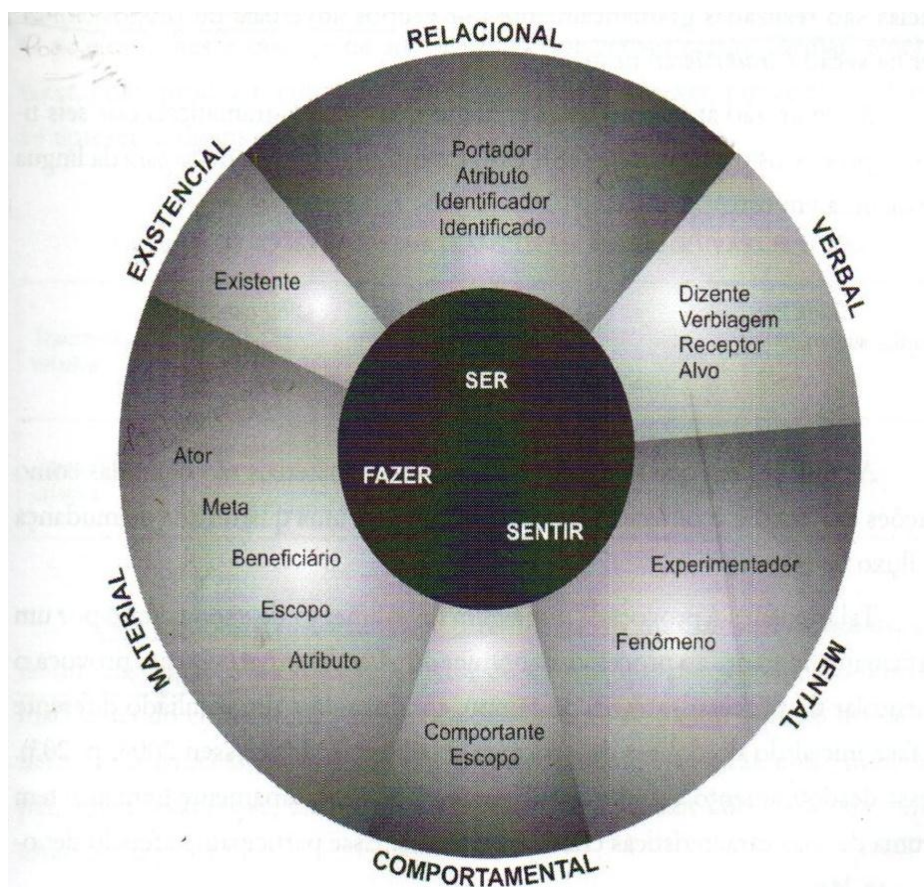


Figura 03—Processos e Participantes (esquematizado a partir de HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p. 45)

Esses participantes são apresentados por grupos nominais e são representados por tributos e coisas “ordinárias”, na expressão de Halliday & Mathiessen (1999, p. 60, *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p. 46).

A partir da análise de processos e participantes, interpretaremos *quem* e *o quê* estão sendo representados nos artigos de opinião, de modo a construir os significados que veiculam a opinião nesse gênero. Isso porque o sistema de transitividade constrói, na linguagem, o mundo da experiência. E cada um tem seu modo próprio de construir um domínio particular de experiências em planos específicos, de acordo com os participantes que lhe são associados e de acordo com o contexto de uso. Portanto, orações com diferentes processos e, por conseguinte, divergentes transitividades, fazem contribuições distintivas para a construção da experiência nos vários domínios discursivos, e é essa contribuição que analisamos nos artigos de opinião que constituem o *corpus* deste trabalho.

De acordo com Furtado da Cunha e Souza (2007), os **processos materiais** se referem às ações físicas e concretas, isto é, eles descrevem um processo de “fazer algo” que constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis. Estes são classificados em dois subtipos: os criativos (criar, compor, construir, pintar, abrir etc.) e os transformativos (colorir, destruir, quebrar, cortar, reduzir, iluminar, dentre outros).

Nesses processos, o participante pode ser ator, pertinente a qualquer oração, seja transitiva ou intransitiva. Este é responsável pela execução da ação do processo verbal e codifica, sintaticamente o participante sujeito. Meta, aquele para quem o processo é direcionado e que é afetado pelo ator do processo material, codificando o objeto. Extensão ou participante especificador que complementa a ação do processo. Pode ser também um prolongamento do processo quando este é lexicalmente vazio e o beneficiário, participante que se beneficia da ação verbal e que codifica, em termos sintáticos, também o sujeito, mas não como o agente.

Os **processos mentais** ressaltam o pensar, o saber, o entender, o perceber (denominados de processos mentais cognitivos), o amar, o detestar, o gostar, o ter medo (chamados de processos mentais afetivos) e o ver, o perceber, o ouvir (nomeados como processos mentais de percepção) etc. Esse tipo de processo traz como participantes o experienciador, consciente que experimenta um sentir e se apresenta sintaticamente como sujeito, e como fenômeno, fato perceptível, compreendido ou sentido.

Os **processos relacionais**, por sua vez, estabelecem um acoplamento entre entidades, discernindo-as ou categorizando-as na medida em que classificam a experiência de um a outro. Esses processos são identificados como atributivos, e seus participantes são denominados de atributo e portador. Já nos identificadores, os participantes são chamados de identificador e identificado.

Em relação aos **processos verbais**, esses dependem basicamente de verbos que se referem ao dizer, ao comunicar, ao apontar, tendo como participantes o dizente, o receptor (participante opcional) e a verbiagem.

Quanto aos **processos comportamentais**, eles são responsáveis pela construção de comportamentos humanos, incluindo atividades psicológicas e fisiológicas, mas não tão nítidas como os demais processos. Seus participantes são o comportante, componente obrigatório deste processo, e o comportamento, participante opcional que estende o processo.

Os **processos existenciais** se referem a algo que ocorre com o único participante desse tipo de processo: o existente. Nestes, os verbos representam algo que existe, acontece ou se constrói. São representativos, no português, os verbos existir e haver.

Em suma, os processos materiais têm como significação básica a ideia de que *alguém* ou *algo faz alguma coisa* e o conceito de ação é oculto e envolve pelo menos um participante: o ator, meta e extensão. Os processos mentais, por sua vez, expressam as experiências do *sentir*, como a percepção (*ver, ouvir, perceber*), a cognição (*pensar, saber, compreender*), a afeição (*gostar, adorar, amar, odiar*) e o desejar (*desejar, querer*). O participante é um experienciador, ser consciente que sente um fenômeno, participante que designa o que *é sentido*. Já os processos relacionais servem para definir, caracterizar e identificar, atribuindo qualidades, posse ou circunstâncias, e assim, construir as experiências do mundo e de nossa consciência. Eles podem ser *atributivos* ou *identificativos*. Esse tipo de processo evidencia uma relação de natureza estática entre dois participantes: o portador e o atributo. Nos relacionais atributivos, são o atributo e o portador, nos relacionais identificativos, identificador e o identificado. Os processos verbais são aqueles que expressam formas de *dizer* e têm como participantes inerentes um dizente, aquele que diz ou comunica algo e o participante verbiagem, que se refere àquilo que é dito ou comunicado. Quanto ao processo comportamental, temos que ele é responsável pelo comportamento humano e traz como participantes, o comportante e o comportamento. E por fim, temos os processos existenciais que são a representação de algo que existe ou acontece. Entretanto, só há um único participante: o existente.

A partir do exposto, constatamos, que a premissa da LSF de que as escolhas não são aleatórias, são sempre significativas e produtoras de significados distintos quando se levam em consideração os contextos em que os artigos foram produzidos, que, neste caso, é o período eleitoral à presidência.

1. 2 Gêneros Textuais e Ensino de Língua

Ao se utilizar da Linguística Sistêmico-Funcional, percebemos a sua abertura em relação aos gêneros, pois para essa corrente teórica, os mesmos são vistos como elementos dinâmicos, porque são mutáveis quando se levam em consideração o fator tempo e os

propósitos comunicativos envolvidos na situação comunicativa. Por isso, os gêneros estão associados à cultura em que foram criados. Dessa forma, as oportunidades comunicativas culturais dos gêneros textuais ocorrem particularmente devido ao letramento, mediadas pela linguagem, ou seja, por uma enunciação-discursiva que considera o discurso uma prática social e uma forma de interação.

Para Halliday (1978, *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 49), o gênero é:

Modo ou conduto de comunicação, um dos meios textuais ou linguísticos disponíveis no registro, que ajuda os participantes da comunicação a perceber o tipo de situação. Dessa maneira, funcionando no nível do modo, os gêneros são relegados a ferramentas tipificadas que os participantes usam no interior dos registros para agir e interagir em determinado tipo de situação (...) que gera as tensões semióticas, os estilos retóricos e os gêneros que as expressam.

Assim, a relação interpessoal, o contexto de produção, as diferentes situações de comunicação, a interpretação e a intenção de quem produz esses gêneros, passam a ser peças--chave para o entendimento dos enunciados que não são mais dissociados do contexto referencial de elocução, pois para Martin, Christie & Rothery (1987 *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013):

Os gêneros funcionam como *processos sociais* porque os membros de uma cultura interagem entre si para realizá-los; são guiados por objetivos porque foram desenvolvidos a fim de fazer algo acontecer; e são graduais porque normalmente os participantes precisam dar mais um passo para alcançar seus objetivos”. (MARTIN; CHRISTIE; ROTHERY, 1987 *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 50). (grifos dos autores).

Em outras palavras, o texto passa a ser, numa concepção de interação, o espaço de concretização do discurso. Trata-se sempre de uma manifestação individual, do modo como um sujeito escolhe organizar os elementos de expressão de que dispõe para veicular o discurso do grupo a que pertence, sendo assim, uma instituição consciente, reflexo de um indivíduo que não apenas decodifica signos, mas que interage com os enunciados, evidenciando elementos de uma cultura letrada.

O que corrobora com Bazerman (2007, p. 23) ao dizer que “gêneros podem [...] assinalar para nós a situação e a ação, projetando o contexto invisível. O leitor e o escritor precisam do gênero para criar um lugar de encontro comunicativo legível da própria forma e conteúdo do texto”. Assim, percebemos que o sentido não está no texto, mas se constrói a

partir dele, no curso de uma interação. A leitura, tanto quanto a escrita, fazem parte do processo de instauração do(s) sentido(s), tendo em vista que o sujeito leitor tem suas especificidades, suas formações discursivas, sua história. Há múltiplos e variados modos de leitura. Bazerman (2007) acredita que os gêneros podem definir a situação e alinhar os participantes de papéis congruentes tais que eles possam chegar a algum grau de sentido coordenado.

Nos últimos anos, com ênfase às correntes teóricas que reforçam o uso do gênero dentro do contexto educacional, houve uma mudança significativa, pois, os mesmos deixaram de ser vistos apenas formalmente, mas como estruturas semióticas dinâmicas e mutáveis. (Cf. FILHO, 2011). Dessa forma, também vem a contribuir com um ensino de Língua Portuguesa, pois os gêneros materializados no texto ganham um lugar de destaque dentro do cotidiano escolar. O que corrobora com o que dizem os PCNs (1998, p. 18-19):

As propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem. Pode-se dizer que hoje é praticamente consensual que as práticas devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas, particularmente daquelas associadas aos padrões da escrita, sempre considerando que: a razão de ser das propostas de leitura e escrita é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio; a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva e não a produção de textos para serem objetos de correção; as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos. (PCNs, 1998, p. 18-19).

Assim, é proposto que o texto seja a unidade básica de ensino, o qual deve levar o aluno a dominar as situações de comunicação, pois os gêneros estarão presente em todas as atividades, seja de leitura, escrita e análise linguística. Dessa forma, são importantes porque surgem e se moldam para atenderem às necessidades de comunicação das pessoas, acompanhando as evoluções humanas e tecnológicas, são na verdade, segundo Marcuschi, (2005, p. 19) “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”. E atentamos para essa importância na comunicação, que reforça o uso dos gêneros no contexto escolar como objetos de ensino, porque ao levá-los à sala de aula, levamos os alunos também a participarem plena e criticamente de práticas sociais, desenvolvendo diferentes habilidades comunicativas a partir do entrelaçamento do texto e do contexto, juntamente com suas implicações sociais, para que assim, os alunos reconheçam a funcionalidade dos conteúdos para a vida social.

Nessa perspectiva, procura-se cada vez mais, dar concretude pedagógica à concepção de gêneros, pois à medida que eles estão intimamente ligados às mais variadas mobilizações humanas, a escola deve protagonizar ações que permitam ao estudante conhecer a especificidade e a finalidade de cada um, considerando as necessidades enfrentadas no dia a dia. Por isso, é pertinente pensar nos gêneros como instrumentos semióticos que fazem parte de nossa vida, os quais podem ser utilizados adaptativa mente para vários fins. (Cf. FILHO, 2011).

Na verdade, o ensino de Língua Portuguesa a partir de gêneros textuais discursivos é uma prática de ensino que transforma, questiona, proporciona aos alunos um envolvimento concreto, que desenvolve suas competências comunicativas. E para essa concretude, os professores precisam levar à escola, atividades que desvelem os valores e ideologias que estão ocultos às diferentes práticas sociais. E isso é possível através dos gêneros, pois fornecem aos alunos os conhecimentos linguísticos e textuais necessários para atuarem reflexivamente em diferentes atividades comunicativas através de textos originais, que circulam na sociedade. Essa importância é comprovada pelas palavras de Marcuschi (2008, p. 234) ao afirmar que “é no uso efetivo da língua e de modo especial no texto em sua relação com leitor ou ouvinte que o sentido se constitui”. Dessa forma, a atividade de leitura/compreensão de gêneros textuais proposta pela escola não pode ser entendida como algo mecânico, em que aquilo que está escrito corresponde a tudo que o escritor quis dizer e o que está entendido a tudo que foi dito.

Logo, fica claro, que quanto maior for a intensidade na vivência dessas práticas comunicativas no âmbito escolar, maior será a capacidade de o aluno refletir sobre realizações em contextos reais de comunicação e conseqüentemente, sobre valores ideológicos que perpassam nesse contexto, já que a todo momento nos deparamos com textos realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas, até porque os gêneros refletem todo o processo social envolvido na comunicação e esse pensamento vem colaborar com a premissa de Bronckart (1999) ao evidenciar que as condutas humanas são mediadas e organizadas pela linguagem. Assim, a linguagem é uma forma de ação que se realiza por meio do discurso socialmente situado e partilhado. E isso quer dizer que a língua não é fruto de construção individual, descontextualizada, mas é uma prática social, pois se realiza como ação conjunta e partilhada entre sujeitos e entre sujeito e o mundo.

E esse fenômeno só tende a acontecer através do discurso que se constrói em contexto social e histórico por sujeitos reais, que usam a língua para promoverem diferentes

ações de linguagem, as quais são fornecidas através do interacionismo sociodiscursivo, que situa o sujeito, o contexto e o discurso como constitutivos indissociáveis do processo de semiotização do pensamento, elementos estes que garantem plasticidade e dinamicidade à língua. Devido a isso, leva-se em consideração o funcionamento da língua em seus aspectos sociais, cognitivos, históricos e discursivos. O que se contrapõe à visão objetivista, que vê a língua como forma estruturalmente determinada.

Uma vez definida a concepção de linguagem norteadora das práticas de ensino de língua, adotamos uma teoria de gênero que embasa os estudos. De acordo com Bronckart (2003, p. 48) “conhecer um gênero de texto é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou, de forma mais geral, sua adequação em relação às características desse contexto social”. Como consequência, afirmamos que a representação de mundo para Bronckart (1999 *apud* BUENO, 2011) “leva a analisar as condutas humanas como ações significantes, ou como ‘ações situadas’, cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de tudo, um produto de socialização”. Dessa forma, os textos constituem as únicas manifestações das ações verbais humanas, ou seja, a linguagem. Pensamento este que corrobora com Habermas (1987, *apud* BRONCKART 2001, *apud* BUENO 2011) no sentido de que veem a atividade de linguagem como função reguladora das ações em grupo, funcionando como meio de reger, avaliar e comentar determinadas funções.

Esse uso da linguagem acontece no interior das comunidades através da oralidade e depois, pela escrita. Mas observamos que os textos produzidos não apresentam semelhanças, eles divergem de acordo com as situações. Ou seja, se mudam as situações comunicativas, os objetivos, obviamente mudam os textos, os quais utilizados em cada situação podem ser agrupados e classificados em gêneros de textos, que são funcionalmente pertinentes a cada situação comunicativa. Bronckart (2001, p. 3, *apud* BUENO 2011, p. 30) ainda acrescenta que esse processo de adaptação do gênero a cada situação vai levar o surgimento de um texto singular, e isso contribuirá para a transformação do intertexto da comunidade verbal envolvida.

Dessa forma, o gênero se configurará em outros gêneros e para esse acontecimento, segundo Bronckart (1999, 2001 *apud* BUENO, 2011), é necessária a realização de três operações de linguagem:

- A elaboração de um mundo discursivo, operação que consiste em escolher um mundo de apresentação do conteúdo referencial mobilizado: mundo do EXPOR ou mundo do NARRAR; no segundo caso, mundo “realista” ou mundo “ficcional”.

- A adoção de uma forma de sequencialidade (ou de sequência, no sentido de Adam, 1992 *apud* Bueno, 2011, p. 31), operação que consiste em adotar um modo convencional de organização linear das frases que compõem o segmento de texto (esquema narrativo, sequência argumentativa etc.)
- A escolha de implicar ou não, no próprio texto, os parâmetros da situação de produção e, mais especificamente, de remeter ou não ao agente produtor do texto, de um lado, e a seus receptores eventuais de outros. (BRONCKART, 1999, 2001 *apud* BUENO 2011, p. 31).

Essas três operações permitem chegar a um número limitado de tipos de discursos enquanto o número de gêneros é ilimitado.

Bronckart (1999 *apud* Bueno, 2011, p. 32) também apresenta quatro tipos de discurso: o discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração, os quais são evidenciados no quadro abaixo:

	Conjunção com o mundo real – EXPOR	Disjunção com o mundo real – NARRAR
Implicação em relação ao ato de produção	Discurso interativo	Relato interativo
Não implicação em relação ao ato de produção	Discurso teórico	Narração

Quadro 05 - Os tipos de discurso (Cf. BRONCKART, 1999 *apud* BUENO, 2011, p. 32)

Pelo que se vê no Quadro 05, os tipos de discurso são segmentos de um texto referentes a um determinado gênero. O que não o impede de também serem ordenados de acordo com o tipo de discurso, pois, para Bronckart (2001, p. 5, *apud* BUENO, 2011, p. 33), “cada texto é constituído por uma articulação mais ou menos complexa de tipos de discurso, que, por sua vez, comportam eventualmente, formas de planificação infraordenadas (ou sequências).” Esse primeiro nível de organização que chamamos de infraestrutura, mostra, portanto, uma heterogeneidade mais ou menos importante.

Essa heterogeneidade é envolvida pelos subconjuntos de mecanismos, permissivos para a constituição de um texto, como os de textualização (coesão e coerência) e os enunciativos (vozes e modalização), ou seja, para Bronckart (2001 *apud* BUENO, 2011), a organização interna de um texto de um dado gênero constitui um “folhado” composto por três camadas:

- O nível profundo de infraestrutura, definido pelas modalidades específicas de articulação dos tipos de discurso que o texto mobiliza e pelas eventuais sequências observáveis no interior dos tipos;

- O nível “intermediário” dos mecanismos de textualização, que conferem ao texto sua coerência temática ou linear;
- O nível dos mecanismos enunciativos, que conferem ao texto sua coerência interativa ou pragmática. (BRONCKART, 2001 *apud* BUENO, 2011).

Assim, acreditamos que os gêneros mediam as interações, e isso se evidencia a partir do momento em que o usuário da língua se utiliza de determinados conhecimentos, os quais, para Bronckart (2001 *apud* BUENO, 2011), são:

- O contexto de produção - da situação de produção de um texto deste gênero, ou seja qual o seu contexto físico (lugar de produção, o momento de produção, o emissor, a modalidade possível – oral ou escrita-, o receptor do texto) e qual o seu contexto sócio-subjetivo, ou seja, qual o lugar social de produção (escola, família, igreja, imprensa etc.), qual a posição social do emissor-enunciador na interação que se dará via texto de tal gênero (pai, professor, presidente, operário etc.), qual a posição social do receptor-destinatário nessa interação (aluno, professor, patrão, presidente etc.), e qual o objetivo (ou objetivos) dessa interação;
- Os tipos de discurso e de suas articulações no interior de um texto desse gênero, formando a sua infraestrutura textual;
- Os mecanismos de textualização;
- Os mecanismos de enunciação. (BRONCKART, 2001 *apud* BUENO 2011, p. 34).

Então, ao observar a importância do gênero enquanto instrumento de adaptação e de participação da vida social-comunicativa do ser humano, o ensino de língua para Bronckart (2001 *apud* BUENO, 2011, p. 35) “deve visar ao domínio de gêneros e, portanto, ao estudo dos textos de cada gênero.”, corroborando com o que afirmam os PCNs (1998), ao enfatizar que o ensino deve levar o aluno a tornar-se um cidadão e o domínio de gêneros contribuirá para isso, já que os mesmos terão uma importância no processo de inserção social do aluno na sociedade, uma vez que será por meio do uso de gêneros adequados a cada situação que o aluno conseguirá se colocar diante de seus interlocutores como ouvinte-leitor ou falante-escriptor.

Assim, é imprescindível que o aluno conheça as características de cada gênero e as situações comunicativas em que se realizam. Isso lhe permitirá aperfeiçoar a linguagem com a qual já tem afinidade e (re) conhecer outras estratégias que possibilitem uma interação social mais eficiente. E mais, para assimilar um gênero é necessário apreender os contextos que os textos estão inseridos. Segundo Miller (2009 *apud* ALVES FILHO, 2011, p. 51), “a situação não é o espaço físico, mas resulta de compreensão feita pelos usuários em relação ao ambiente em que se encontram ou que estão analisando”, ou seja, os sujeitos inseridos numa

situação social constroem uma interpretação da situação na qual se encontram e respondem a ela de acordo com essa interpretação.

Dessa forma, o contexto de situação envolve aspectos físico, ambiental e discursivo, relevantes para a compreensão do texto. Para isso, de acordo com Alves Filho(2011), é importante a existência dos interlocutores e os papéis desempenhados por eles. Já o contexto cultural, inclui conjunto de valores, crenças e ideologias que fazem parte da comunidade discursiva. Cabe, portanto, à escola um trabalho voltado à leitura e à produção de textos na perspectiva dos gêneros textuais mencionado acima, pois ela permite, uma inserção prática nas atividades comunicativas humanas.

1.2.1 Gênero Jornalístico: Linguagem do Jornal

Segundo Bronckart (2003), perceber um gênero de texto é dominar suas condições de uso, é entender sua adequação em relação às características desse contexto social, o que corrobora com Martin (1997 *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 51) “ao mostrar como os propósitos/motivos sociais se ligam às estruturas textuais, e como estas estruturas se realizam como ações sociais e linguísticas situadas dentro do registro.” E como consequência, podemos afirmar que a representação de mundo para Bronckart (1999 *apud* BUENO, 2011) é “levar a analisar as condutas humanas como ações significantes, ou como ‘ações situadas’, cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de tudo, um produto de socialização”. Dessa forma, os textos constituem as únicas manifestações das ações verbais humanas, ou seja, a linguagem, no sentido que a vê como função reguladora das ações em grupo, funcionando como meio de reger, avaliar e comentar determinadas funções.

Ao ter em mente essa visão, ultimamente, o suporte jornal passou a ser considerado um excelente recurso para a didatização das aulas, visto que o mesmo contempla o jogo interlocutivo ocorrido nas situações de interação, cujos elementos envolvidos atingem, segundo Leal (2014), um determinado leitor, cujo objetivo também é especificado, apresenta veiculação garantida ao trazer estrutura formal e conceitual em função do determinado gênero a ser produzido, devido a isso pode ser considerado um recurso para o trabalho com a escrita, a leitura e a análise linguística, porém essa prática precisa ser mais efetivada dentro do contexto educacional.

No que concerne aos âmbitos da leitura, da escrita e da análise linguística, o suporte jornal é um dos objetos culturais com grande circulação garantida na sociedade e no contexto escolar. Para Leal (2014), isso se dá pelo simples fato de se ter acessibilidade facilitada, também por ser um veículo de informação, de formação e de atualização frente aos acontecimentos que cercam a sociedade, ainda por ser um suporte onde circulam inúmeros gêneros textuais e que atendem a interesses e objetivos de diferentes leitores.

Enfim, o jornal traz inovadoras formas de didatizar a prática pedagógica e é também um forte aliado no processo de formação de leitores e escritores, de modo a capacitá-los para construir a história de seus tempos e de prepará-los para compreender e interferir na realidade. O que culmina num importante instrumento a serviço do ensino.

1.2.1.1 Gêneros Jornalísticos: Manchete e Artigo de Opinião

Os jornais são veículos de comunicação, principalmente no sentido de divulgar informações e expressar opiniões. Dessa forma, evidenciamos a manchete, como um gênero, a qual as pessoas estão constantemente expostas, por ser veiculada na mídia, e por isso também, é efêmera e atual, o que corrobora com Lustosa (1996 *apud* BUENO, 2011) ao dizer que o jornal pertence ao tempo, a partir do momento que o mesmo só tem valor por um dia e no outro é descartado.

Em relação as funções sociais bem como retóricas designadas pela manchete, dizemos que elas podem estar implícitas ou explícitas. Implícita a partir do momento que se promovem crenças e valores dos grupos sociais dominantes, em contrapartida, a função explícita, é a de informar os leitores acerca dos fatos atuais, considerados de grande importância para determinados grupos sociais.

Por outro lado, temos o artigo de opinião que é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores. Conforme Rodrigues (2007), nesse gênero, interessa a apresentação dos

acontecimentos sociais em si, mas a ênfase é na análise, na posição do autor, pois o processo interativo se sustenta pela construção de um ponto de vista.

1.2.1.1.1 Gênero Manchete: Construção e Propósito dentro da Notícia

Como nosso foco são as manchetes jornalísticas, as quais norteiam os alunos para a produção dos artigos de opinião, fizemos algumas considerações sobre esse gênero, lembrando o posicionamento de Marcuschi (2002), quando diz que os gêneros textuais se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais, do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Isso quer nos mostrar que nem sempre a forma determina o gênero, o que muitas vezes será feito através do suporte ou função. Assim, cabe-nos dizer que muitas vezes não é o padrão linguístico que vai determinar uma manchete, pois o enunciado de um gênero reflete sua condição específica de produção além de sua finalidade, pré-determinando seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Ou seja, a manchete jornalística, em alguns momentos, se configura em um gênero multimodal, pois em sua constituição estão envolvidos mais de um código semiótico, o qual compõe um texto cercado por um discurso que é orientado por uma prática social.

De acordo com Hidalgo (2009, p. 18), as manchetes têm a função de “conquistar o leitor, distraí-lo de outros afazeres, seduzi-lo até deixá-lo satisfeito com a informação que lhe transmitia, ou melhor até despertar-lhe a curiosidade que lhe faz ler a cada dia a notícia que encabeça. ”

O que corrobora com Dias (1996) ao afirmar que:

A manchete contém a macro informação, cuja função é despertar o interesse do leitor para certos pontos que, espera-se, sejam desenvolvidos no corpo da notícia. Há um encaminhamento a leitura no sentido de que a ordem de relevância dada, muitas vezes um mero pormenor, sirva para atrair a atenção do leitor, conduzindo seu interesse naquilo que o jornal julga ser o mais importante, levando-o a uma leitura predeterminada. (DIAS, 1996, p. 106-107).

A manchete é talvez o gênero mais lido do jornal, devido ao fato de que todos têm pouco tempo para realizar tal ato de forma detalhada e por isso, começamos a ler as

notícias pelo referido gênero. A manchete é tão importante que muitas vezes o leitor apenas lendo-a, já infere o conteúdo de toda a notícia e, se agradá-lo, finaliza a leitura, caso contrário, passa para outra até encontrar um fato que lhe chame a atenção. Segundo Gómez Monpart (1982, p. 2), “as manchetes formam o primeiro nível informativo da notícia.”. Elas funcionam como um convite, servem para que possamos folhear o jornal, para que tenhamos uma primeira impressão sobre o que virá.

A manchete, apesar de ser um gênero curto, apresenta alguns elementos estruturais, como o antetítulo que a antecede, parte que se constitui por fazer um breve comentário sobre a manchete. Pode ser uma nota, mas não aparece em todos os jornais; temos o subtítulo, que vem depois da manchete, parte que dá ao leitor a descrição do conteúdo. E mais, de acordo com Corrêa (2000), esse gênero é em grande parte, constituído de orações curtas, ordem direta, sem rebuscamento e invenções sintáticas, ausência de ponto final, pois funciona como título, o qual promove a notícia e/ou reportagem no interior do jornal por isso não é pontuada, exceto em caso de perguntas.

Outro fato importante é que o jornal, por tratar de assuntos atuais, traz os verbos das manchetes no tempo presente. E para que as mesmas sejam precisas devem responder aos seguintes questionamentos: Como? O quê? Onde? Quem? Quando? Por quê?

Segundo Alves Filho (2011), muitos gêneros podem ser escritos a partir da manchete, como os relatos pessoais, as entrevistas, charges, crônicas, fotografias, propagandas, comentários, cartas de leitor, editoriais e artigos de opinião. O produto que temos, fruto das manchetes é o artigo de opinião e se destaca pelo fato de que é a reação-resposta avaliativa aos fatos noticiados.

1.2.1.1.1 Artigo de Opinião

A abordagem vista até aqui foi de uma linguagem como ação que se constrói por meio do discurso situado e (com)partilhado. Assim, reconhecemos dois aspectos relevantes dessa construção: (i) essas ações de linguagem expressam intenções comunicativas de sujeitos sociais a partir de experiências inter e intrassubjetivas; (ii) as formas de

organização do discurso estão vinculadas às esferas sociais de comunicação, nas quais esses discursos circulam, o que traz a noção de gênero textual ou do discurso.

Já diz Bakhtin (2000) que todo uso que fazemos da língua se dá por meio de um texto/discurso – oral ou escrito – de um gênero de texto, o qual é institucionalizado por aproximações da atividade humana, socialmente organizadas e que permitem a fácil comunicação/interação entre os membros de uma comunidade discursiva.

Ainda de acordo com Bakhtin (2000), os gêneros do discurso são dados quase como é dada a língua materna, pois é dominada mesmo antes de estudar a gramática, dessa forma, aprender a falar é aprender a estruturar enunciados, é para isso que os gêneros do discurso servem: organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as formas gramaticais.

Não se pode falar em comunicação, em discurso se não destacarmos os gêneros, já que eles são construtos de natureza social, cognitiva e linguística e funcionam como modelos de referência para o usuário da língua.

E é a partir dessa perspectiva, quanto a transposição teórico-metodológica do interacionismo sociodiscursivo para uma abordagem didática dos gêneros textuais que contemplamos dois aspectos principais, o primeiro diz respeito ao desenvolvimento da competência discursiva para usar a língua em diferentes contextos, através de gêneros textuais orais e escritos e, o segundo, de ser capaz de conhecer e dominar recursos linguísticos que instrumentalizam o sujeito a produzir e compreender textos de diferentes gêneros. Nessa direção, as práticas escolares de ensino e aprendizagem, marcadas no desenvolvimento da competência para o uso da língua em gêneros, passam a ter um caráter social e funcional.

Logo, a incorporação das contribuições trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, no contexto educacional, desencadeou uma mudança na forma de ensinar a língua materna nas escolas brasileiras. De acordo com o documento (1998, p. 18), “as propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem”. Dessa forma, ficou para trás um ensino pautado em estruturas para vinculá-lo a situações concretas de uso da língua, apresentando a noção de gênero textual como fundamental para o desenvolvimento de uma proposta de ensino-aprendizagem em língua materna, pois tendo o texto como objeto de ensino os PCNs(1998, p. 48), dizem que “é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e constitutivos do gênero quanto das particularidades do texto selecionado, dado que a intervenção precisa ser orientada por esses aspectos

discretizados”. Portanto, é possível enfocar nas situações de ensino o desenvolvimento de diversas capacidades no aluno pela especificidade de cada gênero. O documento aponta a necessidade de os professores de língua abandonarem a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros de circulação social.

Tal conjectura é ressaltada por Dell’Isola (2007, p. 25) ao afirmar que “os alunos devem se preparar para compreender a dinâmica dos gêneros que circulam na sociedade e estarem aptos a interagir com a escrita a que estão familiarizados e com a que não lhes é familiar, dada a dinamicidade do discurso”. Assim, precisamos aproximar os gêneros textuais da esfera do ambiente discursivo escolar, pois eles garantem aprendizagem efetiva e ampliam a visão de mundo dos estudantes que não têm o hábito de escrever textos de uso social. Isso concorre para responder às exigências da formação de alunos críticos, capazes de refletirem, compreenderem e escreverem discursos, concordarem e discordarem, reverem e transformarem pontos de vista na manutenção dos processos de interlocução.

Para Bräkling (2000, p. 223), “as atividades de escrita necessitam privilegiar o trabalho com um gênero no qual as capacidades exigidas do sujeito para escrever sejam, sobretudo, aquelas que se referem a defender um determinado ponto de vista pela argumentação, refutação e sustentação de ideias”. Então, cabe à escola a responsabilidade de promover práticas em que os alunos pensem sobre o mundo e utilizem a linguagem, de modo a garantirem os saberes para o exercício da cidadania e a interação social. O trabalho com gêneros textuais permite a descoberta das capacidades que o estudante traz consigo advindas de suas experiências de mundo e de sociedade. Bronckart (2003), afirma que a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção de prática nas atividades comunicativas humanas.

Neste momento, projetamos um caminho longo acerca da transitividade no gênero artigo de opinião, apreendendo que um gênero apresenta um contínuo de variação que vai do representante mais típico até aquele que mais se afasta desse padrão. Para perfazer a análise em textos opinativos, teremos como embasamento, os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, sondando exclusivamente o papel do sistema de transitividade na construção da opinião veiculada pelas manchetes e efetivada nos artigos de opinião.

A análise é apresentada a partir de processos e participantes que tiveram um número significativo de ocorrências nos dados, bem como os tipos de argumentos que esses

processos trazem para os artigos de opinião e que compõem a investigação realizada em nossa dissertação.

Bräkling (2000), define o artigo de opinião como um gênero discursivo no qual se busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição, e de refutação de possíveis opiniões divergentes. De acordo com a autora, é um processo que antecipa uma operação constante de sustentação das afirmações, realizada por meio da apresentação de dados resistentes. Mesmo que o produtor do artigo se constitua numa autoridade para o que é dito, muitas vezes ele busca outras vozes para a construção de seu ponto de vista, por corroborar nas evidências dos fatos que pleiteiam a validade do que diz. É um gênero que pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende.

De acordo com Perelman (1988), a argumentação objetiva provoca ou aumenta a adesão do interlocutor às teses apresentadas ao seu consentimento. Dessa maneira, a interação ocorre a partir do ponto de vista sustentado pelo autor e aceito pelo leitor. O que concorda com Pereira (2006), ao dizer que:

A argumentação busca convencer, influenciar, persuadir alguém; defende um ponto de vista sobre determinado assunto. Consiste no emprego de provas, justificativas, a fim de apoiar ou rechaçar uma opinião ou uma tese; é um raciocínio destinado a provar ou a refutar uma dada proposição”. (PEREIRA, 2006, p. 37).

A alegação de que sem conhecimento não se sustenta uma opinião é validada por Faraco e Tezza (2001), quando afirmam que defender uma opinião pressupõe argumentos ou provas, e construir um bom texto argumentativo é apresentar o outro lado, para melhor fundamentar o próprio lado. Eles também enfatizam que não há argumentos em estado ‘puro’, ou seja, eles normalmente se dirigem a um interlocutor que já tem suas opiniões formadas. Devido a isso, é necessário levar em consideração essas opiniões, seja para omiti-las ou antecipar uma possível resposta. No artigo de opinião, portanto, os sujeitos envolvidos na interação aceitam as ideias discutidas pelo autor.

De acordo com Kaufman e Rodríguez (1995), o artigo de opinião possui relação direta com as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor e não só com a pertinência dos argumentos apresentados, especificam estratégias que podem ser usadas para fundamentar os argumentos: acusações ou ataques aos oponentes, qualidades e enaltecimentos

exaltados, apelação à sensibilidade das construções impessoais para dar o voto, não obstante, é a expressão do posicionamento crítico do autor que garante consistência ao artigo de opinião. Essas estratégias ou melhor dizendo, esses argumentos foram encontrados nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, *corpus* deste trabalho.

Os atributos do contexto de produção que são enunciador, assunto e finalidade comunicativa, determinam a configuração do artigo de opinião. Geralmente, esse gênero encontra-se na seção destinada à emissão de opiniões e sua publicação é periódica, podendo ser semanal, mensal, quinzenal. O espaço físico que ele ocupa é limitado, normalmente de meia a uma página, dependendo do veículo de publicação.

De acordo com Antunes (2006, p. 46), “quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo”. Dessa forma, na produção do artigo, o autor seleciona uma linguagem comum, ao passo que emprega um conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais, com uma sintaxe acessível ao leitor comum ou cuidada, quando se vale de um vocabulário mais preciso e raro, com uma sintaxe mais elaborada. A escolha por um dos níveis depende do público a que se destina o texto. Com o propósito de manter a coerência temática e a coesão, o produtor vale-se de operadores argumentativos (mas, entretanto, porém, portanto, além disso etc.) e dêiticos (este, agora, hoje, neste momento, ultimamente, recentemente, ontem, há alguns dias, antes de, de agora em diante). Já no que concerne a apresentação da questão e dos argumentos, o autor utiliza predominantemente o presente do indicativo, mas também pode fazer uso do pretérito quando especificar explicações ou apresentação de dados e evidências. É muito comum também o emprego de argumentos de autoridade, que consiste na citação de autores renomados ou de autoridades no assunto para comprovar uma ideia, uma tese ou um ponto de vista.

Pereira (2006), enfatiza que na sequência argumentativa, o autor pode se colocar de modo pessoal (em primeira pessoa: na minha opinião, penso que etc.), ou de modo impessoal (em terceira pessoa: é provável que, é possível que, não se pode esquecer que, convém lembrar que etc.), porém se encaixa como um tipo de texto de base dissertativa, pois o autor constrói uma opinião e cada parágrafo, habitualmente, contém um argumento que dá suporte à conclusão geral. De acordo com Cunha (2002, p. 179), “o artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do

leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito”. Dessa forma, enfatizamos a dialogicidade no processo de produção, em que o autor coloca-se no lugar do leitor, e antevê suas posições para poder refutá-las. Ele justifica suas afirmações, tendo em vista possíveis questões ou conclusões contrárias, suscitadas pelo destinatário.

1.2.1.1.1.1 Estrutura do Artigo de Opinião

Para que um artigo de opinião seja produzido, é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação, refletindo a respeito do assunto. Dessa forma, o artigo de opinião pode ser estruturado da seguinte maneira: situação-problema, discussão e solução-avaliação.

Observamos, então que a situação-problema expõe a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca, de fato, contextualizar o assunto a ser abordado, por meio de afirmações gerais e/ou específicas. Nesse momento, pode evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do artigo, bem como a importância de se discutir o tema; a discussão expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Segundo Guedes (2002), todo texto dissertativo precisa argumentar, ou seja, apresentar provas a favor da posição que assumiu e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relações entre conceitos e fatos. Para evitar abstrações, habitualmente faz uso da exposição de fatos concretos, dados e exemplos, com o emprego de sequências narrativas, descritivas e explicativas, entre outras. Quanto a solução-avaliação, a mesma evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado. Não é adequado um simples resumo ou mera paráfrase das afirmações anteriores.

Tal estrutura não é rígida, mas o caracteriza, diferenciando-o de outros gêneros, a fim de facilitar os encaminhamentos didáticos presentes no seu processo de ensinoaprendizagem, porém para que o artigo de opinião ganhe vida, um fator relevante é a argumentação pelo fato de que esta é ligada ao conjunto de ações humanas, cuja finalidade é

promover a adesão do outro para levá-lo a um determinado comportamento ou aceitação de uma opinião através de convencimento ou persuasão. Embora esteja relacionada, e muitas vezes aparece na construção de um único gênero do argumentar, a argumentação revela-se distinta de se conseguir a adesão do outro, a mudança de atitude. Assim, enquanto na ação de convencer, busca-se reforçar o ponto de vista, com base em argumentos por citação, por comprovação, já na ação de persuadir, apoia-se mais em argumentos por experiência pessoal, de senso comum.

O enfrentamento entre dois pontos de vista, o debate sobre uma questão polêmica ou a simples vontade enunciativa de defender um determinado ponto de vista, como mostra o artigo de opinião criam contextos de produção para a escolha do discurso argumentativo. O que mostra que os gêneros do argumentar apresentam um plano global básico, que os torna semelhantes na sua organização composicional. Ou seja, pelo menos a tese, na qual o sujeito expõe sua posição frente a uma questão polêmica, e a justificativa (ou sustentação), composta de argumentos que têm como objetivo serem suportes da posição assumida pelo sujeito emissor. O discurso argumentativo pode, também, apresentar uma organização composicional mais complexa e ampliada, que revela a intenção do sujeito de não só defender uma posição, mas, também, de negociá-la com seu interlocutor. Nesse caso, além de conter os componentes básicos – tese/posição e justificativa –, a argumentação passa a contar com a contraposição, e a justificativa é ampliada por contra-argumentos. Essas duas sequências textuais – contraposição e contra-argumentação –, quando presentes na produção do aluno, revelam duas capacidades: a primeira de angular a questão polêmica sobre mais de uma perspectiva; e a segunda, antecipar-se a possíveis posicionamentos de seu interlocutor (Cf. BARROSO, 2005). A contraposição, como o próprio nome diz, coloca-se na argumentação como uma oposição à posição, que pode ser evidenciada através de expressões linguísticas. O contra-argumento, quando presente, deve estar diretamente associado ao argumento anteriormente apresentado, mantendo, assim, a coerência do texto. A conclusão é outro componente do discurso argumentativo presente, principalmente, em situações formais. Ela tem, em princípio, o objetivo de servir de síntese para o fechamento das discussões. Vale lembrar, no entanto, que, dependendo de fatores contextuais e da intenção do emissor, a conclusão, ao invés de fechar a discussão de forma definitiva, pode ser usada como um convite à reflexão. É possível, também, identificar outro componente do discurso argumentativo, cuja função é a de situar o contexto de onde emerge a questão polêmica. A contextualização, ou situação inicial, tem função discursiva semelhante à da orientação em narrativas.

A persuasão também é um elemento importante para a construção do artigo de opinião e, segundo Fowler (1991, p. 10), “a língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação e, como consequência, a visão do mundo resultante será necessariamente parcial”, devido a isso, há uma diversidade de fatores subordinados à comunicação humana, como os atos de fala indiretos, o *frame*, a polidez, o intertexto, a intersubjetividade, pois ao falarmos ou escrevermos estamos quase sempre argumentando, tentando convencer o interlocutor e para isso, adquirimos um recurso chamado de persuasão, já que para a realização de qualquer fenômeno comunicativo, o autor do texto está a todo momento realizando avaliações explícitas ou implícitas ao se posicionar mediante a um conteúdo da mensagem e ao endereçado. De acordo com Latour e Woolgar (1979, p. 240), “o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos”, dessa forma, não é cabível dizer que, para persuadir, os fatos devam ser evidenciados como verdadeiros através da incorporação de feições persuasivas.

Pelo fato de a persuasão incluir a ativação e a participação do sistema cognitivo do leitor no processo de aceitar a perspectiva do autor, falamos também de 'sedução' em vez de convicção. E para que um método analise um discurso de forma eficaz deve preencher algumas condições mínimas que, segundo Fairclough (1992), seria a multifuncionalidade do método de análise. Nesse sentido, o autor sugere a teoria sistêmica da linguagem, de Halliday (1978, 1985, 1994), a qual considera a linguagem como tri-funcional, visto que os textos representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades, de maneira simultânea, corroborando com o princípio da LSF ao dizer que enfatizando a concepção da gramática de uma língua como organizada por sistemas de 'opções', permitem aos falantes fazerem 'escolhas' de acordo com as circunstâncias sociais, e cada uma dessa escolha adquire seu significado em relação a outras escolhas que poderiam ter sido feitas.

Ao conhecer esses princípios, todo professor disposto a ampliar o discurso escrito de seus alunos poderia introduzir gradativamente atividades que explorem artigos de opinião, levando em conta a escrita, contribuindo na formação do leitor e no desenvolvimento global de sua capacidade comunicativa e reflexiva acerca de assunto que circulam a vida social desses aprendizes e a partir dessas produções introduzem o estudo da análise linguística, já que para se analisar é preciso que objeto esteja envolvido numa situação real de comunicação.

1.3 Definição de Política

Como o trabalho trata das manchetes relacionadas ao período político que o Brasil vivenciou no ano de 2014, enfatizamos um pouco da visão de política demonstrada por Frese *apud* Fantinati (1990), Miguel (2000) e Charaudeau (2006).

Para Frese *apud* Fantinati (1990, p. 2), política deve ser entendida como “um processo polêmico, uma luta pelo poder, como luta pela própria autoafirmação, visando ao domínio dos seres humanos em uma consentida unidade política e como luta pela imposição e legitimidade de um anseio de domínio. ”

Miguel (2000) concorda com Frese no tocante de que a política traz uma “ideia de disputa pelo poder”. Para o autor, a política é um ambiente feito de razão, expressa pelos julgamentos factuais e elementos irracionais pelos juízos de valor. Ou seja, para Miguel, fazer política é apresentar projetos bem definidos, pois

Todo projeto busca uma unidade capaz de levá-lo adiante, de implantá-lo. Para que ganhe viabilidade, ele precisa reunir uma multiplicidade de individualidade, interesses e ambições num projeto comum. Deve incorporar o particular num geral e, de maneira reversa, tornar o geral integrante dos particulares (...). Essa é a tarefa criadora da política. (MIGUEL, 2000, p. 39).

Para Charaudeau (2006), que corrobora com o pensamento de Habermas (1990 *apud* Charaudeau, 2006, p. 19), a política está situada em “dois processos contrários: a produção comunicativa de um poder legítimo (...) e a constituição dessa legitimação pelo sistema político, com a qual o poder administrativo estabelece uma relação reflexiva”. Ou seja, se o poder administrativo se volta para as regras da ação política, o poder comunicativo também busca uma dominação legítima, que de acordo com o autor:

O espaço de discussão que determina os valores e responde a um espaço de persuasão no qual a instância política, jogando com argumentos da razão e da paixão, tenta fazer a instância cidadã aderir à sua ação. Todos os grandes políticos disseram ou deram a entender que a arte política reside em uma boa gestão das paixões coletivas, isto é, em um ‘sentir com os outros’ que é preciso acrescentar, os torna cegos, quanto às suas próprias opiniões e motivações pessoais. (CHARAUDEAU, 2006, p. 19).

Assim, dizemos que é através dos lugares de discussão e persuasão que o campo político se define e que as palavras também não significam tudo.

Charaudeau (2006) acrescenta, ainda, mais uma visão de Habermas, quando diz que há uma divergência entre o poder comunicativo, o qual se estabelece fora da dominação, porque é o povo que o inicia e o recebe e o poder administrativo, que envolve as relações de dominação. O autor acredita nesses aspectos e considera ainda que o poder político resulta da discussão de ideias no espaço público e o fazer político refere-se às decisões que são tomadas. Ou seja, o público e o privado se fundem através das relações de força desenvolvidas em um jogo de dominação, onde:

Cada um o faz misturando linguagem e ação: no primeiro é a linguagem que domina, no segundo, a ação. O primeiro lugar de uma luta discursiva na qual muitos golpes são permitidos (manipulação, Proselitismo, ameaças e promessas), estando em jogo a conquista de uma legitimidade por meio da construção de opiniões, o segundo é o lugar onde se exerce o poder de agir entre uma instância política que se diz soberana e outra cidadã, sendo o desafio o exercício de uma autoridade mediante uma dominação feita de regulamentação e de sanção. (CHARAUDEAU, 2006, p. 23).

Logo, a política gerou-se com o intuito de organizar a vida das pessoas em comunidade através de uma regulamentação social, a qual evidenciará um local de ação, que, segundo Charaudeau (2006, p. 27), “depende dos espaços de discussão e de persuasão.”.

1.4 Definição de Discurso

De acordo com Fiorin (1955 *apud* DUARTE, 2008, p. 20), podemos classificar o discurso como “combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou do seu mundo interior, de agir sobre o mundo.” Dessa forma, através do discurso, o escritor tenta agir sobre o ouvinte, persuadindo-o a ponto de influenciar o comportamento e modificar a opinião. O que corrobora com Koch (1993) ao dizer que a argumentação constitui o ato linguístico, já que qualquer discurso há uma ideologia.

1.4.1 Discurso e Ideologia

No ato do convencimento, o político utiliza em seus discursos diversas estratégias argumentativas capazes de criarem verdades e construírem a realidade. Tais

estratégias discursivas se organizam em função de um jogo de imagens que o político faz do eleitor, de suas escolhas léxico-gramaticais e semânticas para atrair os eleitores. Da mesma forma, acontece com os textos escritos, em que o escritor se utiliza de diversas estratégias léxico-gramaticais e semânticas para convencer o seu leitor acerca de verdades e ideologias criadas por quem escreve.

Assim, de acordo com Duarte (2008, p. 21), “o discurso é construído a partir de ideologias” que, para Fiorin (1995 *apud* DUARTE, 2008, p. 28), “são representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens.” Logo, a ideologia oculta a essência da ordem social, a falsa consciência expressa as relações de modo invertido. Ainda, para o mesmo autor, é uma visão de mundo a partir das classes sociais, que ordenam, justificam e explicam determinada ordem social de acordo com a sua própria opinião sobre a realidade, ou seja, para Fiorin (1995, p. 31, *apud* DUARTE, 2008, p. 21), “a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante”.

Destarte, podemos dizer que a visão de mundo tem discurso próprio e está ligada à linguagem. Essa premissa corrobora com o que diz Bakhtin (1995, p. 122) a cerca da palavra como fenômeno ideológico por excelência, logo “toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica”, uma vez que as representações ideológicas se concretizam através dos discursos que ocorrem também na escrita por ela ser considerada discursiva e se situar nesse domínio.

1.4.1.1 O Discurso Político e o Discurso Político Eleitoral

Ao trabalharmos juízos de valor dentro do campo político, ativamos o emocional e imediatamente, usamos a persuasão. Um candidato quando faz uso do discurso, busca trazer o eleitor para o seu lado através do convencimento, desta maneira, toda atividade política é baseada no discurso. É por meio da linguagem que há a exposição de propostas que objetivam uma mudança das práticas sociais. Dessa forma, para Fantinati (1990):

A linguagem política não é simplesmente uma linguagem técnica que se possa caracterizar univocamente. Como a própria política, ela é plurissignificativa, penetra todas as esferas da vida social e se ajusta às diferentes tarefas requeridas a ela.” (FANTINATI, 1990, p. 02).

Através do discurso, o candidato age sobre os eleitores e faz com que eles alterem seus comportamentos porque o político é, segundo Miguel (2000, p. 80), “um profissional da persuasão”. É pela linguagem que os políticos dão sentido às atividades políticas e desafiam os opositores.

Charaudeau (2006), defende a ideia de que não existe política sem discurso, pois a linguagem fundamenta a ação. Logo, a política é dependente da ação e se inclui constitutivamente nas relações de influência social e a linguagem é que possibilita os ambientes variados de discussão, persuasão e sedução; lugar onde se constroem o pensamento e a ação política. Ou seja, de acordo com Charaudeau (2006, p. 39-40), “ação, política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio, o estudo político do discurso”, ou seja, não é o discurso que é político, mas a situação de comunicação que o torna. Não é o conteúdo do discurso que o faz, mas é a situação que o torna política.

Destarte, podemos dizer que o discurso político, segundo Bakhtin (2002) é dialógico à medida que:

Todo discurso concreto (enunciação), encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado (...) ou iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele (...). Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso. (BAKHTIN, 2002, p. 86.)

Ou seja, para que haja interpretações acerca das intenções discursivas de um determinado discurso político, é necessário que se veja o contexto de situação discursiva: Quem fala? Em que circunstâncias? Sobre o que fala? Que recursos linguísticos são utilizados nessa interação? Dessa mesma forma acontece com os escritores que opinam sobre esses políticos: Quem escreve? Em que circunstâncias escreve? Sobre o que escreve? Para quem escreve? Assim, “o significado de uma palavra só pode ser julgado no contexto do discurso, este, só numa determinada situação de fala, e esta, só na relação com o processo de desenvolvimento político”. (ZIMMERMANN *apud* FANTINATI, 1990, p. 8).

Precisamos compreender o discurso como um instrumento poderoso na política, pois é por meio dele que o falante manifesta suas ideologias, bem como o escritor também as expressa positiva ou negativamente a partir do que vê, ouve e lê sobre os candidatos, o que reflete na escolha de seus representantes.

Acreditamos, portanto, que esse modo de discursar é mais elaborado quando se está no período eleitoral, pois é uma época que se procura aproximar candidato e eleitor; levando em conta que o nosso objeto de análise se constrói em condições de produção que são as eleições, e é por isso, que se torna relevante compreendê-las.

A partir da análise feita com base na metafunção ideacional, notamos que um discurso não veicula apenas uma mensagem, mas que cada escolha feita no sistema de transitividade pode expressar um tipo diferente de argumento é o que vemos na análise do *corpus*.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa em estudo traz uma análise qualiquantitativa e interpretativista, baseada nos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional sobre contexto, texto, linguagem e uso. (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Dessa forma, partindo do pressuposto de que a pesquisa qualitativa é aquela que, segundo Luna (2000), está relacionada ao problema apresentado e que a teoria é a base das perguntas, bem como as possibilidades de interpretação, e que as mesmas servem de referencial para os resultados que vão surgindo ao longo do caminho e a pesquisa quantitativa, fornece-nos dados estatísticos que reforçam as interpretações dos fatos em discussão. Então, primeiro identificamos os processos, obtivemos o quantitativo de ocorrências de cada tipo e depois, interpretamos tais processos dentro dos artigos de opinião, ou seja, explicamos as escolhas dos processos para a construção das orações dos artigos de opinião. Assim, resultamos uma pesquisa que, de acordo com Gonsalves (2001) é qualiquantitativa porque além de apresentar medidas estatísticas, explica o porquê do fenômeno estudado, compreende e interpretativista porque interpreta tais fenômenos.

Nessa perspectiva, apresentamos uma descrição dos métodos, relevando a caracterização da pesquisa, contexto e seleção do *corpus* e os procedimentos de análise dos dados.

2.1 Caracterização da Pesquisa

A Era Moderna ao galgar seus primeiros passos, evidenciava uma ciência que trazia como base o pensamento positivista, apoiado na crença de que seria possível se chegar, por meio da razão, ao pleno conhecimento das coisas e dos objetos. Esse pensamento deu origem às suposições pós-positivistas, que, segundo Creswell (2010, p. 29), “tem representado a forma tradicional da pesquisa, e são mais válidas para a pesquisa qualitativa do que para a quantitativa”. Em contrapartida, na tentativa de compreender e explicar cientificamente o homem em suas especificidades, os cientistas atentaram para as várias possibilidades de concepção da relação sujeito/objeto, sugerindo, assim, uma multiplicidade de formas de compreender e explicar o modo de ser do homem (Cf. SEVERINO, 2007).

Diante da subjetividade de significados desenvolvidos pelos indivíduos em suas experiências, surge, então, no pesquisador a necessidade de buscar a complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em categorias ou ideias, apontando para estratégias ligadas a uma abordagem qualitativa. Conquanto, Bauer, Gaskell e Allum (2008) evidenciam a relevância desses métodos, em razão de apresentarem suas especificidades, ambos podem completar um ao outro, de modo a evitar dicotomias irrelevantes.

Recorremos, a uma abordagem mista, de ordem quantitativa e qualitativa, uma vez que a primeira será tomada para a identificação e quantificação das escolhas léxico-gramaticais, processos e participantes mais especificamente do sistema de transitividade, com suas orações materiais, relacionais, mentais, verbais, existenciais e comportamentais; e a segunda abordagem será utilizada para a interpretação e classificação das escolhas léxico-gramaticais que garantem a persuasão e influência demonstrados nos textos analisados, manchetes e artigos de opinião, a fim de melhor compreender as recorrências e os reflexos da manifestação dos recursos linguísticos utilizados pelos estudantes, cuja fundamentação dar-se-á à luz do Sistema de Transitividade. (Cf. HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

2.2 Contexto e seleção do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é formado por vinte artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano, a partir da leitura de quatro manchetes veiculadas no período de campanha eleitoral à presidência, entre julho e agosto de 2014, sobre os presidenciáveis Dilma Rousseff

e Eduardo Campos. Nos textos, a escolha dos processos revela a intenção comunicativa do aluno-leitor-escritor acerca de tais candidatos.

Os artigos de opinião foram produzidos por alunos do 9º Ano, da escola Municipal Márcio Xavier, localizada no Bairro Asa Branca (bairro que se localizam famílias de baixa renda), no município de João Alfredo, agreste de Pernambuco, e consta com uma faixa de 200 alunos que vão desde a creche até o 9º ano do Ensino Fundamental. Foram vários os motivos que nos levaram a escolha dessa turma e escola como público e espaço da pesquisa. Entre eles, podemos citar:

- ✓ A escola possui assinatura dessa mídia escrita, Diário de Pernambuco.
- ✓ A turma possui trinta alunos que frequentam regularmente, número que consideramos ideal para o trabalho proposto.
- ✓ Os estudantes, apesar de mostrarem um atraso na aprendizagem escolar, apresentam um nível interessante de criticidade e de leitura de mundo;
- ✓ O fato de a autora deste trabalho ser a professora da turma e assim, poder avaliar e reavaliar o processo sempre que necessário, também foi levado em consideração na escolha;
- ✓ E, finalmente, por pensarmos em um trabalho que pretende apresentar uma proposta possível de ser aplicada no contexto da sala de aula com todos os entraves que a educação pública brasileira apresenta.

Pensando nisso, abstraímos do jornal Diário de Pernambuco, no período de julho e agosto de 2014, as seguintes manchetes:

Datafolha: Dilma cresce pontos e chega a 38%. Aécio e Eduardo oscilam e ficam respectivamente com 20% e 9% Data: 02/07/2014

PT combate informação de pouco repasse federal para a educação e sugere que se fiscalize governadores e prefeitos Data: 29/07

Eduardo e Frente Popular reforçam discurso da automotivação para manter ânimo da militância Data: 04/08

Sem atacar Lula e aliado do PT, no Rio e do PSDB, em São Paulo, Eduardo segue explicando a sua exposição Data: 16/07

Essas quatro manchetes (doravante remetidas como MANCH) em estudo, pertencem ao Caderno Política, do Jornal Diário de Pernambuco, o qual representa a mídia escrita mais antiga do estado, com cerca de 189 anos. Elas mostram que estão nelas incutidas propósitos comunicativos específicos diretamente relacionados a um crítico político e a eleitores brasileiros.

2.3 Procedimentos e categorias de análise

Após analisar o perfil dos estudantes, elaboramos oficinas organizadas de maneira gradual, para que os alunos se apropriassem das características discursivas e linguísticas dos gêneros estudados, ao produzir seus próprios textos. Foram sete oficinas compostas por números diferentes de momentos e culminando na apresentação dos trabalhos para a comunidade escolar e extraescolar. O tempo utilizado para cada uma foi de três horas aulas, ou seja, 2h por semana.

Iniciamos as Oficinas na primeira semana de agosto de 2014 e concluímos na primeira semana de outubro, perfazendo um total de doze horas aulas. As referidas Oficinas se distribuíram da seguinte maneira:

- ✓ A 1ª Oficina teve como temática “Conhecimento da mídia escrita: Jornal.”. Esse período serviu para análise acerca do que os estudantes sabiam sobre o jornal.
- ✓ A 2ª Oficina “Leitura crítica de manchetes” foi composta por dois momentos (6h aulas). O objetivo foi analisar as capacidades adquiridas pelos estudantes no módulo anterior. Nesse momento, os alunos analisaram o gênero de forma mais autônoma, em que cada um observou os mecanismos persuasivos do discurso no gênero manchete.
- ✓ A 3ª Oficina, “Analisando os verbos”, foi feito um estudo sobre os verbos, enfatizando o fenômeno da transitividade. Foi uma aula de análise linguística, cujo objetivo foi desconstruir o que aprenderam sobre a transitividade e reconstruir o conhecimento, evidenciando o sentido dos verbos dentro de uma situação comunicativa.

- ✓ A 4ª Oficina, “Leitura crítica de Artigos de Opinião” trouxe um estudo sobre o gênero artigo de opinião, evidenciando os elementos estruturais e os tipos de argumentos que podemos encontrar nesse gênero textual.
- ✓ A 5ª Oficina, “Conhecendo os presidenciáveis”. Essa Oficina teve como objetivo ampliar o conhecimento dos alunos-leitores-escritores sobre quem são os candidatos à eleição.
- ✓ A 6ª Oficina “Produção de Artigo de Opinião”, composto de dois momentos, foram reservados para a produção do Artigo de Opinião, cujo tema foi referente à política e seus respectivos presidenciáveis, tendo como base as manchetes pesquisadas e analisadas.
- ✓ A 7ª Oficina, “Avaliação das produções”, foi feita uma avaliação das produções dos alunos, com exposição oral dos textos, para os demais alunos da mesma turma.
- ✓ A 8ª Oficina, “Exposição”, foi feita uma exposição dos gêneros manchete e artigo de opinião.

Na culminância, houve a exposição dos artigos para a comunidade extraescolar. Após essas atividades, entramos com a parte de organização dos artigos de opinião. Escolhemos primeiramente aqueles textos que se encaixaram no gênero em estudo, o que resultou em vinte artigos, em seguida, identificamos todos os processos presentes nos textos e os dividimos em materiais, relacionais, mentais, verbais, existenciais e comportamentais, quantificando cada um; depois observamos aqueles que mais ocorreram e associamos aos tipos de argumentos encontrados nos artigos de opinião, interpretamos também os sentidos que trouxeram aos textos no que diz respeito a escolha dos presidenciáveis Dilma Rousseff e Eduardo Campos e reconhecemos os participantes mais recorrentes nos textos. Após esses momentos, interpretamos cada oração, levando em consideração as seguintes categorias:

- i) Experiência externa do aluno-leitor-escritor;
- ii) Experiência interna do aluno-leitor-escritor;
- iii) Experiência das relações aluno-leitor-escritor;
- iv) Experiência de comportamento aluno-leitor-escritor;
- v) Experiência dos dizeres do aluno-leitor-escritor;
- vi) Experiência de existir no mundo do aluno-leitor-escritor.

E a partir delas, tiramos as nossas conclusões sobre qual candidato seria o melhor representante do povo. A seguir, no próximo capítulo, apresentamos a análise dos dados.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos uma reflexão do contexto de cultura e de situação das quatro manchetes políticas veiculadas no Diário de Pernambuco que formam o *corpus* desta pesquisa, durante o período de campanha eleitoral para Presidente da República em julho e agosto de 2014 e, em seguida, uma análise dos processos com seus respectivos participantes, elementos constituintes do sistema de transitividade, utilizados em vinte artigos de opinião produzidos em sala de aula, a partir da leitura das respectivas manchetes.

Iniciamos a análise dos dados retomando os contextos de situação e de cultura, bem como o uso dos processos e participantes e sua relação com as representações sociais das manchetes e dos artigos de opinião. Para a visualização dos exemplos das manchetes e artigos utilizados na pesquisa, os dados foram apresentados da seguinte maneira:

Utilizamos a abreviação MANCH para indicar as manchetes pesquisadas e A-OP para os artigos de opinião produzidos pelos alunos. O objetivo é mostrar, por meio dos processos, como candidatos à Presidência da República são representados nas manchetes e nos textos dos alunos, além de perceber a experiência do escritor em relação ao contexto político brasileiro, levando em consideração a

- vii) Experiência externa do aluno-leitor-escritor;
- viii) Experiência interna do aluno-leitor-escritor;
- ix) Experiência das relações do aluno-leitor-escritor;
- x) Experiência de comportamento do aluno-leitor-escritor;
- xi) Experiência dos dizeres do aluno-leitor-escritor;
- xii) Experiência de estar no mundo do aluno-leitor-escritor.

Ao lembrarmos que a transitividade faz parte da metafunção ideacional, e que esta, de acordo com Halliday & Mathiessen (2004 *apud* FARENZENA, 2011, p. 54), é responsável pela manifestação da experiência que o falante/escritor tem do mundo, tanto de forma externa como interna à sua consciência e esse fator realiza-se na léxico-gramática

através do sistema de transitividade e, mais especificamente, através dos processos (grupos verbais) e seus participantes (grupos nominais), na situação comunicativa.

A metodologia de apresentação de dados segue a proposta de Eggins & Slade (1997, p. 138, *apud* ALMEIDA, 2010, p. 77), que se resume em identificação, interpretação e discussão dos processos.

3.1 Manchete como Gênero Jornalístico e Persuasivo

De acordo com Dias(1996), o gênero manchete contém uma informação que tem como objetivo, despertar o interesse do leitor em relação a determinados pontos que estarão presentes na notícia, os quais serão satisfeitos pelo leitor, no decorrer da leitura da notícia e a partir disso, aguçar a criticidade do leitor, o conteúdo temático e o suporte vão definir a escolha pela ação de convencimento e/ou persuasão, o que será visto nos artigos de opinião (A-OP) elencados.

3.1.1 Contexto Social

Na perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem é um recurso para fazer e trocar significados, utilizada no meio social de modo que o indivíduo possa desempenhar papéis sociais, segundo Fuzer e Cabral (2014). Assim, percebemos que essa mesma linguagem se materializa no texto e as pessoas podem utilizá-la para aguçar a opinião acerca de determinado assunto que a afeta direta ou indiretamente, como no caso o tema política, bem como a escolha do representante de uma nação. E isso gera divergências de opiniões pelo fato de que a política tem que agir em função do possível enquanto os cidadãos esperam que ela faça o desejável, o que acarreta dificuldades para o poder político, pois o mesmo precisa instituir leis pensando sempre numa aprovação da sociedade, a qual, diante dos feitos, dará legitimidade e credibilidade aos sujeitos que querem ou que já estão em situações de governo ou de poder.

Pensando nisso, abstraímos do jornal Diário de Pernambuco, no período de julho e agosto de 2014, as seguintes manchetes:

Manchete	Especificidade	Veículo/data
MANCH 01	Datafolha: Dilma cresce pontos e chega a 38%. Aécio e Eduardo oscilam e ficam respectivamente com 20% e 9%	Data: 02/07/2014 Diário de Pernambuco
02	PT combate informação de pouco repasse federal para a educação e sugere que se fiscalize governadores e prefeitos	Diário de Pernambuco Data: 29/07
03	Eduardo e Frente Popular reforçam discurso da automotivação para manter ânimo da militância	Diário de Pernambuco Data: 04/08
04	Sem atacar Lula e aliado do PT, no Rio e do PSDB, em São Paulo, Eduardo segue explicando a sua exposição	Diário de Pernambuco Data: 16/07

Quadro 06 - Distribuição das Manchetes e seu veículo de informação e data

Retomando as funções sociais bem como retóricas da manchete, que podem estar implícitas, no sentido de promoverem crenças e valores dos grupos sociais dominantes ou explícitas quando se quer informar os leitores acerca dos fatos atuais, considerados de grande importância para determinados grupos sociais, o que ocorre neste estudo.

As quatro manchetes (MANCH) em estudo, pertencem ao Caderno Política, do Jornal Diário de Pernambuco, o qual representa o jornal mais antigo do estado, com cerca de 189 anos. O que significa que há de imediato um determinado público para o jornal citado, bem como as referidas manchetes, elucidando assim, os interessados nesse tipo de discurso e que o lugar social de que escrevem os autores pode ter influenciado as escolhas linguísticas que constituem cada texto, com o propósito de trazer informações acerca do modo como os candidatos Dilma Rousseff e Eduardo Campos estão lidando com um período eleitoral bastante conturbado pelo fato de que o povo brasileiro está mais consciente ao fator corrupção.

Essas manchetes mostram que estão nelas incutidas propósitos comunicativos específicos diretamente relacionados ao contexto de produção (quem produz) – crítico político, de consumo, chamado– eleitores brasileiros e de circulação; (como e onde é veiculada para chegar à audiência pretendida) – Jornal Diário de Pernambuco, veículo de comunicação do estado de Pernambuco, fundado em 7 de novembro de 1825.

Dessa forma, retomando o pensamento de Coulthard (1994, *apud* FUZER; CABRAL, 2014), o texto, por ser interativo, precisa ser analisado não só a partir do propósito comunicativo, mas também pelo processo de criação, porque o texto se manifesta por

possíveis textualizações e isso tira dele parte do seu significado daquilo que muitas vezes não é dito.

Assim, o texto está inserido dentro dos contextos de situação e cultura porque o mesmo traz aspectos do contexto em que foi produzido, já que os dois estão interrelacionados.

Dessa forma, nas manchetes em estudo, temos as seguintes variáveis do contexto de situação: O enunciador, dentro das relações, é um jornalista e o destinatário são os eleitores brasileiros, quanto ao campo, as manchetes foram retiradas do jornal Diário de Pernambuco e trazem uma linguagem constitutiva de exposição de fatores relacionados aos dois presidenciáveis Dilma Rousseff e Eduardo Campos, feita através do meio escrito pelo canal gráfico; as mesmas trazem uma atividade comunicacional, cujo objetivo é possibilitar informações sobre a campanha eleitoral dos candidatos mencionados.

Então, ao analisar a primeira manchete (MANCH 01), entendemos que a candidata Dilma se sobressai dos demais candidatos, ao analisar o processo “cresce”, que dentro do contexto que está inserido remete a uma vantagem no campo político. Ou seja, a MANCH 01 significa, para os interlocutores, que a candidata do PT está em vantagem com os demais. Também fortalece a credibilidade pelo fato de reconhecer a seriedade com que o Datafolha, instituto de pesquisa, criado em 1983, cujo objetivo é oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal Folha de São Paulo e outros veículos e serviços da empresa, trabalha em suas pesquisas.

Além do contexto de situação, temos o contexto de cultura, fator fundamental para a compreensão do texto, o qual segundo Fuzer e Cabral (2014) se refere a práticas amplas, as quais se relacionam à países e grupos étnicos, como também a questões institucionalizadas em grupos mais restritos, como escola, família, igreja, justiça e política. Seria o ambiente sociocultural com suas ideologias.

A MANCH 01 mostra-se tendenciosa pelo fato de iniciar o gênero, evidenciando que a candidata do PT, à reeleição está à frente nas pesquisas, com 38%. O eleitor que tem dúvida e não quer perder seu voto, de fato, ao olhar esse contexto, irá sim, pretender votar na candidata.

Ainda, ao analisar dentro do contexto de situação, podemos evidenciar o campo, que remete à manifestação de experiências de eleitores brasileiros que buscam, pelo voto, escolher o melhor candidato; a relação que se estabelece entre os leitores eleitores do

Jornal Diário de Pernambuco, já que atinge grande parte da população pernambucana, a qual apoiava os candidatos Aécio e Eduardo Campos devido à crise pela qual passa o país e necessariamente, o estado de PE estava passando; quanto ao modo com que é levada à público, a linguagem é constitutiva de dados numéricos que indicam a porcentagem de cada candidato. Esses valores são esclarecidos a partir da leitura de toda a notícia, a qual foca a trajetória percentual de votos dos três candidatos à presidência.

Quanto a MANCH 02 “PT combate informação de pouco repasse federal para em educação e sugere que se fiscalize governadores e prefeitos”, observamos que o investimento está sendo feito em educação, de forma suficiente, porém o problema é se o estado e o município estão investindo o valor integral nessa área, e devido a isso, pede que haja fiscalização. Essa manchete remete ao posicionamento dos eleitores no sentido de fiscalizar os governantes através do Portal da Transparência do Governo Federal e saber quanto é repassado para cada setor federal e municipal. O interessante é que para que um eleitor compreenda essa manchete, é preciso que haja um conhecimento acerca do que seria repasse federal, ou seja, o dinheiro que é arrecadado pelo governo federal e estadual, pagos pelos cidadãos através de impostos. O modo como é passada essa mensagem traz incutido um teor autoritário, a partir do momento em que se usam dois processos imperativos *sugere* e *fiscalize*. Há também a escolha de elementos linguísticos específicos do contexto político, como “repassa federal”, “PT” e “fiscalize”.

As MANCHs 01 e 02 trazem características semelhantes pelo fato de a candidata Dilma Rousseff ser a atual presidente, então o fato de apresentar manchetes trazendo referências numéricas sobre o histórico da intenção de votos é relevante para o eleitor, no sentido de aguçar a curiosidade dos mesmos sobre como o dinheiro público é usado e é claro, intensificar a escolha do voto para com aquele que está se saindo bem nas pesquisas, quando o eleitor não traz reflexões sobre a vida política dos candidatos.

As duas últimas manchetes, MANCH 03 e 04, tratam do candidato Eduardo Campos. A escolha por ele foi feita devido ao fato de ser o governador de Pernambuco, como mencionado anteriormente.

Na MANCH 03, “Eduardo e Frente Popular reforçam discurso da automotivação para manter ânimo da militância”, mostra o discurso de Eduardo Campos à militância sobre sua capacidade de gerir o Brasil, reforçando que é o mais preparado para vencer as eleições. Observamos nessa manchete, o discurso de Eduardo estar elevando a

autoestima daqueles que o apoiam. Nesse sentido, vemos que o candidato não tinha um índice elevado de votos, porém, não desanimou frente ao povo, muito menos daqueles que o estavam apoiando. Quanto ao campo, temos uma manchete sobre o candidato presidencial Eduardo Campos, num período de campanha eleitoral, de julho e início de agosto de 2014, cuja finalidade é tornar evidente uma postura do candidato mediante a sua situação quanto à margem de votos, trazendo conhecimento ao público em geral.

Na MANCH 04, “Sem atacar Lula e aliado do PT, no Rio e do PSDB, em São Paulo, Eduardo segue explicando a sua exposição”, com o intuito de vencer e/ou conquistar adeptos e espaço em outros estados, o candidato traça uma estratégia de aliar-se aos adversários para obter êxito em disputas regionais. Temos, como campo, mais uma vez, uma manchete, gênero que traz como objetivo chamar a atenção de um eleitor e que este analise o posicionamento crítico de cada candidato em relação ao seu oponente.

Ao evidenciar as variáveis do contexto de situação dentro das manchetes, fica claro dizer que elas estão essencialmente relacionadas às funções que a linguagem desempenha, as metafunções.

3.2 Usos dos Processos e sua Relação com as Representações Sociais nos Artigos de Opinião

O artigo de opinião por ser um gênero textual que apresenta argumentação, analisa, avalia e responde a questões controversas, ele expõe uma opinião de um articulista, ou de um alguém, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado, mas que quer, simplesmente apontar uma ideia acerca de um determinado fato.

Para Bräkling (2000), o artigo de opinião é um gênero discursivo que tem o objetivo de convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição, e de refutação de possíveis opiniões divergentes.

Embora o produtor do artigo se constitua numa autoridade para o que é dito, muitas vezes ele busca outras vozes para a construção de seu ponto de vista, ele se sustenta nas evidências dos fatos que corroboram a validade do que diz. Assim, esse gênero pertence à

ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende.

Analisando as funções sociais bem como retóricas do artigo de opinião, evidenciamos mesmo que implicitamente, crenças e valores dos grupos sociais dominantes ou explícitas quando se quer informar aos leitores acerca dos fatos atuais, considerados de grande importância para determinados grupos sociais, o que ocorre neste estudo.

Assim, é importante também analisar as variáveis do contexto de situação presentes nos artigos de opinião, lembrando que para Halliday (1989 *apud* FUZER; CABRAL, 2014), o contexto de situação é o ambiente imediato no qual o texto funciona, age, evidencia-se, o que possibilita para o leitor o que o escritor pensa em dizer, assim, são possíveis leituras que podem ser feitas. Para isso, existem as variáveis do contexto de situação, que são campo, relações e modo, as quais se concentram os componentes fundamentais para que a linguagem exerça sua função, que é significar, comunicar, compartilhar tais significados, e no caso do artigo de opinião é buscar convencer, influenciar, persuadir alguém.

Dessa forma, elencamos elementos importantes do artigo de opinião, como o enunciador, o assunto e a finalidade comunicativa, os quais se envolvem diretamente as variáveis, como mostram os Quadros em anexo.

Nesse primeiro momento, destacamos as MANCHs referentes ao governo Dilma Rousseff, já que a mesma é a atual presidenta, evidenciando características importantes acerca das variáveis do contexto de situação.

De acordo com a MANCH 01, os cinco artigos produzidos (**conforme Quadro 08em anexo**) trouxeram como assuntos, situações divergentes pelo fato de apresentarem questões como vantagem para com os adversários, críticas à candidata, consequências de um mau voto e também a possível tendência a votar em um candidato que está bem nas pesquisas. Percebemos que não há elogios, posicionamento a favor, mas sim críticas reflexivas acerca do período em que a candidata Dilma Rousseff governa o país e isso vem a corroborar com o campo e com o modo em que foram produzidos tais artigos, pelo fato de haver uma manifestação de experiência dos -escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos, embasados pela argumentação, o que só foi possível porque os mesmos acompanharam atentamente o governo da

presidenciável Dilma Rousseff. O texto se concretizou pelo canal gráfico, através do meio escrito, uma produção em sala de aula.

Os artigos de opinião produzidos a partir da MANCH 02(**conforme Quadro 09 em anexo**) trazem semelhança quanto a algumas variáveis, como o caso da concretude dos textos, os quais foram realizados através do canal gráfico, pelo meio escrito, uma produção em sala de aula.

Com base nessa MANCH 02, os cinco artigos produzidos trouxeram como assuntos, uma posição mais crítica e severa por parte dos alunos, pelo fato de a todo momento estarem evidenciando escândalos e desvios monetários ocorridos no governo PT, alertando também a todo o momento, os eleitores para agirem com maturidade na escolha do seu candidato, bem como acompanhar os orçamentos destinados a cada município e/ou estado.

Percebemos, como na primeira manchete, que não há elogios, posicionamento a favor, mas sim críticas reflexivas acerca do período em que a candidata Dilma Rousseff governa o país e isso vem associar ao campo e ao modo em que foram produzidos tais artigos, no sentido de haver uma manifestação da experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos, embasados pela argumentação, o que só foi possível porque os mesmos acompanharam atentamente o governo da presidenciável Dilma Rousseff.

Agora, destacamos as MANCHs referentes ao presidenciável Eduardo Campos, escolhido pelo fato de ter sido governador do estado de Pernambuco e ter tido grande destaque na região. Evidenciamos os mesmos aspectos do contexto de situação, destacando as suas variáveis em relação à MANCH 03 (**conforme Quadro 10 em anexo**).

Nesses artigos, houve a presença de dualidade no sentido de apresentarem assuntos como esperança para a nação, confiança, influência, o que denota um tom mais subjetivo, emocional a uma análise mais criteriosa dos candidatos na hora de dar o seu voto, o que mostra objetividade em relação ao posicionamento crítico do leitor-escritor.

Percebemos que o texto traz o mesmo modo de realização das MANCHs anteriores, que é a argumentação, característica primordial do artigo de opinião, materializada pelo canal gráfico, que é a escrita e evidenciada no meio escrito, que é a produção de texto, a qual manifesta a experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

Abaixo, temos a análise das variáveis dos artigos de opinião referentes à MANCH 04(**conforme Quadro 11 em anexo**), também referente ao presidenciável Eduardo Campos. Nesses artigos, há a presença de assuntos, como ilusão política, alianças, insatisfação oposicional, propostas e táticas, mostrando a postura do candidato Eduardo Campos em ganhar adeptos à sua caminhada. Observamos que no decorrer dos artigos, os alunos admiram a postura do presidenciável em agir com respeito para com os demais candidatos, evidenciando a todo momento o que traria de bom ao país.

Os textos trazem o mesmo modo de realização das MANCHs anteriores, que é a argumentação, característica primordial do artigo de opinião, materializada pelo canal gráfico, que é a escrita e evidenciada no meio escrito, a produção de texto, a qual manifesta a experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

Fica claro, mediante aos fatos analisados, que os artigos de opinião produzidos, trazem mais clareza em suas interpretações pelo fato de contarem com as variáveis do contexto de situação, as quais determinam como os significados foram construídos, já que elas estão relacionadas às funções que a linguagem desempenha, chamadas de metafunções básicas da linguagem, definidas por Halliday e Mathiessen (2004), como ideacional, interpessoal e textual.

Essas metafunções trazem uma gramática plurifuncional, em que a oração é vista como representação, interação e mensagem. Então, não podemos negar que o texto é um produto autêntico da interação, ou seja,

Usamos a linguagem para interagir com o outro, para construir e manter nossas relações interpessoais e a ordem social em que elas ocorrem; fazendo isso, interpretamos e representamos o mundo do outro e de nós mesmos. Essa é uma parte natural de nossas vidas utilizadas para *contar* as experiências construídas individual e coletivamente; e é um meio de representar o conhecimento e de construir significados. (Cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011, p. 30).

Dessa forma, é cabível dizer que os elementos linguísticos não têm significados isolados, estes estão presentes como um todo integrado, feitos por escolhas linguísticas que os falantes fazem em detrimento a outras que poderiam fazer. Assim, para a LSF é importante o modo como esses alunos usaram a linguagem em uma atividade social, pois o uso da língua é

funcional, as funções da língua são para fazerem sentido, o qual é influenciado pelo contexto do qual participam, que no caso é o período eleitoral à presidência da República.

3.3 Artigo de Opinião: formação do leitor e do escritor crítico

Até o momento precisou retomar muitos conceitos referentes ao embasamento teórico que circunda esta dissertação, que é a LSF, e que a mesma compartilha o elemento central das funções, a comunicação. E isso só pode ser feito através da língua utilizada por seus falantes, que toma como dados situações reais de interação, mesmo estando dentro do contexto educacional, ou seja, numa escola, numa turma de 9º ano.

Dessa forma, segundo Lerner (2002, p. 17-18) levar a leitura e a escrita à escola é necessário porque fazemos dela uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender aspectos do mundo, objetos de suas preocupações, encontrando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos. Assim, ainda de acordo Lerner (2002, p. 27-29), é preciso “chegar a leitores e produtores de textos competentes e autônomos”. Leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas; é conseguir que os alunos cheguem a ser produtores de língua escrita, conscientes da pertinência e da importância de emitir mensagens em determinado tipo de situação social, em vez de se treinar unicamente como reprodutores de textos, sem nenhum propósito; é conseguir que a escrita deixe de ser na escola, somente um objeto de avaliação, para se constituir realmente num objeto de ensino, pensamento que corrobora com os PCNs, ao dizerem que leitura e escrita “São práticas que permitem ao aluno construir seus conhecimentos sobre os diferentes gêneros sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita” (BRASIL, 1996, p. 52) e ocorrem simultaneamente, pois a leitura apresenta uma interação entre leitor-texto-autor, isto é, o autor tem uma intencionalidade que se materializa em uma estrutura textual e que o leitor contribui na construção do significado, imprimindo ao texto sua leitura que envolve a sua história de leitor e suas experiências. É sempre um encontro entre um indivíduo e um texto, o qual é construído pelo próprio aluno fazendo dele um participante da atividade educacional.

Então, podemos dizer que a escrita é uma forma legítima de autoria do discurso, pois apresenta ideias, conceitos e concepções de mundo e de vida que traduzem as

representações que os sujeitos fazem de seu cotidiano. Dessa forma, acreditamos que um trabalho mais coerente de ensino de língua poderia ser realizado se a leitura e a escrita de textos fossem vistas como um meio de se alcançar uma educação mais democratizante, onde o ser humano representasse o seu próprio mundo, e um fim no sentido de alvo a ser atingido para o aprimoramento da qualidade e da humanização do nosso sistema escolar. Paulo Freire (1994, p. 98) já dizia que “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”, ou seja, a minha leitura de mundo precede e determina a minha leitura da palavra, que é essencial para a continuidade e a ampliação daquela. Neste sentido, dizemos que texto e mundo se associam pelo fato de que a leitura e/ou a escrita do texto pode decifrar o mundo. Se o educador traz como premissa esta ideia, não há como negar que não se pode ter mais o ensino de língua, bem como a Análise Linguística (AL) dissociados das práticas de leitura e escrita em sala de aula.

Com base nisso, precisamos compreender o papel social do meu aluno-leitor-escritor, enquanto ser pensante e agente, envolvido no contexto que o cerca, levando-o à realidade dos fatos, para assim, produzirem textos que tenham o papel de modificar a sociedade. Devido a isso, é interessante o trabalho de leitura com as manchetes jornalísticas, bem como a escrita do artigo de opinião, possibilitando-o a uma visão ampla do contexto político que o país viveu no período eleitoral, e assim, se posicionando a respeito dos candidatos Dilma Rousseff e Eduardo Campos.

Dessa forma, entendemos que, de acordo com Halliday (1985 *apud* FUZER; CABRAL, 2014), a linguagem é um sistema semiótico social constituído de significados que compõem a cultura humana, ou seja, linguagem, texto e contexto são responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência humana, o que permite afirmar que as escolhas léxico-gramaticais, como a transitividade, devem ser estudadas relacionadas às suas funções sociais.

A transitividade, como vimos, relaciona-se à metafunção ideacional, a qual representa a experiência humana, experiência do mundo real e do interior da consciência de cada falante. É a gramática da oração responsável pela expressão de significados ideacionais ou cognitivos. O que contradiz com a oposição de verbos transitivos e intransitivos, ensinados anos a ano na escola, mas sim, um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades.

A transitividade é importante pelo fato de permitir que possamos identificar ações e atividades humanas evidenciadas em um discurso e que realidade está sendo retratada.

Isso é evidenciado através de processos, participantes e circunstâncias, os quais pertencem às classes gramaticais dos verbos, substantivos e advérbios, respectivamente.

Aqui, será mostrada a transitividade no gênero artigo de opinião produzido pelos alunos do 9º ano, entendendo-o como gênero que apresenta um contínuo de variação. Então, apresentamos aquele mais típico do gênero até aquele que mais se afasta desse padrão. Isso acontece devido a (i) maturidade leitora e escritora dos alunos. Para a efetivação da análise em textos opinativos, aplicamos a proposta da LSF, investigando primordialmente o papel do sistema de transitividade, especificamente os processos, na construção da opinião veiculada pelos artigos de opinião. O que nos permite dizer que precisamos evidenciar os participantes para a distinção de tais processos.

Abaixo, seguem Quadros que trazem a disposição das orações presentes em cada artigo derivado de cada manchete e seus tipos de orações.

Em seguida, fazemos a segmentação dos artigos de opinião, destacando as orações pertencentes ao sistema de transitividade, sendo classificado, principalmente, o constituinte oracional: processos. Feito isso, foram realizadas a identificação, quantificação e análise dos processos, presentes nas manchetes e nos artigos de opinião, bem como os argumentos que eles veiculam: acusações ou ataques aos oponentes, qualidades e enaltecimentos exaltados, críticas e a indução ao voto.

3.4 Análise Léxico-gramatical dos Processos

Nesta parte, faremos uma análise dos (i) processos utilizados nas manchetes pelos jornalistas e daqueles (ii) utilizados pelos alunos do 9º ano, nos artigos de opinião produzidos em sala de aula, após leitura das manchetes.

Notamos que, nas manchetes estudadas, foram utilizados os seguintes processos:

Quantidade	Manchetes	Processos/ Tipos de orações
3	Datafolha: Dilma cresce pontos e chega a 38%. Aécio e Eduardo oscilam e ficam respectivamente com 20% e 9% (MANCH 01).	cresce, chega e oscilam – orações materiais – ficam – oração relacional

3	PT <u>combate</u> informação de pouco repasse federal para a educação e <u>sugere</u> que se <u>fiscalize</u> governadores e prefeitos (MANCH 02).	combate e sugere – orações verbais – fiscalize – oração material criativa
2	Eduardo e Frente Popular <u>reforçam</u> discurso da automotivação para <u>manter</u> ânimo da militância (MANCH 03).	reforçam e manter – orações materiais criativas
2	Sem <u>atacar</u> Lula e aliado do PT, no Rio e do PSDB, em São Paulo, Eduardo <u>segue explicando</u> a sua oposição (MANCH 04).	atacar e segue explicando – orações verbais

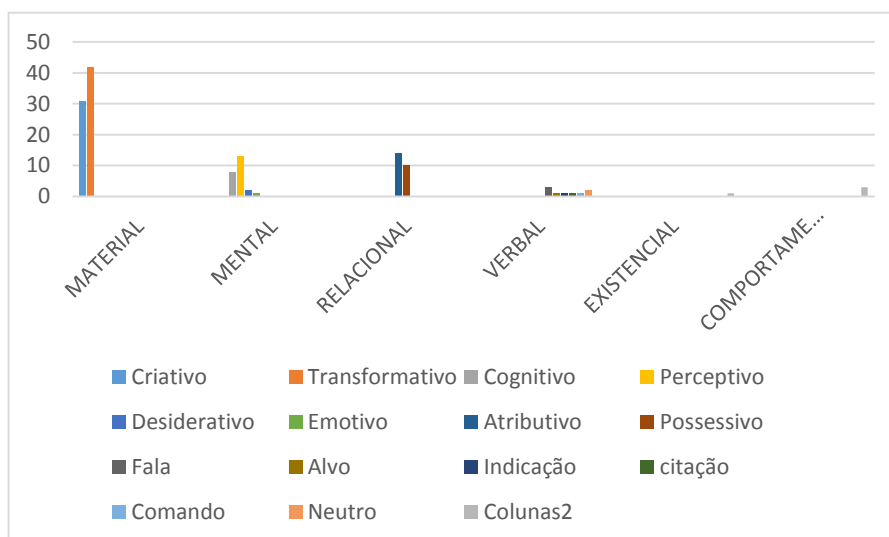
Quadro 07 - Distribuição das orações nas manchetes

Como vimos, os processos utilizados na MANCH 01 indicam a predominância de orações materiais, o que nos leva a compreender a importância de processos com o sentido de *fazer*, relevando a experiência do candidato. Há também a presença de uma oração relacional, com o processo *ficar*. Nessa manchete, apesar de apresentarem tipos de orações diferentes, os processos utilizados pertencem ao campo semântico de quantidade. O que reforça a ideia de que o produtor se utilizou de uma variedade de escolhas léxico-gramaticais, mas sem ultrapassar o sentido desejado, indicar a porcentagem de votos de cada candidato. Quanto a MANCH 02, há a presença de orações verbais, através dos processos *combater* e *sugerir*. O sentido é de mostrar aos eleitores que se posicionem perante a esses candidatos com o intuito de *fiscalizarem* os representantes, processo este que indica uma ação, por isso faz parte das orações materiais. Na MANCH 03, predominam as orações materiais, mais uma vez, com a presença dos processos *reforçar* e *manter*, mostrando o posicionamento do candidato mediante aos resultados das pesquisas, evidenciando também mais uma atitude, uma ação do participante da oração, que no caso, é o candidato Eduardo Campos. Na MANCH 04 temos a presença de orações verbais, com os processos *atacar* e *segue explicando*, reforçando as atitudes de Eduardo Campos, em conquistar eleitores através de uma campanha que não denigre a imagem dos demais candidatos, apenas informando suas propostas e justificando sua oposição, já que anteriormente era adepto ao PT.

Essas manchetes trazem orações materiais, os processos do fazer, que evidenciam as experiências do autor, então compreendemos que elas são relevantes para que os alunos-leitores-escritores vejam como os candidatos lidam com as situações, no período de campanha eleitoral. Ainda, fica claro que esses processos presentes nas manchetes refletem sim o posicionamento dos alunos-leitores-escritores ao escreverem seu artigo de opinião, porque de certa maneira, eles se basearão nelas para a construção de sua opinião, reforçando-a através de outros conhecimentos, como o de mundo, por exemplo.

Depois da leitura das manchetes, os alunos produziram cinco artigos de opinião, conforme leitura de cada uma delas. Em relação à MANCH 01, notamos que o uso das orações materiais são as mais recorrentes, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 01: Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 01)



Essas escolhas são justificadas pelo fato de os alunos-leitores-escritores evidenciarem suas experiências de mundo, as quais trazem o objetivo de mudança externa perceptível. Ocorre com maior ênfase os processos materiais transformativos, pelo fato de evidenciarem a mudança de um aspecto do participante que já existe dentro da oração.

Quanto as orações mentais, elas são responsáveis pela mudança de percepção que se tem da realidade. E isso é importante pelo fato de os alunos-leitores-escritores estarem atentos ao que acontecem com tais candidatos, trazendo aos textos conhecimentos variados sobre os presidenciáveis. Vemos que há uma grande ocorrência de orações mentais perceptivas, pois os alunos-leitores-escritores, constroem nesses artigos, suas percepções sobre os fenômenos do mundo, através de processos que se referem à visão. Então, seguindo a ordem, temos em segundo lugar o cognitivo, depois, o desiderativo e por fim, o emotivo. Ficam claras essas escolhas pelo fato de verem o candidato, pensarem sobre ele, em seguida, exprimirem algum desejo e, em consequência, mostrarem algum afeto.

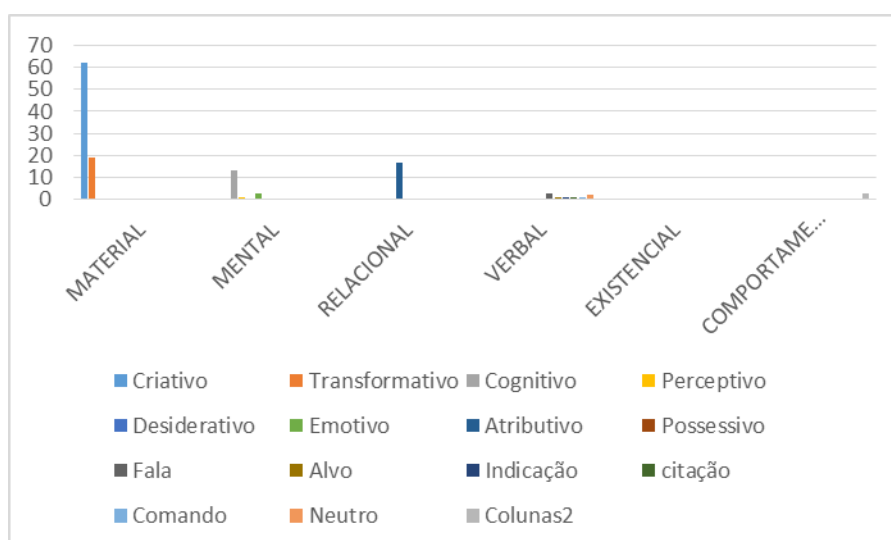
Os processos relacionais são muito presentes nos artigos de opinião, pelo fato de estabelecerem um acoplamento entre entidades, discernindo-as ou categorizando-as na medida em que classificam a experiência de um ao outro. Esses processos são identificados

como atributivos e identificativos. Nos artigos produzidos com base na MANCH 01, vemos uma grande quantidade de orações atributivas devido ao fato de construírem relações abstratas, ou seja, atribuem características comuns aos participantes desse processo. Quanto às identificativas, aparecem em segundo plano, porque nesses artigos um dos participantes já possui uma identidade definida.

Os processos verbais se referem ao dizer, comunicam um determinado fato e a partir dessa premissa, os alunos-leitores-escretores se utilizam de diversos processos para exporem o pensamento.

Os processos comportamentais e existenciais aparecem em menor quantidade pelo fato de os alunos não evidenciarem os comportamentos fisiológico e psicológico dos presidenciáveis.

Gráfico 02: Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 02)



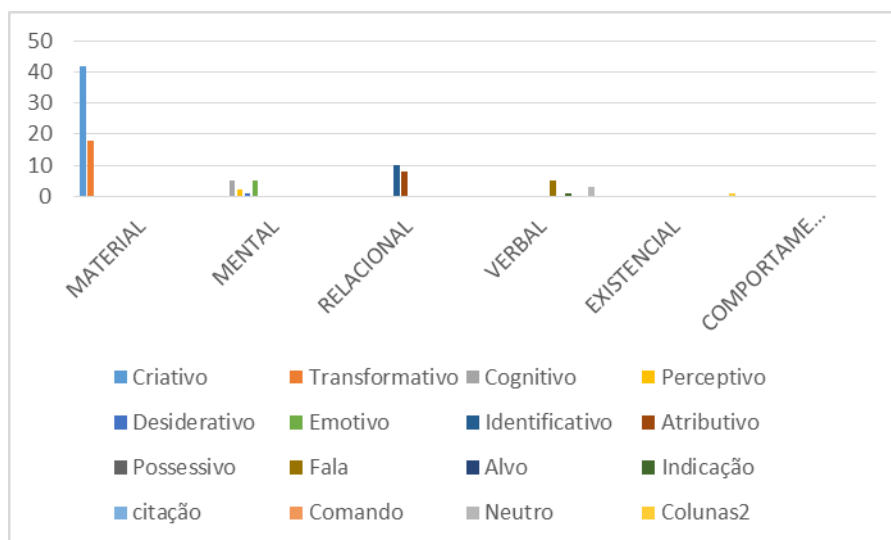
No gráfico acima há também a presença de orações materiais, com destaque para as criativas, o que fica clara a concretude das ações. É o desejo de mudar a sociedade, de trazer melhorias. As orações criativas têm maior presença pelo fato de os artigos baseados nessa MANCH 02 darem aos participantes a importância de existirem no mundo, de fazerem parte dele. São seres produtores da ação, mas que não são modificados por ela, segundo Fuzer e Cabral (2014).

Quanto a presença das orações mentais, como dito anteriormente, elas são responsáveis pelas experiências de mundo centradas em nossa consciência. Elas mudam como vemos a realidade. Dessa forma, temos em primeiro lugar, a ocorrência de orações cognitivas, nelas, o aluno-leitor-escritor vai evidenciar o que conhece sobre o candidato, vai trazer à consciência o que pensam sobre ele, em seguida, expressa sentimento por tal presidenciável e depois, elenca como o vê.

As orações relacionais são bastante utilizadas pelos alunos-leitores-escritores porque caracterizam os presidenciáveis, por isso a maior quantidade é dos intensivos, em sequência os circunstanciais, pois indicam lugar e modo.

As orações verbais e existenciais ocorrem em menores quantidades. Mas reforçam a opinião dos alunos-leitores-escritores. Já as orações comportamentais não aparecem nos artigos referentes a MANCH 02.

Gráfico 03: Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 03)



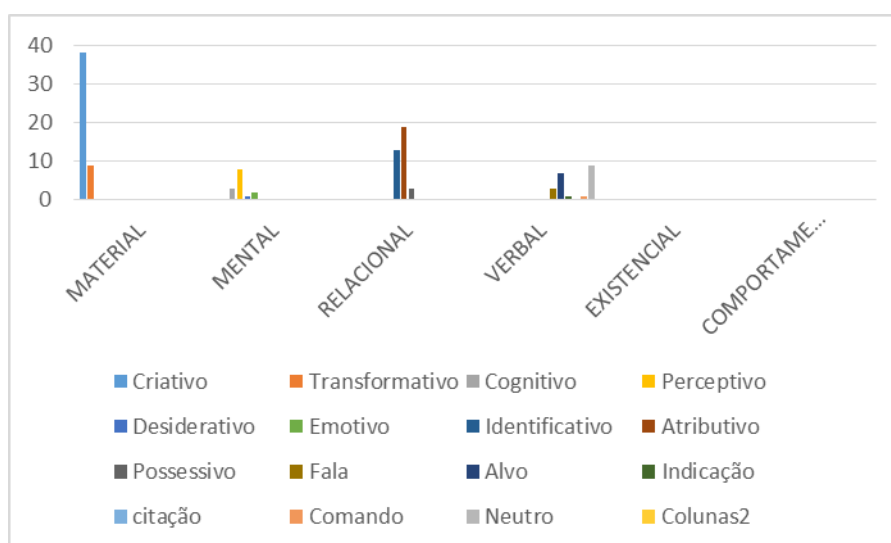
Os artigos produzidos com base na MANCH 03 trazem mais uma vez uma grande ocorrência de orações materiais criativas, as quais denotam mudanças dentro do cenário político, tendo os participantes como realizadores da ação, porém sem sofrerem alteração alguma. Ainda, os alunos-leitores-escritores fazem uso dos processos mentais para fazerem com que as pessoas acordem sobre a situação política atual do país, conhecendo o presidenciável em destaque nessa MANCH e por ele tenham alguma afeição para assim,

expressarem o desejo de mudança. Então, aqui, temos os processos cognitivos em primeiro lugar, depois, os emotivos, em seguida, os perceptivos e por fim, os desiderativos.

As orações relacionais também aparecem nesses artigos, devido ao fato de os alunos-leitores-escritores discernirem se tal candidato trará ou não benefícios à população, então evidenciam características física, psicológica e do seu governo. Por isso, são utilizados processos intensivos, circunstanciais e possessivos.

Há a presença de processos verbais, apesar de comportar um número pequeno de ocorrências, mas evidenciam a forma como o candidato em questão aponta suas estratégias de governo. Quanto às orações comportamentais, aparece apenas um caso, acreditamos que os alunos-leitores-escritores evitam o uso de processos que se referem a comportamentos fisiológico e psicológico. Já as orações existenciais têm duas ocorrências devido ao fato de muitas vezes os alunos não dominarem o uso do verbo haver.

Gráfico 04: Distribuição do uso dos processos (das orações) utilizados nos Artigos de Opinião (após leitura da MANCH 04)



Quanto ao gráfico acima, referente aos artigos de opinião produzidos com base na MANCH 04, as orações materiais se sobressaem das demais, destacando o índice das orações criativas, devido ao fato de evidenciarem atitudes perceptíveis aos olhos do público leitor. Eles mostram a urgência de mudança dentro do campo político, destacando aquele que provavelmente será o melhor governante, tendo-o como participante existente no mundo real.

Nessa MANCH, percebemos que as orações mentais são utilizadas em maior quantidade em relação aos casos anteriores. Nelas, vemos o uso de processos perceptivos em maior destaque, acreditamos que pelo fato de expressarem como veem o candidato, em seguida, há a presença de processos cognitivos, evidenciando o que sabem sobre o presidenciável, em seguida, expressam sentimentos e, depois, desejo de mudança.

Os artigos com base na MANCH 04 apresentam grande quantidade de orações relacionais, acreditamos que pelo fato de os alunos evidenciarem as características do presidenciável em questão, dando grande ênfase em sua pessoa, no seu governo e os objetivos promissores.

Os processos verbais têm boa representatividade, porque neles estão expressos o modo como o candidato se expressa em seus discursos. Não há a presença de orações comportamentais e já as orações existenciais aparecem em duas situações.

Como percebemos, há uma grande ocorrência de orações materiais, que se explica pelo fato de os alunos estarem dispostos a evidenciar ações dos presidenciáveis em questão, para assim, também agirem de forma consciente na hora de darem o seu voto. É claro que essas orações são importantes para a construção dos artigos, mas não teriam total efeito de sentidos se fossem utilizadas isoladamente, dessa forma, elas precisam das demais orações para darem aos textos além de um caráter argumentativo, o teor persuasivo.

Nas subseções a seguir, são apresentados os resultados referentes a cada grupo dos artigos de opinião, conforme mencionados anteriormente.

3.4.1 Uso de Orações Materiais: representação do fazer

Neste tipo de oração, o conceito de ação é intenso. São orações do “fazer e acontecer” e isso remete a mudanças consideráveis no decorrer dos eventos. Revelar uma ação envolve trazer à tona pelo menos um participante, seja ele ator, quando a oração é intransitiva, ou ator e meta, quando a oração for transitiva.

Percebemos que é frequente o número de orações materiais pelo fato de constituírem ações de mudanças externas físicas perceptíveis. Nas análises feitas, obtivemos a ocorrência de duzentos e cinquenta e nove casos, porém, apenas alguns serão mencionados, os

quais trazem os argumentos de acusação/ataque aos oponentes, qualidade/enaltecimento, indução ao voto e as críticas. O escritor escolhe predominantemente esse tipo de processo para evidenciar a ideia de ação.

Na situação inicial, primeiro elemento estrutural do artigo de opinião, local onde o escritor expõe a questão a ser desenvolvida no decorrer do texto e que também serve como guia, apresenta a ocorrência dos seguintes processos, os quais se destacam entre acusações/ataques (02), (04) a (07). As críticas (01), (03), (08) e (10) e as qualidades (11) a (19).

- (01) (...) pois não só eu sei como outras pessoas sabem que estado Dilma *deixou* o Brasil. (A-OP 04 - **MANCH 01**);
- (02) A corrupção em nosso país não é algo atual (...) posso até afirmar que no tempo do império haviam-se desvios de dinheiro público. (A-OP 01 - **MANCH 02**);
- (03) (...) as pessoas *associam* o escândalo da Petrobrás, com a recessão mundial (...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);
- (04) (...) Brasil não tem mais saída e que *está acabado*. (A-OP 01 - **MANCH 02**);
- (05) (...) a atual presidenta não *está investindo* em educação e saúde. (A-OP 02 - **MANCH 02**);
- (06) nos tempos de hoje, os governantes não *estão investindo* muito na educação e saúde. (A-OP 03 - **MANCH 02**);
- (07) Muitos governantes *desviam* verbas (...) (A-OP 03 - **MANCH 02**);
- (08) Na minha opinião ela só quer *colocar* a culpa nos governantes e prefeitos de gastos exagerados ou até mesmo de corrupção (...) (A-OP 04 - **MANCH 02**);
- (09) (...) os repasses federais para a educação não *estão sendo investidos* como *deveriam*(...) (A-OP 05 - **MANCH 02**);
- (10) (...) os prefeitos e governadores *estão deixando* de lado a educação, esquecendo de *dar* uma atenção maior a este assunto tão importante. (A-OP 05 - **MANCH 02**);
- (11) (...) Dilma *abriu* uma vantagem considerável em relação a seus adversários. (A-OP 01 - **MANCH 01**);
- (12) Isso *mostra* que o populismo da presidente está convencendo a população (...) (A-OP 01 - **MANCH 01**);
- (13) O governo Dilma *vem* com uma rigorosa fiscalização em cima dos governadores e prefeitos (...) (A-OP 05 - **MANCH 02**);
- (14) Tendo em vista um Eduardo Campos que sempre *conseguiu* bons argumentos para qualquer situação pontuada (...) (A-OP 01 - **MANCH 03**);
- (15) O ex-governador Eduardo campos *vem cultivando* afinidades com petistas e tucanos, *causando* assim, pedidos de explicações, (...) pelo fato de se apresentar como oposição. (A-OP 02 - **MANCH 03**);
- (16) Nessa eleição muitos candidatos (...) *usar* fortes argumentos. (A-OP 05 - **MANCH 03**);
- (17) Estimulando com um otimismo impressionante, Eduardo Campos e aliados *traz* ânimo à sua militância (...) (A-OP 02 - **MANCH 04**);

(18) Ele também *fazia* com que as pessoas acreditassem no cumprimento de suas promessas (A-OP 03 - **MANCH 04**);

(19) A capacidade de os políticos *adaptarem* as campanhas é uma forma essencial para quem está numa disputa política. (A-OP 04 - **MANCH 04**).

Justificamos esses usos de processos pelo fato de o articulista apresentar sua tese, sua ideia central, então ele se utiliza de meios para articular sua posição crítica e enfatiza o que de positivo ou negativo cada candidato tem e para isso, o leitor-escritor ativa seu conhecimento de mundo e expressa sua opinião acerca dos presidenciáveis.

Percebemos a presença de um candidato como ator, o qual aparece na posição temática por haver um destaque para o realizador da ação, que em grande parte das ocorrências, é intencional, já que é o senhor das ações, ou seja, ele executa, apresenta, tem próprias atitudes, negativas ou positivas, como mostram os casos (01) e (02), (04) a (08) e (10) a (19). Vemos também a criação de uma imagem que agrada o eleitor, que muitas vezes é considerada uma estratégia utilizada pelos políticos para angariar votos. O fato de apresentar propostas, planejamento para a melhoria do país é uma forma de persuadir aquele eleitor que ainda não tem uma opinião formada acerca do seu candidato, elementos que percebemos nos exemplos (11) a (19), os quais os produtores dos textos deixam em evidência. Nas orações (03) e (09), notamos problemas ocorridos na gestão do político, os quais fortalecem argumentos que vêm no bloco discussão.

As orações materiais (01), (03) a (11), (14), (16) e (17), trazem processos classificados como criativos específicos, pois o participante, de acordo com Fuzer & Cabral (2014, p. 47), “é trazido à existência no desenvolvimento do processo”. Dessa forma, há atores como “Dilma”, “as pessoas”, “Brasil”, “presidenta”, “governantes”, “ela”, “repasses federais”, “os prefeitos e governadores”, “Eduardo Campos” e “candidatos”, com suas respectivas metas “o Brasil”, “escândalo”, “em educação e saúde”, “muito em educação e saúde”, “verba”, “a culpa” “educação”, “atenção” e “uma vantagem”, “bons argumentos”, “fortes argumentos” e “ânimo”. A oração (18) é criativa geral, cujo ator é “ele” e a meta “cumprimento de suas promessas”. Já os exemplos (02), (12), (13), (15) e (19) são transformativos, pois segundo Fuzer e Cabral (2014), há a mudança de algum aspecto de um participante, seja ele ator ou meta, já existente. Dessa forma, na oração (02), há o processo transformativo de extensão de elaboração e traz como participante meta “eu”, sujeito desinencial, e escopo-processo, participante que não é afetado pelo processo, mas o constrói. As orações (12) e (19) são transformativas de extensão de posse, e vemos o ator no

pronome sujeito “isso”, bem como o atributo “populismo”, em ambos os casos. Já a oração (13), o processo é transformativo de intensificação de movimento de modo e traz como ator “Dilma” e como atributivo descritivo “com uma rigorosa fiscalização”. O processo presente em (15) é transformativo de elaboração de operação e traz o ator “o ex-governador Eduardo Campos” com um beneficiário cliente “com petistas e tucanos”, pois recebe “serviços prestados” do ator.

Na discussão, parte responsável pela exposição dos argumentos e construção da opinião sobre o tema abordado na situação-problema, o escritor apresenta, ora provas a favor da posição que assumiu ora para mostrar que a posição contrária está equivocada, ora simplesmente reforçá-la. Para deixar o texto objetivo, faz uso de exposição de fatos concretos, dados e exemplos através de sequências descritivas e explicativas. Nesse caso, utilizou elementos que reforçam os argumentos de qualidade/enaltecimento, acusação/ataque e crítica.

Para este bloco, destacamos o processo *votar*, o qual aparece onze vezes. Com o uso desse processo, evidencia a todo o momento, a atenção ao ato de votar, levando em consideração também a escolha certa e se atentando ao percurso da gestão Dilma Rousseff ao enfatizar a importância do voto, como mostram os exemplos abaixo:

- (20) (...) qual candidato *votar* (...) (A-OP 03 - **MANCH 01**);
- (21) (...) não querendo *votar* em um candidato (...) (A-OP 03 - **MANCH 01**);
- (22) (...) *votarei* nela (...) (A-OP 03 - **MANCH 01**);
- (23) Muitas pessoas *votaram* em Dilma (...) (A-OP 03 - **MANCH 01**);
- (24) (...) qualquer pessoa a *votar* nela (...) (A-OP 04 - **MANCH 01**);
- (25) (...) não *voto* nela (...) (A-OP 04 - **MANCH 01**);
- (26) (...) muitas pessoas que não vão *votar* em Dilma (...) (A-OP 04 - **MANCH 01**);
- (27) (...) vão *votar* em Aécio (...) (A-OP 04 - **MANCH 01**);
- (28) (...) eu não *voto* nele (...) (A-OP 04 - **MANCH 01**);
- (29) (...) o direito de *votar* no candidato (...) (A-OP 02 - **MANCH 04**);
- (30) (...) na hora de *votar* (...) (A-OP 05 - **MANCH 04**).

O processo *votar* faz parte das orações criativas pelo fato de trazerem à existência o participante ator, que passa a existir no mundo, como em (22) a (28). Há a

modificação dos participantes meta, como os exemplos (21) a (29), os quais evidenciam a presença do “eu”, “muitas pessoas” e “qualquer pessoa” como atores e “em um candidato”, “nela”, “em Dilma”, “em Aécio” e “nele”, como meta, elementos linguísticos que fazem parte do mesmo universo, que é o cenário político. Os três casos (20), (29) e (30), não trazem um participante específico, porque se referem ao ato de votar.

Nos casos (21) a (28), é atribuído aos participantes eleitores “eu”, “muitas pessoas” e “qualquer pessoa”, o papel de ator, que é intencional. Dessa forma, o articulista dá a eles o status de empreendedores da ação, que têm controle sobre elas, devido ao seu livre arbítrio, pois o voto é pessoal e intransferível. Percebemos, pelos exemplos, que ainda não há uma preferência clara acerca de qual candidato escolherem, e sim, deixa um tom de negação pelo governo da candidata Dilma Rousseff, já que ela é a atual presidenta. Eles poderiam expressar o apreço por seu mandato, mas não é isso que notamos, há incutida uma negação pelo governo PT.

Ocorre também um grande número de orações com o processo *fazer*:

(31) O que, a alguns dias, a população estava fazendo? Protestando contra a inflação. (...) (A-OP 03 - **MANCH 01**);

(32) (...) professores também *fazem* alguém na vida(...) (A-OP 03 - **MANCH 02**);

(33) (...) para a Copa do Mundo *fazem* estádios mais quando a população precisa onde estão as escolas e hospitais? (A-OP 03 - **MANCH 02**);

(34) (...) *faça* pelo país, mostre, estando ou não no governo, o que estamos precisando do agora não são palavras, são atitudes. (A-OP 01 - **MANCH 03**);

(35) Eduardo Campos tinha um modo de *fazer* sua campanha eleitoral diferente, lógico, como todo político tinha muitas promessas(...) (A-OP 03 - **MANCH 03**);

(36) (...) desanimo das pessoas na eleição porque nas pesquisas *feitas*, Eduardo campos está perdendo para Dilma. (A-OP 05 - **MANCH 04**);

(37) (...) Eduardo está tentando dar ânimo para as pessoas, porque pesquisa ou índices não importa o que vale é (...) *fazer* suas propostas (...) *fazer* que acredite na sua proposta para mudar. (A-OP 05 - **MANCH 04**).

O processo *fazer* é classificado como material criativo geral, pois como mencionamos, o participante passa a existir no mundo, como em (31) “população”, (32) “professores”, (35) “Eduardo Campos”, (36) “pesquisas” e (37) “Eduardo”. Na oração (33),

há a presença de um participante indeterminado; em (34), há uma oração imperativa. Quanto as metas, em (31), há uma oração intransitiva, (32) “alguém na vida”, que é atributo descritivo. Em (33) “estádios”, em (34) há também uma oração intransitiva com uma circunstância, em (35) “campanha eleitoral”, (36) há a presença de mais uma oração intransitiva e (37) a meta é “proposta”.

O que percebemos é que esses dois processos *votar* e *fazer* condizem com o espaço que frequentam, a discussão pelo fato de reforçarem os argumentos com provas referentes aos candidatos mencionados. Nos artigos condizentes com as MANCHs 01 e 02, (31) a (33) que trazem como tema central o governo Dilma Rousseff, notamos uma rejeição para com a candidata. Os alunos articulistas mencionam a contrariedade do seu governo e justificam com fatos marcantes que envolvem o PT, como inflação, desvios de dinheiro e críticas à construção de estádios para a Copa do Mundo, em 2014, o que denotam críticas.

Ao partir para os artigos produzidos com base nas MANCHs 03 e 04, cujo personagem é Eduardo Campos, vemos um posicionamento mais favorável ao candidato, o que fica claro pelos argumentos evidenciados nos exemplos (35) e (37). Os alunos acreditam no candidato e que o mesmo trará benfeitorias ao país. Eles exemplificam a postura do presidenciável, exaltando-a, como digna de voto. Nesses exemplos, destacamos em (34), uma crítica, em (35) e (37) qualidade/enaltecimento e em (36), a escolha preferencial por um candidato, a indução ao voto.

Há também a presença dos processos *crescer*, *subir* e *ampliar*. No contexto em que estão inseridos, trazem o mesmo sentido, de “avolumar”. Eles são classificados como transformativos de elaboração de tamanho, pois indicam que há uma progressão no percentual de votos, como mostra em (41), o que enaltece a candidata do PT. Em (39), há uma qualidade/enaltecimento quando demonstra o projeto que o candidato Eduardo Campos quer levar a todo o país e justifica que a educação é a base do progresso. Em contrapartida, as orações (38) e (40), fazem uso de os processos *subir* e *crescer*, respectivamente, não no sentido positivo de ampliação, mas sim que esse aumento trará regresso ao país. Essas orações dão aos artigos um tom crítico para que haja reflexão acerca da candidata do PT.

Nos exemplos citados, há como participantes ator em (38) “inflação”, (39) “Eduardo Campos”, (40) “Brasil” e (41) “ele” e como meta em (38), “esse projeto” e um beneficiário cliente “para todo o Brasil”, pois recebe serviços prestados pelo ator. Em (40) e (41) há orações intransitivas, já que trazem apenas um participante ator.

(38) Logo no começo deste ano, a inflação subiu para 8,2%, uma das maiores que já tivemos. E houve protestos. (A-OP 03 - **MANCH 01**);

(39) (...) pretende se for eleito expandir esse projeto para todo o Brasil, pois a base de um país desenvolvido é a educação. (A-OP 04 - **MANCH 01**);

(40) Se depender do PT, o Brasil não cresce, ele permanece estagnado como a muitos anos está. (A-OP 04 - **MANCH 02**);

(41) (...) e os petistas afirma que ela ampliará ainda mais nas pesquisas. (A-OP 05 - **MANCH 04**).

Outro processo muito frequente é o *ir* o qual se classifica como transformativo intensivo de movimento de lugar, em que subentende um certo deslocamento dos participantes.

(42) (...) a presidente vai para essas eleições como favorita, na minha opinião (...) (A-OP 01 - **MANCH 01**);

(43) (...) é na hora de voltar, fazer suas propostas ir adiante (...) (A-OP 05 - **MANCH 04**);

(44) Vão no portal da Transparência(...) (A-OP 05 - **MANCH 02**).

Vemos uma estratégia de comprovação de dados que denota uma crítica no exemplo (44), em que se pede a constatação de tal investimento no Portal da Transparência. Os dois outros casos (42) e (43) há qualidade de perseverança, que é seguir em frente apesar dos resultados.

Essas orações materiais por apresentarem um processo que indica movimento de lugar, trazem circunstâncias de lugar, logo não notamos a presença de outro participante, apenas do ator “presidente” em (42), “propostas” em (43) e uma oração imperativa em (44).

No bloco solução-avaliação, cabe ao escritor evidenciar uma resposta à questão apresentada e reafirmar o seu posicionamento crítico. Observamos neste bloco, que o índice maior de processos é *fazer, criar e escolher*, o que fica clara uma avaliação para os problemas apresentados, já que os mesmos denotam uma postura mais reflexiva que de ação por parte do eleitor. Então, podemos notar uma acusação em (45) e uma qualidade/enaltecimento em (46) no desejo de agir e de mudar a situação do país. Vemos que, por um lado há a afirmação de que a candidata Dilma não fará nada de positivo para o Brasil, caso seja eleita e, por outro, a

postura do candidato, Eduardo Campos, que cautelosamente age para chegar ao cargo de presidente.

(45) (...) ela (...) nem *fará* nada para o brasil de benéfico (...) (A-OP 02 - **MANCH 02**);

(46) Eduardo *faz* com que as pessoas parem e reflitam (...) (A-OP 05 - **MANCH 03**).

Como já mencionado, o processo *fazer* é material geral por trazer à existência, um participante ator “ela” em (45) e uma meta “pessoas”. “Eduardo” em (46) como participante ator, a meta “nada” e um beneficiário cliente “para o brasil”. As orações acima, reafirmam o que foi dito na discussão ao destacar a negação do governo Dilma em (45) e o posicionamento a favor de Eduardo Campos (46).

As orações materiais que seguem, trazem o processo *criar*, que é classificado como material criativo específico, e mais uma vez a postura favorável ao candidato Eduardo Campos, como mostra em (47) ao demonstrar uma qualidade e, logo em seguida em (48), uma crítica ao generalizar os candidatos. Nestas orações há o participante ator “Eduardo” em (47) e “Os políticos” em (48), bem como a meta “verdade” em ambos os casos.

(47) Eduardo (...) infinita capacidade de criar verdade. (A-OP 02 - **MANCH 04**);

(48) Os políticos gostam de criar verdades onde não tem. (A-OP 05 - **MANCH 04**).

Fica visível assim, que em todas as orações vistas até aqui, há um ator intencional, isso mostra que o articulista pretende dar aos leitores o agir, que é escolher o seu representante, aquele político sério, que trabalhará em prol do país, em parceria com o eleitor. Nos exemplos (46) e (47), o político prega uma mudança e a força de vontade parece ser a mola propulsora, logo percebemos também que há a intenção de construção da imagem do candidato que põe em relevo seu trabalho, sua índole.

No exemplo (49), o articulista tenciona convencer o leitor de que há um político capaz, experiente, uma vez que o seu passado foi de luta e, dessa forma, ao escolher o

melhor representante para o país, trará as mudanças esperadas. Neste exemplo, há qualidade/enaltecimento do candidato Eduardo Campos e mostra também a preferência por este político.

(49) Então agora é a hora de *escolher* a pessoa que vai governar nosso país por 4 anos, então devemos *escolher* corretamente e eu *escolho* Eduardo Campos a pessoa mais capacitada (...) (A-OP 04 - **MANCH 01**).

O processo *escolher* faz parte da oração material criativa específica, por isso, evidenciamos os participantes atores “desinencial” e “eu” e como meta, “a pessoa” na primeira ocorrência; e na terceira ocorrência “Eduardo Campos”. Na segunda ocorrência, há uma oração intransitiva com uma circunstância de modo qualidade.

Percebemos que os processos materiais podem preencher funções diversificadas, de acordo com o contexto em que estão inseridos. Há um predomínio de sentenças transitivas, o que pode ser atribuído ao fato de que a visão de mundo retratada nos artigos de opinião se localiza na transição de uma força, no agir/fazer de alguém sobre um objeto ou fato; é uma descrição de impactos que se expressa na língua pelas orações transitivas, o que também é marcante a presença dos participantes e com eles, dão ao processo significados divergentes. A partir disso, a transitividade ganha vida ao deixar apenas de ser um conteúdo gramatical de identificação e classificação com seus objetos sem função alguma.

3.4.2 Uso de Orações Relacionais: representações do ser

As orações relacionais são utilizadas para definir, classificar, caracterizar, generalizar e identificar. Elas enquadram as experiências vividas dentro de uma visão particular, pois evidenciam uma relação estática em ter os dois participantes, que são portador e atributo nos relacionais atributivos, e característica e valor, nos relacionais identificativos.

As orações relacionais é o segundo processo mais frequente na pesquisa. Ocorre em cento e dezenove casos, porém, aqui destacamos os processos mais recorrentes que

circulam os argumentos de qualidade/enaltecimento, acusação/ataque, crítica e indução do voto.

Através do processo relacional, mostramos as qualidades e capacidades, fatores que se julgam importantes para o convencimento e para isso, nesse processo, há a presença de três subtipos: intensivo, circunstancial e possessivo, os quais podem apresentar-se nos modos atributivo e identificativo. O processo relacional atributivo traz uma entidade que recebe uma qualidade, ou seja, uma classificação, seja ela positiva ou negativa. No processo relacional identificativo, há uma definição, uma identidade dada a uma entidade já existente.

O processo relacional identificativo aparece em 65 casos e 54 são do modo relacional atributivo. Vemos que o articulista considera muito importante enfatizar as qualidades e habilidades como estratégia de persuasão.

Nas orações relacionais, presentes no bloco de situação inicial, há uma grande ocorrência dos processos *ser* e *estar*, os quais concentram nove casos. As orações construídas com o processo *ser* não têm significado circunstancial efêmero como o processo *estar*, e sim traz aquilo que é duradouro, permanente, estável. A escolha é muito apropriada porque com ela o articulista tenta transmitir ao eleitor as qualidades estáveis de determinados candidatos, como se veem abaixo:

(50) (...) Eduardo e sua oposição (...) entre petistas e tucanos (...)onde nenhum destes seja criticado ou que as palavras do ex-governador sejam distorcidas (...) (A-OP 01 - **MANCH 03**);

(51) A capacidade de os políticos adaptarem as campanhas é uma forma essencial para quem está numa disputa política. (A-OP 04 - **MANCH 04**).

Os exemplos (50) e (51) são relacionais intensivos atributivos, pois caracterizam os portadores “palavras” e “campanhas” e os atributos “distorcidas” e “forma essencial”. Fica claro que o índice de qualidades corresponde ao candidato Eduardo Campos, o que mostra um certo apreço por parte dos articulistas para com esse presidenciável.

As acusações também aparecem no bloco situação inicial, as quais circulam nas orações com estes mesmos processos *ser* e *estar*.

(52) *Está* no momento sofrendo várias acusações, *sendo* uma delas na qual a atual presidenta não está investindo em educação e saúde. (A-OP 02 - **MANCH 02**);

(53) (...) *é* de responsabilidade da presidente fiscalizar os diversos governos e órgãos públicos do brasil (...) (A-OP 04 - **MANCH 02**);

(54) (...) os repasses federais para a educação não *estão sendo* investidos como deveriam (...) (A-OP 05 - **MANCH 02**);

(55) E notório que está uma disputa acirrada entre partidos (...) (A-OP 05 - **MANCH 04**).

As ocorrências acima são, em (52) a (55) relacionais circunstanciais atributivas, pois há uma relação de tempo em (52), de acompanhamento em (53) e modo em (55). Nelas se visualizam os portadores e os atributos.

Retrata também as acusações/ataques, as quais fazem os leitores refletirem sobre a escolha do representante, com questionamentos acerca de tal escolha, levando o leitor a reconhecer determinadas posturas incorretas perante a decisão de quem votar e assim, fazer com que se acorde e assuma a responsabilidade de escolha que implicará em melhorias ao país ou não.

As orações (56), (58) e (59) são relacionais intensivas atributivas e trazem como portadores, “nós” (sujeito desinencial) em (56) e “corrupção” em (58) e (59), bem como os atributos “uníssonos” em (56), “atual” em (58) e “grave” em (59). A oração (57) é circunstancial identificativa.

(56) (...) não somos todos uníssonos, temos nossas opiniões fomentadas e diferentes em relação a outras pessoas (...) (A-OP 01 - **MANCH 01**);

(57) *Seria* realmente a melhor opção para a melhoria do nosso país? Ou a pior? (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(58) A corrupção em nosso país não *é* algo atual(...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(59) (...) a corrupção *está* mais grave agora (...) (A-OP 01 - **MANCH 02**).

É pertinente mencionarmos que essas orações relacionais dão à situação inicial um caráter reflexivo, o qual permeia todos os artigos de opinião, e que se argumentam no bloco discussão, onde traz a desenvoltura dos argumentos apresentados, os quais conferem

maior credibilidade e legitimidade ao que foi escrito na situação inicial. Nele, constam a presença de trinta e cinco ocorrências com o processo *ser* e dezoito com o processo *ter*, porém não fazemos uso de todas as orações devido ao fato de restringirem aos argumentos de acusação/ataque e crítica.

O verbo *ser*, como já dissemos anteriormente, traz uma característica duradoura, permanente, estável. Isso é relevante à discussão pelo fato de os articulistas reforçarem as imagens dos candidatos, criadas a partir do que veem na mídia escrita, televisiva ou digital e a partir disso, constroem seus conceitos de identificação, de definição de determinados candidatos, sejam de forma positiva ou negativa. Já com o processo *ter* percebemos um tom de posse, em que a coisa possuída é atributo que provavelmente o articulista supõe que seja muito importante destacar em um político. Pertencer à classe dos experientes sugere que o candidato tem experiência e competência para administrar o país, ou não, ao trazer também aspectos negativos, o que engrandece os artigos pelo fato de os articulistas estarem por dentro da campanha eleitoral à presidência e mostrarem que não são meros expectadores, pois têm opiniões formadas e reflexivas diante do momento da escolha do presidenciável.

Aqui destacamos as qualidades/enaltecimentos com os processos *ser* e *ter*, trazidos pelos articulistas, acerca dos candidatos, exceto em (70), pois há uma crítica sobre o modo como os candidatos expandem seus discursos.

(60) (...) Dilma *é* a melhor opção de voto para nós brasileiros, porém penso que nos próximos dias pode haver uma mudança nesse cenário político. (A-OP 01 - **MANCH 01**);

(61) Na minha opinião, a pessoa mais indicada para governar o Brasil *é* Eduardo Campos (...) (A-OP 04 - **MANCH 01**);

(62) (...) e pretende se for eleito expandir esse projeto para todo o Brasil, pois a base de um país desenvolvido *é* a educação. (A-OP 04 - **MANCH 01**);

(63) Estão sendo investidos na saúde e educação, respectivamente, 8% e 5,7% atualmente. (A-OP 02 - **MANCH 02**);

(64) A posição tomada por Eduardo Campos *pode ser* considerada admirável (...) (A-OP 05 - **MANCH 03**);

(65) Eduardo campos *é* nobre a partir do momento em que ele não critica diretamente Dilma, mas seu governo (...) (A-OP 05 - **MANCH 03**);

(66) Como lhe *era* de costume, Eduardo esbanjava simpatia e confiança em seus discursos (...) (A-OP 01 - **MANCH 04**);

(67) *Era* um homem que poderia nos ajudar, no meu ponto de vista. (A-OP 01 - **MANCH 04**);

(68) (...) *não é* homem de pesquisas e sim de urnas (...) (A-OP 02 - **MANCH 04**);

(69) Eduardo não agradou a muitos insatisfeitos com a atuação do ex-governador, analisam os outros candidatos e a preferência *é* a atual presidenta Dilma (...) (A-OP 02 - **MANCH 04**);

(70) O discurso *precisa ser* de uma forma direta para os outros políticos (...) (A-OP 04 - **MANCH 04**).

Nessas orações, percebemos uma representação da identidade dos presidenciais, que de acordo com Halliday e Mathiessen (2004 *apud* FUZER; CABRAL, 2014) trazem distinções, há a presença de orações relacionais intensivas atributivas. Em (60), (62) a (65) e (67), atribuem às entidades portadoras “Dilma”, “país”, “89% e 5,7%”, “posição”, “Eduardo Campos”, e em (67), a presença de um sujeito indeterminado. Seus respectivos atributos são “melhor opção”, “educação”, “investidos”, admirável”, “nobre” e “homem”. A oração (66) é relacional circunstancial de modo atributivo por evidenciar o modo de se fazer os discursos. Nessa oração, há a presença do portador “lhe” bem como o atributo “de costumes”. Os casos (61) e (69) são orações relacionais intensivas identificativas e trazem como identificados “Eduardo Campos” e “Dilma” com seus respectivos identificadores “pessoa mais indicada” e “preferência”.

Nas orações seguintes, as quais trazem o processo *ter*, são identificadas como relacionais pelo fato de estabelecerem uma relação entre entidades diferentes, mas além disso, por representarem seres no mundo através das características e identidades e são possessivas, por existir uma relação de posse entre essas entidades. Em (71), há um misto de crítica e qualidade/enaltecimento. Já em (72), evidencia apenas qualidade/enaltecimento do candidato Eduardo Campos.

(71) Eduardo Campos *tinha* um modo de fazer sua campanha eleitoral diferente, (...) *tinha* muitas promessas, que povo brasileiro ficava com receio de depositar tanta confiança, mas *tinha* um jeito de governar que muitos admiravam (...) (A-OP 03 - **MANCH 03**);

(72) *Tinha* objetivos bem definidos, experiência, carreira de vitórias, etc.(...) (A-OP 01 - **MANCH 04**).

Nos casos acima, em (71), a primeira ocorrência do processo *ter*, é possessivo circunstancial de modo identificativo, por apresentar “Eduardo Campos”, como o possuidor, pois fazia sua campanha, bem como governava tão bem o estado de Pernambuco. Na segunda ocorrência, há o mesmo portador “Eduardo Campos”, e o possuído é “muitas promessas”. No exemplo (72), mesmo não expresso nesse fragmento, o possuidor é “Eduardo Campos” e o possuído “objetivos bem definidos”.

Percebemos que as orações que representam as qualidades são referentes ao candidato Eduardo Campos (61), (62), (64) a (66) a (68), (71) e (72), o que justificamos pelo fato de ser um candidato do estado de Pernambuco, de ser gente da gente, então vemos, de certa forma, como uma possível melhoria para o país.

Em contrapartida, com o uso desses mesmos processos *ser* e *ter*, os articulistas também acusam/atacam e criticam os candidatos, evidenciando assim, um outro lado da política, que é ressaltar a parte negativa de cada presidenciável, construída no decorrer de sua caminhada política.

Nas orações que seguem, é interessante destacarmos que os articulistas se utilizam muito bem das palavras, porque eles buscam conhecimentos fora do contexto escolar para a construção dos seus artigos, bem como o conhecimento prévio. Aqui, eles evidenciam as acusações/ataques referentes aos candidatos, em seguida, as críticas por eles feitas.

(73) (...) *é* que os escândalos de corrupção atualmente no Brasil *são* muito focados pela mídia (...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(74) Em discurso, Dilma prioriza a educação. (...) *não é* isso que está acontecendo. Nem a saúde e nem a educação *estão sendo* prioridade dos investimentos do governo. (A-OP 02 - **MANCH 02**);

(75) Apesar dos investimentos *não serem* poucos, o governo acaba investindo muito mal *sendo* para o seu próprio interesse. (A-OP 02 - **MANCH 02**);

(76) O mundo *é* dos corruptos (...) (A-OP 01 - **MANCH 03**).

O caso (73) é relacional intensivo identificativo com estrutura passiva, logo, há como identificado “os escândalos de corrupção” e identificador “pela mídia”. Os exemplos (74) e (76) são intensivos identificativos e apresentam “nem a saúde nem a educação” e “o

mundo” como identificados e “prioridade” e “corruptos” como identificadores. A oração (75) é intensiva atributiva já que traz o portador “investimentos” e o atributo “poucos”.

Observamos, nessas orações, um tom agressivo, de revolta, por parte dos articulistas ao trazerem à tona aspectos negativos, como problemas sociais, ao destacar falta de investimento à educação, que até é feito, mas o dinheiro não é utilizado, o que decorre para o fator corrupção.

Apesar de serem alunos do 9º ano, há a presença de bons argumentos acerca dos determinados candidatos, percebemos uma criticidade em formação, o que é mais evidente quando eles acusam/atacam os candidatos. Nestas orações o uso do processo *ter* dá ao texto um tom de negação para determinadas atitudes dos presidenciáveis. Os articulistas reprovam-nas porque sabem que são atitudes errôneas, desmerecidas de qualquer apreço, como vemos a seguir:

(77) O governo quer no alienar para que não *tenhamos* a capacidade de ver o erro, (...) (A-OP 02 - **MANCH 02**);

(78) Os políticos (...) não *tem*, ou seja não deixa as pessoas Brasileiras *ter* seu livre arbítrio (...) (A-OP 05 - **MANCH 04**).

As orações (77) e (78) são relacionais possessivas identificativas cujos possuídos são “nós” e “políticos” e seus respectivos possuidores “capacidade” e “seu livre arbítrio”.

As orações (79) e (80) reforçam as acusações/ataques e críticas sobre a postura da candidata Dilma Rousseff, afirmando a sua incapacidade de gerir o país, como constatamos abaixo:

(79) (...) Dilma não *tem* nenhuma preparação para *ser* presidenta de um país enorme como o brasil (...) a mesma não *tem* argumentos que favoreçam suas propostas e intervenções na vida da sociedade. (...) ela não *tem* a mínima consciência do que se passa no Brasil (...) (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(80) As opiniões contrárias se dão pela oposição política e por pessoas que não *tem* uma formação crítica bem elaborada (...) (A-OP 01 - **MANCH 02**).

Nessas orações há a presença do processo *ter*, são classificadas como possessivas identificativas e trazem, no exemplo (79) o possuidor “Dilma” e em (80) “pessoas” e como possuídos, em (79) “preparação, argumentos, mínima consciência” e em (80), “uma formação crítica”.

Os artigos apresentam o lado daqueles eleitores que não buscam ou não conhecem os seus candidatos e votam por votarem, não sabendo eles que podem entregar o país a uma pessoa que não trará benefício algum, que apenas usufruirá dos bens nacionais, assim, cada eleitor tem parcela de culpa no progresso ou regresso do país, fator que observamos nas orações seguintes.

(81) Todos nós *somos* corruptos (...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(82) (...) o que diferencia um país do outro *é* a autonomia do governo e sua coragem de combater os casos de corrupção, fazendo valer a justiça e as providências cabíveis. (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(83) Apesar de Eduardo se aproximar de seus opositores (...) uma aliança *é* uma boa escolha (...) (A-OP 02 - **MANCH 03**).

Esses exemplos trazem o processo *ser* como intensivo atributivo. Os portadores são “todos nós” e “aliança” e como atributos, respectivamente, “corruptos, autonomia e coragem” e “boa escolha”.

A situação-avaliação, local onde o articulista reafirma o ponto de vista e traz uma avaliação para o que foi exposto, o desfecho do artigo de opinião, há a ocorrência de vários processos, os quais perpassam os argumentos de acusação/ataque, como notamos abaixo:

(84) Dilma ganhou e por isso que hoje o brasil *está* assim uma vergonha, porque viemos perceber o erro quando já *era* tarde demais. (A-OP 05 - **MANCH 01**);

(85) não haverá mudança e o Brasil *continuará* da mesma maneira que já *é*. (A-OP 05 - **MANCH 03**).

O exemplo (84) é relacional intensivo identificativo e traz “o Brasil” como identificado e “uma vergonha” como identificador. Em (85), há um circunstancial

identificativo, cujo portador é “Brasil” e a circunstância de modo é expressa por “da mesma maneira”.

Em meio a essas acusações/ataques, destacamos mais uma vez as críticas, muito importantes neste bloco de solução-avaliação, pois os articulistas reafirmam o que já foi mencionado e certificam de seu posicionamento crítico.

(86) Por fim, vemos que ela não *foi* a melhor escolha e nem fará nada para o Brasil de benéfico. (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(87) Para que a educação evolua mais rápido, *deveria ser* implantado projetos para aumentar a fiscalização dos prefeitos, para que eles utilizem realmente o dinheiro todo para a educação e não *sendo* desviado para os bolsos dos prefeitos e governadores. (A-OP 05 - **MANCH 02**);

(88) Enfim, em minha opinião, Eduardo Campos *seria* a melhor escolha (...) (A-OP 01 - **MANCH 04**).

Em (86) e (88) aparecem orações relacionais intensivas atributivas e trazem como portadores “ela” e “Eduardo Campos” e o atributo “melhor escolha”, nas duas orações. Já em (87), a oração é intensiva identificativa cujo identificado é “projetos” e identificador “implantado”.

Em (89) a (91) há qualidades/enaltecimentos, as quais denotam um sentido de apreço para com alguns candidatos, que há o lado bom. Nestes casos, as orações são relacionais intensivas atributivas com os portadores, em (90) e (91) “ninguém” e “Eduardo Campos” (mesmo ausente nesse fragmento), e seus respectivos atributos “perfeito”, “homem preparado” e “o melhor presidente”.

(89) no governo Dilma há a inda muitas falhas, pois ninguém *é* perfeito(...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(90) (...) ele *era* um homem preparado e com respostas claras e objetivas. E se mostrou um grande candidato ao posto, apesar dos pesares (...) (A-OP 03 - **MANCH 03**);

(91) Eduardo Campos *promete ser* o melhor presidente que o Brasil já viu. (A-OP 05 - **MANCH 03**).

Há na solução-avaliação, orações que refletem a indução do voto, as quais trazem uma reflexão acerca do ato de votar, que seja de forma consciente e reflexiva, levando em consideração, a história e atitudes dos candidatos, em sua jornada política.

(92) Então agora *é* a hora de escolher a pessoa que vai governar nosso país por 4 anos, então devemos escolher corretamente e eu escolho Eduardo Campos a pessoa mais capacitada para exercer essa função tão importante que *é* ser presidente de um país. (A-OP 04 - **MANCH 01**);

(93) A democracia brasileira só chegara a ser completa quando todos, tomarem consciência, que a política *deve ser* tratada com moral e ética. (A-OP 04 - **MANCH 02**);

(94) A população geral, por não *ter* tanto interesse político, acaba de certa forma contribuindo com a corrupção, elegendo pessoas desqualificadas como Dilma Rousseff. (A-OP 04 - **MANCH 02**).

Em (92) há uma oração relacional circunstancial atributiva, a qual traz o portador “a hora” e o atributo circunstancial de tempo “agora”. Já em (93), também há a presença de uma oração relacional circunstancial atributiva, cujo portador é “política” e o atributo “tratada com moral e ética”, que é circunstancial de modo. Em (94) há a presença do processo *ter* que dá a oração um sentido de posse. No caso em evidência, é uma oração relacional possessiva identificativa e traz como possuído “a população em geral” e possuidor “interesse político”.

Como mostram os exemplos, os processos relacionais estabelecem relações claras entre entidades e contribuem para classificar e categorizar as entidades envolvidas. Esse tipo de processo é recorrente nos artigos de opinião porque expressa visões particulares de mundo, tornando-se um recurso valioso na formação do ponto de vista exposto. Os processos relacionais parecem exercer uma forte influência no leitor-escritor, já que são responsáveis por enquadrar os fatos, impondo ao leitor do texto um modo particular de perceber os fatos.

Assim, enquanto os processos materiais apresentam os eventos e as ações, os relacionais classificam e definem entidades materialmente construídas ao configurar como uma força argumentativa poderosa para realizar o ponto de vista institucional que os artigos de opinião expõem.

3.4.3 Uso de Orações Mentais: representação do sentir

As orações mentais lidam com a apreciação humana do mundo. Pela análise desse tipo de processo identificamos crenças, valores e desejos que estão representados nos artigos de opinião. Os processos mentais apresentam quatro subtipos: percepção, a cognição, afeição e desejo. O subtipo percepção, refere-se à percepção dos sentidos, a cognição à compreensão dos fenômenos, a afeição está relacionada aos sentimentos e o desiderativo aos desejos. Essas orações trazem participantes que são tipicamente humanos, por isso, de acordo com Fuzer e Cabral(2014), a função léxico-gramatical que exercem nas orações é de experienciador e o complemento desse processo, que se refere ao que é sentido, pensado, percebido ou desejado, chama-se fenômeno. As orações mentais também podem projetar outras orações.

Nos dados analisados, o processo mental ocupa a terceira posição, com cerca de sessenta e sete casos. Nas ocorrências, os articulistas expressam sentimentos, percepções dos fenômenos.

A princípio, seguimos o mesmo percurso de análise, a qual é separada por blocos estruturais do artigo de opinião e os tipos de argumentos que expressam: de qualidade/enaltecimento, acusações/ataques e críticas, presentes na situação inicial, parte responsável pela exposição da tese, da opinião, observamos não a quantidade de processos, mas sim, os subtipos. As orações relacionais cognitivas têm maior ocorrência, elas trazem os processos convencer, saber pensar, lembrar, acreditar e esquecer.

(95) (...) o populismo da presidente *está convencendo* a população e o jogo de estratégia de Aécio e Campos não estão surtindo efeito em relação as suas popularidades (...) (A-OP 01 - **MANCH 01**);

(96) Nessa reportagem a Dilma, (...) só quer colocar a culpa nos governantes e prefeitos de gastos exagerados ou até mesmo de corrupção, onde nós *podemos lembrar* que ocorreram vários casos assim. *Podemos lembrar* também que é de responsabilidade da presidente fiscalizar os diversos governos e órgãos públicos do brasil, que *sabemos* que isso não aconteceu. (A-OP 04 - **MANCH 02**);

(97) (...) pois os prefeitos e governadores estão deixando de lado a educação, *esquecendo* de dar uma atenção maior a este assunto tão importante. (A-OP 05 - **MANCH 02**);

(98) (...) Eduardo Campos (...) não desiste e *acredita* que dias melhores viram (...) (A-OP 02 - **MANCH 04**).

A oração (95) apresenta o experienciador “presidente” e como fenômeno “a população”. Em (96), há o experienciador “nós” em todas as ocorrências dos processos. Em (97) “prefeitos e governadores” e em (98) “Eduardo Campos”. Nesses casos, aparecem orações projetadas cujos fenômenos são realizados por orações, como “que ocorreram vários casos assim”, primeira ocorrência; “também é de responsabilidade da presidente”, segunda ocorrência; e “que isso não aconteceu”, na terceira ocorrência da oração (96). Em (97), a oração projetada é “de dar uma atenção maior” e em (98) “que dias melhores viram”.

Nesses processos, percebemos que o articulista exprime as suas experiências de mundo, enquanto leitor e traz a presença de orações que têm o argumento de acusação/ataque em (96), (97) ao evidenciar como anda o cenário político atual. Em contrapartida, há a presença de orações que mostram que os candidatos acreditam no seu potencial e fazem o possível para conquistar o voto dos eleitores, como mostram os casos (95) e (98).

Nos processos perceptivos que seguem, há uma ênfase na pesquisa, o que pode influenciar na escolha de um candidato ou não. Há incutida uma mensagem de manipulação, a qual pode possibilitar ao eleitor um possível posicionamento a favor daquele que está na frente das pesquisas.

Nas orações mentais (99) a (101) aparecem como fenômeno “nós” (sujeito desinencial) e como experienciadores “uma certa diferença entre o percentual” (99), “essa pesquisa” (100) e “Eduardo” (101).

(99) (...) em pesquisas vamos uma certa diferença entre o percentual entre Dilma, Eduardo e Aécio. (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(100) Como podemos ver essa pesquisa foi realizada em junho, no começo das eleições, com a presidente Dilma com boa vantagem (...) (A-OP 05 - **MANCH 01**);

(101) (...) durante toda a reportagem vemos Eduardo e sua oposição relacionando a polarização entre petistas e tucanos, isto claro, de uma forma onde nenhum destes seja criticado (...) (A-OP 01 - **MANCH 03**).

Os processos emotivos dão aos artigos, principalmente àqueles que se referem as MANCHs 01 e 02, um tom mais negativo pelo fato de os articulistas acompanharem os escândalos que ocorrem na gestão do PT, como mostram as orações (102) e (103). Na oração (104), o que se vê é uma postura agradável em relação ao candidato Eduardo Campos ao evidenciar sua postura em relação aos demais candidatos.

(102) Muitos julgam que a corrupção está mais grave agora no governo petista, (...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(103) O PT, partido dos trabalhadores, (...) Está no momento sofrendo várias acusações, sendo uma delas na qual a atual presidenta não está investindo em educação e saúde. (A-OP 02 - **MANCH 02**);

(104) Eduardo Campos, candidato ao cargo de presidente do brasil, de acordo com essa manchete publicada, ele seguiu fazendo seus comentários, em minha opinião, não para rebaixar nem desmerecer seu oponente (...) (A-OP 03 - **MANCH 03**).

Nessas orações os experienciadores aparecem em (102) como “muitos”, em (103) “O PT” e em (104) “Eduardo Campos” e, como fenômenos, em (103) e (104) “várias acusações” e “seu oponente”, respectivamente. A oração (102) traz como fenômeno, uma oração projetada “que a corrupção está mais grave agora no governo petista. ”.

No bloco discussão, parte responsável pela argumentação que sustenta o ponto de vista, que contesta, que critica, temos a presença maior de processos mentais cognitivos e perceptivos, pois é nesse momento que o articulista mostra que domina o conteúdo, que há argumentos cabíveis para contestarem o que foi dito na situação inicial. São feitas considerações importantes, as quais serão responsáveis pela solução-avaliação.

Nestes exemplos, há um posicionamento crítico e de acusação/ataque exacerbado por conta dos articulistas, os mesmos são severos em seus argumentos ao enfatizarem acontecimentos marcantes na vida dos presidenciáveis. São mensagens que constroem uma imagem negativa dos candidatos, como os exemplos referentes à candidata Dilma Rousseff. Dessa forma, o leitor é induzido a pensar que o articulista tem um candidato mais indicado para ter o voto, o que de certa maneira, há uma pretensão em convencer o leitor a tê-la também.

(105) (...) porém *penso* que nos próximos dias pode haver uma mudança nesse cenário político. (A-OP 01 - **MANCH 01**);

(106) *Penso* que esse jogo de estratégias dos candidatos aliado a algumas propostas políticas podem causar uma certa confusão nos eleitores criando um paradoxo nas nossas mentes. (A-OP 01 - **MANCH 01**);

(107) (...) todos nós *sabemos* como o Brasil está, hospitais lotados, pacientes largados em macas, sem atendimento médico e sem materiais básicos para o atendimento para as pessoas; Assaltos em qualquer lugar e a qualquer hora, muitas vezes com mortes e ainda os vários escândalos de corrupção na Petrobrás(...) (A-OP 04 - **MANCH 01**);

(108) (...) eu *penso* que estávamos *vendo* com maus olhos, porque nós víamos um presidente pronto e preparado(...) (A-OP 05 - **MANCH 01**);

(109) (...) todos nós *sabemos* que houve sim negligência de sua parte em relação à tudo, como por exemplo a educação brasileira que está cada vez pior. (A-OP 04 - **MANCH 02**);

(110) O mundo é dos corruptos, e *vemos* isso entre acontecimentos que nos rodeiam, o que *é pensado* não é na população muito menos na melhoria de nada, porém temos uma sociedade cega que não quer *enxergar*, (...) políticos com lábia, políticos que estão preparados para falar e defender o que queremos ouvir, mas desculpe pessoas que *acreditam*, falar é muito mais simples(...) (A-OP 01 - **MANCH 03**).

Nesses casos, aparecem como experienciadores, em (105) e (106) “eu” nos dois exemplos. Em (107) e (109), o experienciador é “nós”, nas duas orações. Quanto aos fenômenos, são orações projetadas. Em (105) “que nos próximos dias pode haver uma mudança nesse cenário político.”, em (106) “que esse jogo de estratégias dos candidatos aliado a algumas propostas políticas podem causar uma certa confusão nos eleitores criando um paradoxo nas nossas mentes.”, em (107) “como o Brasil está, hospitais lotados, pacientes largados em macas, sem atendimento médico e sem materiais básicos para o atendimento para as pessoas; (...)”, e (109) “que houve sim negligência de sua parte em relação à tudo, como por exemplo a educação brasileira que está cada vez pior.”. Em (108), há o experienciador “eu” e o fenômeno é “com maus olhos”. Na oração (110), o primeiro processo “*vemos*” traz como experienciador o sujeito desinencial “nós” e como fenômeno “isso”; na segunda ocorrência “*é pensado*”, o sujeito é desinencial e como fenômeno, uma oração projetada “não é na população muito menos na melhoria de nada”; na terceira ocorrência, com o processo *acreditar*, o experienciador é “pessoas” e o fenômeno também é uma oração projetada “falar é muito mais simples”.

Ao ler tais orações, notamos que o articulista pretende transformar o leitor em um ser onisciente acerca da vida política dos candidatos para assim, não escolher equivocadamente o seu representante.

Esse fator é comprovado ainda mais quando os articulistas se utilizam das orações mentais perceptivas, que nos casos abaixo, fazem uso do processo *ver*.

(111) Muitas pessoas hoje podem *ver* que o brasil está passando por um período de grande recessão. (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(112) Hoje *vemos* que Dilma não tem nenhuma preparação (...) *vemos* que a mesma não tem argumentos que favoreçam suas propostas e intervenções na vida da sociedade. (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(113) Podemos *ver* que ela não tem a mínima consciência do que se passa no Brasil e nem das causas e consequências que isso causou. (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(114) Se *vejo* que Dilma está em 1º lugar em todas as pesquisas, não querendo votar em um candidato que não terá chances ou ganhar e desperdiçar meu voto, votarei nela só para não “perder” meu voto. (A-OP 03 - **MANCH 01**);

(115) (...) hoje estamos *vendo* que os brasileiros estão insatisfeitos com o governo do PT(...) (A-OP 05 - **MANCH 01**);

(116) (...) eu *penso* que estávamos *vendo* com maus olhos, porque nós *víamos* um presidente pronto e preparado(...) (A-OP 05 - **MANCH 01**);

(117) *Vejo* que é quase impossível nascer um cidadão brasileiro que entre na política e não e torne mais um, nomeio de tantos corruptos. (A-OP 01 - **MANCH 02**).

As orações trazem como experienciadores os seguintes elementos linguísticos “muitas pessoas” em (111), “nós” (sujeito desinencial), em (112) e em (113) e (115). Em (114) e (117) aparece o “eu”, também sujeito desinencial e em (116) “eu”, primeira ocorrência e “nós” terceira ocorrência. Na segunda ocorrência “nós” (sujeito desinencial). Os fenômenos são orações projetadas em (111) “que o brasil está passando por um período de grande recessão.”, (112) “que Dilma não tem nenhuma preparação”, primeira ocorrência e “que a mesma não tem argumentos (...), segunda ocorrência; (113) “que ela não tem a mínima consciência do que se passa no Brasil e nem das causas e consequências que isso causou.”, (114) “que Dilma está em 1º lugar em todas as pesquisas (...)”, (115) “que os brasileiros estão insatisfeitos com o governo do PT(...)” e (117) “que é quase impossível nascer um cidadão brasileiro que entre na política e não e torne mais um, nomeio de tantos corruptos.”. Em (116), na primeira ocorrência há uma oração projetada como fenômeno “que estávamos *vendo* com maus olhos,” que traz como fenômeno a expressão “com maus olhos”, pois o processo é

também perceptivo, e, na terceira ocorrência, também um fenômeno “um presidente pronto e preparado”.

As orações (111), (116) e (117) apresentam críticas acerca do histórico dos presidenciais. Os articulistas querem comprovar com dados o que foi dito pelas orações mentais cognitivas e reforçam ainda mais a ideia de qual representante se quer para o país. Em (112), (113) e (115) trazem acusações/ataques e em (114) indução ao voto.

No bloco solução-avaliação, observamos a presença das seguintes ocorrências:

(118) O povo brasileiro deve aprender a suportar as consequências de seu voto. (A-OP 03 - **MANCH 01**);

(119) Eduardo faz com as pessoas parem e reflitam que se Dilma for reeleita não haverá mudança (...) (A-OP 05 - **MANCH 03**);

(120) Por fim, vemos que ela não foi a melhor escolha e nem fará nada para o Brasil de benéfico. (A-OP 02 - **MANCH 01**);

(121) Eduardo Campos promete ser o melhor presidente que o Brasil já viu. (A-OP 05 - **MANCH03**).

Nessas orações não fazemos a distinção de processos mentais cognitivos, afetivos e perceptivos devido a pouca ocorrência de casos. Mas o que consideramos é a resposta dada, a reflexão final acerca dos posicionamentos críticos e severos dados nos exemplos anteriores. Que tipo de representante se quer? Que tipo de eleitores se formam? Daí, temos como respostas as orações (118) a (120), as quais sugerem que não foram feitas boas escolhas já que a população sofre. Por outro lado, temos a oração (121), que mostram um político empenhado em trazer benefícios à nação e faz com que o eleitor acredite que o mesmo será capaz de assumir o cargo eletivo a que concorre.

Nesses casos, aparecem como experienciadores “O povo brasileiro” (118), “as pessoas” (119), e “Brasil” (121). Em (120), o experienciador é “nós”, sujeito desinencial. Os fenômenos são orações projetadas em (118) a (120) “a suportar as consequências de seu voto”, “que se Dilma for reeleita não haverá mudança (...)” e “que ela não foi a melhor escolha e nem fará nada para o Brasil de benéfico.”. Em (121) o fenômeno é “o melhor presidente”.

Observamos, nesses exemplos, que o processo mental revela-se como uma escolha no sistema paradigmático da língua para expor vontades dos participantes envolvidos, fazendo parte, por conseguinte, da cadeia argumentativa dos artigos de opinião.

Essa amostragem dos processos mentais retrata experiências distintas para construir o sentido do texto, conforme o tema tratado e o objetivo do artigo de opinião. Esses processos podem, de certa maneira, mudar a percepção que se tem da realidade.

3.4.4 Uso de Orações Verbais: representação do dizer

As orações verbais possuem como núcleo os processos do dizer e contribuem para uma diversidade de discursos devido a sua característica de fala, segundo Fuzer & Cabral (2014). Essas orações contribuem para a criação de narrativas, porque estabelecem passagens dialógicas nos textos.

Os processos verbais podem ser de atividade e de semiose, os quais se subdividem em alvo e fala (atividade) e neutro, indicação e comando (semiose). Os participantes desse tipo de oração são o dizente, o próprio falante; verbiagem, o que é dito; receptor, a quem é dirigida a mensagem e alvo, entidade atingida pelo processo do dizer. A verbiagem pode se realizar por outra oração, como citação ou relato.

Apesar de o gênero artigo de opinião não ser do tipo narrativo, ele apresenta muitas ocorrências com processos que se encaixam nesse tipo de oração, pois o articulista escolhe também esse tipo de processo para exprimir sua opinião sobre determinado assunto.

Na situação inicial, parte responsável pela contextualização e apresentação da questão em discussão, aparecem as seguintes ocorrências dos processos verbais, as quais em (123) apresenta uma acusação/ataque, já em (124) a (127), qualidades/enaltecimentos acerca dos presidencialistas.

(123) A corrupção em nosso país não é algo atual, mas muito antigo, posso até *afirmar* que no tempo do império haviam-se desvios de dinheiro público. (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(124) Nessa reportagem a Dilma, para ganhar votos *sugere* que se verifique no portal da transparência o quanto seu estado ou município recebem. (A-OP 04 - **MANCH 02**);

(125) Eduardo Campos, candidato ao cargo de presidente do Brasil, de acordo com essa manchete publicada, ele seguiu (...) *ressaltando* suas melhorias em relação ao partido contra. (A-OP 03 - **MANCH 03**);

(126) Eduardo Campos, *explicou* sua oposição para a população (...) em geral de tal forma que, não agrediu seus oponentes. Suas propostas que *comentou* tanto através da mídia ou nos palanques por todo Brasil, *apresentavam* medidas que estavam adequadas para melhorar o país. (A-OP 04 - **MANCH 03**);

(127) Eduardo Campos, candidato à presidência pelo partido PSB nas eleições de 2014, sempre *transmitia* confiança e motivação às pessoas (...) (A-OP 03 - **MANCH 04**).

A oração verbal (123) traz o processo de atividade de fala com o dizente “eu” (desinencial) e relato “que no tempo do império haviam-se desvios de dinheiro público. Em (124) há o dizente “Dilma” com o processo de semiose neutro “sugere” e um relato “que se verifique no portal da transparência o quanto seu estado ou município recebem.”. No caso (125), o processo semiose neutro traz o dizente “Eduardo Campos” e a verbiagem “suas melhorias”. Em (126), o processo semiose neutro “comentou” traz como dizente “Eduardo Campos” e como verbiagem “propostas”, elemento linguístico que se torna dizente do processo semiose neutro “apresentavam” cujo relato é “medidas que estavam adequadas para melhorar o país.”. Ainda em (126) há o processo de semiose de indicação “explicou” com o dizente “Eduardo Campos”, verbiagem “sua oposição” e receptor “para a população”. O fragmento (127) tem como dizente “Eduardo Campos” com o processo semiose de indicação “transmitia”, verbiagem “confiança” e alvo “às pessoas”.

A escolha dos processos é bastante pertinente nesse bloco pelo fato de o articulista iniciar o texto dando informações sobre o comportamento dos candidatos à presidência Eduardo Campos e Dilma Rousseff. Daí por diante, o leitor saberá qual caminho percorrer no decorrer da leitura dos textos, se serão elogios aos candidatos ou críticas, acusações.

Na discussão, parte em que o articulista se utiliza de argumentos que sustentam a posição assumida e traz consideração de posição contrária àquela assumida, também pode se fazer uso de argumentos que refutam tal posição.

Nesse bloco, há os seguintes processos:

(128) (...) muitos *afirmam* que a culpa é da Presidente e de seus ministros. (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(129) (...) Dilma *denunciou* e fez com que fossem *julgados* os responsáveis pelos escândalos da Petrobras. (A-OP 03 - **MANCH 02**);

(130) Dilma, como candidata à reeleição, ela *sugeriu* que comecem a verificar a transparência dos prefeitos e os governadores (...) (A-OP 05 - **MANCH 02**);

(131) Dilma ainda *ressalta*: “Você *diz* que eu não invisto em educação e saúde? (...) (A-OP 05 - **MANCH 02**);

(132) (...) e *tenho dito*, de Lula até Eduardo, políticos com lábia, políticos que estão preparados para *falar* e *defender* o que queremos ouvir, mas desculpe pessoas que acreditam, *falar* é muito mais simples, faça pelo país, mostre, estando ou não no governo, o que estamos precisando do agora não são palavras, são atitudes. (A-OP 01 - **MANCH 03**);

(133) (...) Dilma e os petistas *afirma* que ela ampliará ainda mais nas pesquisas. (A-OP 02 - **MANCH 04**);

(134) (...) Eduardo Campos tinha uma ótima retórica, (...) pois sempre *falava* o que o povo queria ouvir. (A-OP 03 - **MANCH 04**);

(135) Eduardo Campos *disse* que não é homem de pesquisas, mas de urnas, indicando confiança de que os percentuais negativos de agora serão revertidos nas urnas. (...) (A-OP 04 - **MANCH 04**);

(136) (...) Eduardo Campos *ressalta* um ponto de vista que não adianta ter esperança e confiança se não há estudos ou realizações feitas por candidatos. (A-OP 05 - **MANCH 04**).

Em (128), (133) e (134), os processos atividade de fala trazem os dizentes, respectivamente, “muitos”, “Dilma e os petistas” e “Eduardo campos”, bem como os relatos “que a culpa é da Presidente e de seus ministros.”, “que ela ampliará ainda mais nas pesquisas.” e “o que o povo queria ouvir.”, respectivamente. No caso (129), há o dizente “Dilma” com o processo atividade de alvo e o relato “e fez com que fossem *julgados* os responsáveis pelos escândalos da Petrobras.”. Já nos exemplos (130), (131), (135) e (136), há processos semiose neutro, os quais apresentam os seguintes dizentes “ela”, “Dilma” e “Eduardo Campos”, respectivamente. Em (130) e (135), há os relatos “que comecem a verificar a transparência dos prefeitos e os governadores” e “que não é homem de pesquisas, mas de urnas, indicando confiança de que os percentuais negativos de agora serão revertidos nas urnas” e em (136), verbiagem “um ponto de vista”.

Os exemplos deixam expressos a presença de processos que trazem a mensagem de acusação em (128) e (131). Há também orações com enaltecimentos ao evidenciar suas qualidades, como em (129) a (131), (133) a (135). Nas orações (132) e (136)

permeiam um tom crítico, o que denota uma atenção maior aos candidatos referentes às posições assumidas enquanto representantes de um povo.

Há nos artigos, na solução-avaliação, uma retomada da posição assumida e/ou do argumento mais enfático e a presença de uma proposta de solução ou de avaliação da situação inicial apresentada. Os seguintes processos aparecem da seguinte maneira:

(137) Finalizando, *reafirmo* a minha posição pró-PT(...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(138) (...) pois o próprio Eduardo *afirmou*: “A candidatura de Aécio é conservada, Dilma entregará o país pior do que recebeu.” (A-OP 02 - **MANCH 03**);

(139) (...) Eduardo Campos *ressalta* um ponto de vista que não adianta ter esperança e confiança se não há estudos ou realizações feitas por candidatos. (A-OP 05 - **MANCH 04**).

Aqui, sugere-se que os eleitores tenham consciência sobre quem colocam como representante da nação, pois as últimas experiências de presidenciáveis não foram positivas. É preciso que parta dos eleitores (137) na escolha de um voto consciente, aquele que de fato, mude a sociedade brasileira, mensagem vista em (138) e (139).

No exemplo (137) há como dizente “eu” (desinencial), o processo atividade de fala (reafirmo) e verbiagem (a minha posição pró-PT”. Em (138) há o dizente “Eduardo” com o processo atividade de fala “afirmo” e citação ““A candidatura de Aécio é conservada, Dilma entregará o país pior do que recebeu.”. Em (139), o processo semiose neutro “ressalta” tem como dizente “Eduardo Campos” e verbiagem “um ponto de vista”.

A amostragem do papel dos processos verbais no texto opinativo, faz brotar as possibilidades argumentativas que residem nesse tipo de processo; pelo que notamos é que esses processos, apesar de circularem em textos narrativos, traz também um tom argumentativo, no sentido de que os mesmos funcionam como argumentos de autoridade, cabíveis ao gênero abordado.

3.4.5 Uso de Orações Existenciais: representação do existir

As orações existenciais são, segundo Halliday e Mathiessen (2004^{apud}FUZER; CABRAL, 2014), a representação de algo que existe ou acontece, dessa forma, os processos têm a função de construir a existência de algo. Nesse tipo de processo não há sujeito, o participante que circula nessas orações é o existente. Tipicamente ocorre no início de um texto ou quando o mesmo se move para uma nova fase.

Aqui, não há divisão em blocos estruturais devido a baixa ocorrência dessas orações, mas faz presente a mensagem de crítica (140), (143), (145), (146) e (148) e acusação/ataque em (141), (142), (144) e (147).

(140) (...) porém penso que nos próximos dias pode *haver* uma mudança nesse cenário político. (A-OP 01 - **MANCH 01**);

(141) Logo no começo deste ano, a inflação subiu para 8,2%, uma das maiores que já tivemos. E *houve* protestos. (A-OP 03 - **MANCH 01**);

(142) (...) no tempo do império *havi*am-se desvios de dinheiro público. (...) (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(143) mas tenhamos consciência de que a culpa não é só dela, uma vez que *há* deputados, ministros, senadores, tanto do PT como de outros partidos que intencionalmente desviam verbas públicas e que a mídia não consegue focar na íntegra. (A-OP 01 - **MANCH 02**);

(144) Nos tempos de hoje, os governantes (...) desviam verbas, muitas vezes não *há* uma investigação e uma punição para os corruptos. (A-OP 03 - **MANCH 02**);

(145) Dilma, com tal afirmação apreze querer se isentar da culpa, que todos nós sabemos que *houve* sim negligência de sua parte em relação à tudo, como por exemplo a educação brasileira que está cada vez pior. (A-OP 04 - **MANCH 02**);

(146) Nas eleições para presidência da República em 2014, *houve* uma acirrada competição entre candidatos que apresentavam proposta para melhoria do país. (A-OP 04 - **MANCH 03**);

(147) (...) se Dilma for reeleita não *haverá* mudança e o Brasil continuará da mesma maneira que já é. (A-OP 05 - **MANCH 03**);

(148) Os índices negativos chegaram ao empate e Eduardo Campos ressalta um ponto de vista que não adianta *ter* esperança e confiança se não *há* estudos ou realizações feitas por candidatos. Os políticos gostam de criar verdades onde não *tem*, ou seja não deixa as pessoas Brasileiras ter seu livre arbítrio de votar sem influência. (A-OP 05 - **MANCH 04**).

Os processos *haver* e *ter* nos exemplos citados, cumprem a função de dar continuidade a ideias anteriores ao apresentar algum elemento novo que se constrói pela

ocorrência desse processo. A introdução desses elementos construídos dá continuidade ao texto ao unir um dado já apresentado a outro, que é novo e passam a ocupar o centro da discussão.

Como as orações existenciais não apresentam sujeitos, há apenas os existentes, os quais merecem destaque: “uma mudança nesse cenário político.”, “protestos”, “desvios de dinheiro público.”, “deputados, ministros, senadores, tanto do PT como de outros partidos uma investigação e uma punição para os corruptos.”, “negligência de sua parte em relação à tudo, como por exemplo a educação brasileira que está cada vez pior.”, “uma acirrada competição entre candidatos que apresentavam proposta para melhoria do país.”, “mudança e o Brasil continuará da mesma maneira que já é.”, “esperança e confiança”, “estudos ou realizações feitas por candidatos” e “verdades”. Os exemplos evidenciados trazem um toque de ironia, e essas orações existenciais externam acusações/ataques e críticas ao posicionamento dos candidatos. O que observamos é que os artigos de opinião trazem para o leitor os motivos encontrados para que sejam feitas críticas severas ao governo PT. A continuação proporcionada pelas orações existenciais é também uma justificativa para as afirmações anteriores feitas no artigo de opinião.

As orações com processos existenciais também trazem uma contribuição específica para os artigos de opinião, no sentido de funcionarem como *links*, e estabelecer em um novo foco discursivo. Assim, as orações existenciais são definitivas para com a argumentação nos artigos de opinião, além de constituírem um componente fundamental para a progressão textual do gênero em estudo.

3.4.6 Uso de Orações Comportamentais: representação do comportamento

De acordo com Halliday e Mathiessen (2004 *apud* FUZER; CABRAL, 2014), os processos comportamentais se referem aos processos do comportamento realizados por seres humanos, daí são importantes para a construção de comportamentos humanos, e se situam nas fronteiras da ação e do sentir. Essas orações trazem como participante, o comportante, que é um ser consciente. Esses processos têm baixo índice de ocorrência nos artigos de opinião, porém, pode fazer parte, contribuindo assim, para o alcance do propósito comunicativo desse gênero.

Nos artigos produzidos, houve apenas duas ocorrências desse processo:

(149) Como podemos ver essa pesquisa foi realizada em junho, no começo das eleições, com a presidente Dilma com boa vantagem, mais depois o povo Brasileiro *acordou*, e Dilma diminuiu muito, Aécio subiu e Marina também mais um pouco. (A-OP 05 - **MANCH 01**);

(150) Animado e confiante, mas nunca “*cantando*” vitória antecipada, estava o candidato Eduardo campos (...) (A-OP 01 - **MANCH 04**).

Nesses dois casos, percebemos a mensagem de crítica (149) e enaltecimento (150).

A oração (149), com participante Comportante, “o povo Brasileiro”, representativo de entidade da esfera pública, relaciona-se a um argumento anterior e reforça a crítica que vem sendo feita aos candidatos presidenciais Dilma Rousseff e Eduardo Campos, a qual constitui o cerne desses artigos de opinião. O comportamento acordou é, nesse caso, exemplar de ironia, sarcasmo para com o povo, que depois de tanto sofrimento reage e parte para mudança. Na oração (150), ao evidenciar o processo “cantando”, percebemos um tom de ironia, mas também de autoconfiança do candidato, o que, de certo modo, passa para o eleitor a convicção de uma vitória bem próxima.

Como contemplamos, os processos comportamentais, mesmo com pouca incidência, reforçam argumentos ao descreverem um ser, moldando-o aos princípios argumentativos do artigo de opinião.

Constatamos, através dessas exemplificações, que se confirma a premissa da LSF de que escolhas não são aleatórias, são sempre significativas e geradoras de significados, quando se levam em conta o uso, pois os verbos podem realizar vários tipos de processos, dependendo dos participantes envolvidos e do contexto de situação em que o texto está inserido.

4 INTERVENÇÃO DIDÁTICA: FORMAÇÃO DO LEITOR E DO ESCRITOR CRÍTICO NA ESCOLA

Não é recente as críticas acerca de um ensino-aprendizagem em que o aluno é tratado como um ser passivo, receptor de uma grande demanda de informações. Dessa forma, precisamos pensar em um ensino baseado no sujeito enquanto agente, envolvido ativamente no processo de ensino-aprendizagem, o que aconteceria, segundo Ghiraldelli (2000, p. 46, *apud* SANTOS *et. al.*, 2007, p. 115):

Quando o ponto de partida do processo educativo passasse a ser a atividade e o esforço ativo diante de problemas, pois mais importante que a erudição seria a capacidade de usar os conhecimentos para resolver problemas. (GHIRALDELLI, 2000, p. 46 *apud* SANTOS *et. al.*, 2007, p. 115).

Então, a única forma de isso acontecer é partir para um ensino pautado numa proposta de intervenção, que para Santos *et. al.* (2007, p. 116), “implica uma mudança no modo de se conceber a escola e seu ensino (...) como tentativas de responder às necessidades e especificidades requeridas no processo educativo em diferentes momentos históricos.” Assim seria um ensino que busca favorecer a construção da autonomia dos aprendizes, que lhes permita ser cidadãos responsáveis e conscientes de suas ações.

Dessa forma, a escola deve relacionar-se à vida e aos problemas do cotidiano, o que quer dizer que para que os alunos se apropriem do conhecimento, deve haver um processo ativo em que eles sejam estimulados a compreenderem a realidade na qual estão inseridos, fazendo uso dos conhecimentos para intervirem nessa realidade. Assim, o ensino não deve ser apenas pautado em conteúdos dissociados do mundo, pois segundo Santos *et. al.* (2007, p. 118):

A prioridade não está na transmissão de conteúdo, mas no desenvolvimento de habilidade e competências no uso das informações adquiridas/elaboradas. A possibilidade de articular diferentes saberes que sejam pertinentes na busca pela resposta a questões ou problemas levantados é que leva a que os conhecimentos adquiridos se tornem significativos e válidos no cotidiano extraescolar. (SANTOS *et. al.*, 2007, p. 118).

Pensando nisso, é que propomos um trabalho interventivo com o gênero textual e a análise linguística, pois compreender a linguagem como ferramenta para a comunicação já não é tão eficaz. A linguagem como forma de ação tem sido o caminho, pois o ensino da

norma padrão precisa ser substituída por um trabalho que evidencie a língua em uso, entendendo o gênero como domínio da situação comunicativa. (Cf. SANTOS *et. al.*, 2007).

Dessa forma, a escola precisa

Ampliar o letramento, proporcionando-lhes as condições para que se insiram, com autonomia, em eventos de letramento, os mais diversos, que implicam gêneros textuais variados, numa perspectiva de formação cidadã (MENDONÇA, 2005 *apud* SANTOS *et. al.*, 2007, p. 120).

Ou seja, um ensino que se paute na perspectiva do letramento garante a construção de um cidadão capaz de atuar de forma mais autônoma na sociedade e para que isso aconteça é necessária a inserção de práticas efetivas de leitura e escrita presentes na sociedade e levadas ao contexto educacional, ou seja, segundo Santos *et. al.* (2007, p. 121), ao “trazer para o cotidiano as questões vividas no contexto extraescolar, perceberemos como essa alternativa de intervenção didática favorece o entendimento às demandas hoje colocadas para o ensino formal. ”. Assim, ao levar à sala de aula situações nas quais o uso da leitura e da escrita se faça necessário como instrumento para solucionar problemas, essas práticas se tornarão efetivas práticas sociais, significativas.

Levando em consideração esses propósitos, o nosso trabalho traz uma proposta de intervenção, unindo a análise linguística ao gênero numa visão de leitura e produção textual, inseridos num paradigma sociointeracionista de língua que toma os gêneros como atividade humana e organizados em função dos objetivos comunicativos que ajudam a cumprir nos diversos contextos de interação social (Cf. MARCUSCHI, 2002; BAZERMAN, 2005 *apud* MENDONÇA, 2007, p. 74), corroborando com Halliday & Mathiessen (2004*apud* CUNHA; SOUZA, 2011), ao dizerem que a produção de sentidos é construída na interação, por meio de escolhas linguísticas as quais constituem o objeto de estudo da prática da análise linguística.

De acordo com Mendonça (2006 *apud* Mendonça, 2007), a análise linguística baseia-se nas seguintes premissas:

- Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.
- Integração entre os eixos de ensino: a análise linguística é a ferramenta para a leitura e a produção de textos.
- Metodologia reflexiva, baseada na indução, observação.
- Centralidade dos efeitos de sentido.

- Funde-se ao trabalho com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.
- Unidade privilegiada: o texto. (...) (MENDONÇA, 2006 *apud* MENDONÇA, 2007, p. 75).

Dessa forma, a Análise Linguística, na escola, é uma forma de (inter) ação social, ou seja, que funciona sob certas condições de produções dos discursos interlocutores, situação sociocomunicativa, gênero, forma de circulação. Então essa perspectiva leva em consideração os efeitos de sentido, ponto central de discussões, vistos nos gêneros, os quais não se focariam a análise da estrutura das frases, mas sua função social, uma reflexão sobre a adequação do registro à situação de comunicação que o gênero se insere, o que é uma premissa da Linguística Sistêmico-Funcional, como mostra a figura 04 abaixo, baseada nos dizeres de Fuzer e Cabral (2014), procura demonstrar como essa relação é vista pela LSF:

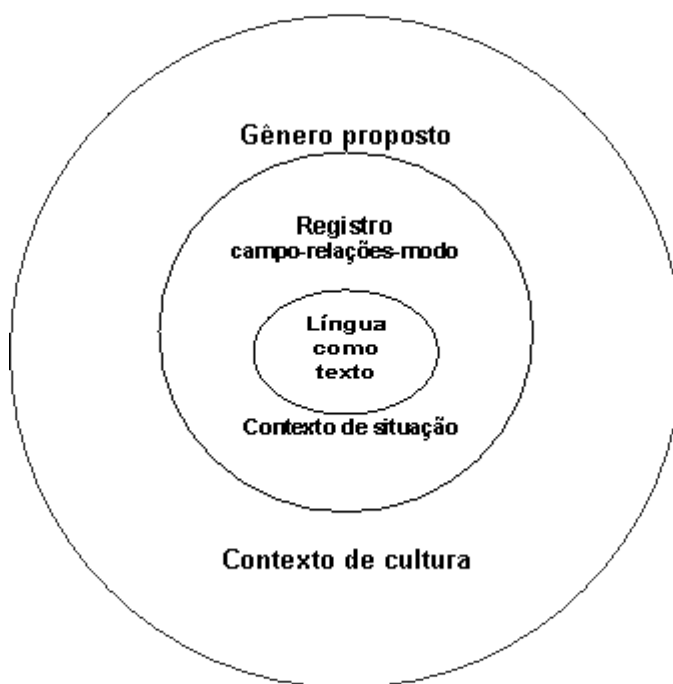


Figura 04 - Contexto de situação e contexto de cultura (Cf. FUZER; CABRAL, 2014, p. 22-26)

Segundo Bawarshi e Reiff (2013), a LSF idealiza a linguagem levando em consideração o sistema de escolhas, (registro) as quais se submetem ao contexto de situação, enquanto aquelas feitas em relação ao gênero vai se sujeitar ao contexto de cultura. Em outras palavras, as escolhas linguísticas são socialmente determinadas pela interação do contexto de cultura e do contexto de situação.

Agora, como fonte dessa análise, temos o jornal que fará com que percebamos, de fato, o uso efetivo da língua, dentro de um contexto de situação, de uso, a Campanha Eleitoral à Presidência, para refletir a análise linguística, especificamente o sistema de transitividade, bem como as escolhas léxico-gramaticais feitas pelos alunos-leitores-escretores, tomamos como apoio os PCNs, a Linguística Sistêmico-Funcional, a Gramática Sistêmico-Funcional e a Análise do Discurso Político, e como objeto de estudo, as manchetes referentes ao período acima citado e os artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano.

Esta pesquisa está baseada em um estudo empírico, de natureza qualiquantitativa, cuja classificação pode ser definida como uma pesquisa-ação, pois se pauta no objetivo de intervenção e modificação da realidade, uma vez que pretende refletir o uso dos gêneros textuais em sala de aula, como uma proposta de estudo de língua pautada na reflexão, considerando as doutrinas da Linguística Sistêmico-Funcional.

Quanto as decisões didáticas, se referem às escolhas das Manchetes e Artigos de Opinião que possam favorecer o processo de aprendizagem, levando em consideração critérios importantes para o funcionamento desses gêneros, como: perfil do leitores, temática, função comunicativa e eventos deflagradores, argumentos, entre outros. Ao sabermos que cada gênero é um universo gigantesco, levá-lo à sala de aula requer sempre decidir quais exemplares escolher e sob que critérios. Por isso selecionamos um *corpus* de quatro manchetes coletados no jornal Diário de Pernambuco, durante os meses de julho e agosto de 2014, período que demarcaram os primeiros rumores das Campanhas Eleitorais, especificamente, à Presidência, e analisamos a partir do discurso político de Fantinati (1990), Miguel (2000) e Charaudeau (2006), levando em consideração os pensamentos Halliday (1994), Halliday e Mathiessen (2004) e seus seguidores Cunha e Souza (2011) e Fuzer e Cabral (2014) ao focalizar uma gramática funcional que dá aos verbos um caráter de escolha para a representação da transitividade. Como fonte dessa análise, temos o jornal que fará com que percebamos, de fato, o uso efetivo da língua, dentro de um contexto de situação, de uso, a Campanha Eleitoral à Presidência, para refletir a análise linguística, especificamente o sistema de transitividade, bem como as escolhas léxico-gramaticais feitas pelos alunos-leitores-escretores, alunos do 9º ano.

Esses elementos subsidiam nossa proposta de trabalho, já que apresentam uma maior centralidade no discurso e análise da língua e são as estratégias de persuasão presentes nos artigos de opinião, que nos interessam nesta pesquisa, visto que, desejamos uma proposta

de análise que não visa apenas descrever, interpretar ou explicar, mas compreender o discurso em seu sentido mais amplo.

Como este trabalho apresenta uma preocupação de articulação de discussão conceitual com a prática, e levar às aulas de Língua Portuguesa, uma proposta de atividade, após a análise dos textos e reflexões suscitadas a partir dos teóricos citados e de tantos outros que utilizamos nessa pesquisa, elaboramos um conjunto de atividades para serem trabalhadas com uma turma de estudantes do Ensino Fundamental (9º ano), da Escola Municipal Márcio Xavier da cidade de João Alfredo.

Trabalhar com os gêneros Manchete e Artigo de Opinião, em sala de aula, em acordo com o que estamos defendendo, exige alguns cuidados e decisões. Entre os cuidados estão: levar para os alunos a dinamicidade, a pluralidade e a riqueza desses gêneros, sem sufocá-los em modelos formais, conteudísticos ou estilísticos; destacar a relação das Manchetes e Artigos de Opinião com os contextos onde elas são produzidas, encontrando o sentido dos textos através dessa relação. Por isso, as atividades de leitura e de escrita de Manchetes e Artigos de Opinião precisam levar em conta as particularidades de seus gêneros, aos seus contextos de uso.

Após analisar o perfil dos estudantes, elaboramos situações didáticas que melhor se enquadram para o grupo. Segundo os PCN (1998, p. 88) “sequências de atividades e exercícios, organizados de maneira gradual permitem que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas e linguísticas dos gêneros estudados, ao produzir seus próprios textos”. Observamos que a definição de sequências didáticas apresentada pelos PCNs (1998) dialoga com a definição de sequência didática proposta por Schneuwly e Dolz, (2011, p. 97), que a definem como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Nesse sentido, elaboramos a nossa série de atividades, que não está precisamente pautada em modelos, mas orientada numa perspectiva de trabalho por oficinas, pois acreditamos que este seja um modo de unir teoria e prática de forma eficiente no contexto da sala de aula.

Apresentamos a seguir um modelo de intervenção de modo a orientar professores e alunos ao trabalho com esses gêneros de modo mais crítico e perspicaz.

Nível de ensino a que é direcionada: Ensino Fundamental (série final – 9º ano), pelo fato de requerer um grau mais intenso de amadurecimento cognitivo e de estabelecimento de correlações entre saberes de várias disciplinas.

Gêneros a serem trabalhados: Manchetes (no caso, da Campanha Eleitoral à Presidência) e o Artigo de Opinião (produção textual).

Oficina: Conhecimento da mídia escrita: Jornal.

Orientações e objetivos: analisar o a mídia escrita - jornal e garantir que todos os estudantes adquiram conhecimento suficiente acerca desse veículo de comunicação, através dos seguintes procedimentos: análise das páginas, cadernos, estrutura, imagens, entre outros elementos.

Sequência de atividades:

- Discussão sobre questões como suporte e gênero.
- Observações nas transformações sofridas pelo jornal no decorrer dos anos.
- Análise das suas propriedades, seu uso, função e contexto.
- Reconhecimento da variedade de gêneros que circulam no jornal.
- Discussão sobre a diversidade de Cadernos e seus respectivos temas.

Oficina: Leitura crítica de manchetes

Orientações e objetivos: as atividades desta seção são focadas nas habilidades de os alunos fazerem uma leitura crítica das manchetes, através dos seguintes procedimentos: estabelecimento de relações entre texto e contexto; posicionamento sobre escolhas feitas pelos redatores; e simulação por parte dos alunos do papel de redator.

Sequência de atividades:

- Reconstituição dos propósitos comunicativos explícitos e implícitos destas manchetes do ponto de vista do jornal. (Os alunos deverão responder a um questionamento como: Quais foram os propósitos comunicativos do jornal ao publicar esta notícia?)
- Recuperação de informações usadas no decorrer das manchetes e que servem de garantia que se trata de um gênero que relata fatos da vida real. (Os alunos buscarão localizar nas manchetes informações que foram usadas para conferir credibilidade de valor de verdade às manchetes.

- Discussão em grupo dos seguintes questionamentos: Você acha que essa manchete é tendenciosa para algum dos lados envolvidos na questão? Ou se trata de uma manchete com alto grau de isenção, dando voz de modo mais ou menos igual a todos os envolvidos? Será que elas expressam algum ponto de vista do jornal sobre o fato ou se trata de manchetes imparciais ao assunto abordado?
- Simulação dos alunos como redatores de um jornal e redigirão manchetes sobre o tema em questão: A escolha do presidente.

Oficina: Analisando os verbos

Orientações e objetivos: as atividades desta seção são focadas nas habilidades de os alunos compreenderem que o verbo é um elemento linguístico responsável pela persuasão, enfatizando o fenômeno da transitividade e para isso, é preciso relacionar texto e contexto; interpretar as escolhas feitas pelos redatores e reconhecer os sentidos que os verbos desempenham dentro dos textos em estudo.

Sequência de atividades:

- Utilização de diversos gêneros do jornal, com ênfase nas manchetes apresentadas para a análise dos verbos.
- Recuperação de informações acerca do fenômeno da transitividade.
- Reconstrução do conhecimento acerca do fenômeno transitividade, enfatizando o contexto.
- Interpretação dos verbos nas manchetes apresentadas.

Oficina: Leitura crítica de Artigos de Opinião

Orientações e objetivos: as atividades desta seção são focadas nas habilidades de os alunos fazerem uma leitura crítica de Artigos de Opinião diversos, através dos seguintes procedimentos: estabelecimento de relações entre texto e contexto; reconhecimento de elementos estruturais; discussão sobre os tipos de argumentos encontrados nesse gênero.

Sequência de atividades:

- Pesquisa de diversos artigos de opinião e exposição.

- Reconstituição dos propósitos comunicativos explícitos e implícitos destes artigos de opinião. (Os alunos deverão responder a um questionamento como: Quais foram os propósitos comunicativos do articulista ao redigir esse artigo?).
- Recuperação de informações usadas no decorrer dos artigos de opinião e que servem de garantia que se trata de um gênero que argumenta sobre fatos da vida real. (Os alunos buscarão localizar nos artigos de opinião argumentos que foram usados para acusar, qualificar, criticar e induzir ao voto.
- Análise dos elementos estruturais do artigo de opinião: situação inicial, discussão e solução avaliação.

Oficina: Conhecendo os presidenciáveis

Orientações e objetivos: ampliar o conhecimento dos alunos-leitores-escritores sobre o tema política, quem são os candidatos à presidência e como eles pensam sobre a população, através de vídeos e debates.

Sequência de atividades:

- Discussão sobre o tema política, através de questionamentos.
- Visualização dos debates dos candidatos Dilma Rousseff e Eduardo Campos, promovido pelas emissoras de televisão.
- Realização de debates sobre os candidatos em destaque.
- Discussão acerca das manchetes em estudo.

Oficina: Produção de Artigo de Opinião

Orientações e objetivos: produzir artigo de opinião, respeitando os elementos estruturais que fazem parte desse gênero, tendo como base as manchetes estudadas e a escolha de verbos que garantam a efetivação dos argumentos.

Sequência de atividades:

- Produção de artigos de opinião, cujo tema versa sobre política e a escolha de um presidente, tendo como base as manchetes analisadas.

Oficina: Avaliação das produções

Orientações e objetivos: avaliar as produções dos alunos, enfatizando as competências adquiridas no decorrer das atividades.

Sequência de atividades:

Professor e aluno evidenciarão as produções, destacando pontos importantes ocorridos durante a caminhada.

Oficina: Exposição

Orientações e objetivos: expor o que vivenciaram durante o processo ensinoaprendizagem dos gêneros manchete e artigo de opinião.

Sequência de atividades:

-Exposição aos pais das experiências vividas durante as atividades, levando também o que aprenderam e construíram para a comunidade extraescolar, evidenciando que a linguagem e o discurso perpassam as quatro paredes da sala de aula.

Neste capítulo apresentamos uma proposta de trabalho com a manchete e o artigo de opinião em sala de aula, destacando atividades vinculadas à compreensão geral dos gêneros, à leitura, à produção e à análise linguística. Todas as propostas foram guiadas pelo modo como esses gêneros são produzidos e postos em funcionamento na mídia escrita, de forma a ajudar os alunos a desenvolverem suas capacidades de uso desses gêneros em situações reais da vida em sociedade, levando em consideração que escolhas léxico-gramaticais devem ser feitas para determinados momentos. Fizemos isso com base nas teorias discutidas, apresentando sugestões práticas de como trabalhar com o postulado teórico geral de que os gêneros existem para satisfazerem os objetivos dos diferentes grupos sociais,

segundo Alves Filho (2011). Por exemplo, a manchete como acontecimento social estimula ou solicita a emergência de um texto, que no nosso caso foi o artigo de opinião que argumenta tal acontecimento, possibilitando ao aluno expor sua opinião, argumentando-a. Então quando o aluno materializa os conceitos, ele de fato, vivencia, concretiza, transforma em real. Esse deveria ser o objetivo de nossas aulas. Enfim, os principais conceitos teóricos foram de fato usados direta ou indiretamente como uma bússola para a proposição das atividades.

RESULTADOS DA ANÁLISE

A proposta deste trabalho foi investigar as escolhas léxico-gramaticais veiculadas nos artigos de opinião para observar como o aluno-leitor-escritor constrói suas experiências de mundo nesses textos, ao fazer suas escolhas no sistema de transitividade e de que maneira os tipos de argumentos, nos artigos de opinião, se revelam na materialidade do texto, ou seja, analisamos as representações construídas em vinte artigos de opinião com base em quatro manchetes veiculadas no período eleitoral de julho e agosto de 2014.

Os discursos constituídos nos artigos de opinião podem nos mostrar a dinamicidade da sociedade, pois através das palavras expostas são evidenciados valores, ações, formas divergentes de se ver o mundo que os cercam. Dessa forma, cabe dizermos que a linguagem é a base da vida em sociedade, sem ela, seria impossível haver progresso, porque é através dela que os indivíduos interagem entre si, expressam, vivenciam aspectos subjetivos e objetivos internos ou externos à sua consciência. E mais, oportuniza aos indivíduos a representação deles mesmos e suas experiências de mundo.

Essas representações ocorrem num contexto social e cultural, pois são resultados de constituintes culturais e ideológicos que se modificam com o passar do tempo e em diferentes espaços sociais, em diferentes objetivos comunicativos. Nesse sentido, consideramos que para as manifestações linguísticas são necessários os gêneros textuais, pois eles retratam esses diversos contextos em que a linguagem se insere.

Utilizamos como ferramenta e suporte teórico a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994), Halliday e Mathiessen (2004 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011) e Fuzer & Cabral (2014) para a análise das representações léxico-gramaticais do sistema de transitividade. Abordamos, também, a perspectiva de gênero sociointeracionista de Bronckart (2003), Marcuschi (2005) e Bueno (2011), e para a caracterização do jornal, focamos Leal (2014) por ser um veículo de informação e de atualização frente aos acontecimentos sociais e, dentro dessa mídia escrita, a manchete através dos trabalhos de Dias (1996) e Hidalgo (2008), gênero que funciona como um convite para folhearmos ou não o jornal. Em decorrência do gênero manchete, focamos o artigo de opinião, baseando-nos em Bräkling(2000), e tratamos também da definição de política, do discurso político e de ideologias pautando-nos em Fantinati (1990), Miguel (2000) e Charaudeau (2006).

O primeiro passo analítico foi dedicado à descrição e análise do contexto das manchetes pesquisadas, pois para a LSF, o contexto é fundamental para o estudo funcional da linguagem. Para tanto, utilizamos as variáveis contextuais propostas por Halliday (1989*apud* FUZER; CABRAL, 2014): campo, relações e modo. Devido ao fato de estarmos trabalhando com um gênero argumentativo, em que a situação de interação externa ao texto é bastante influente, pois estamos falando da escolha de um presidente, distinguimos os participantes na interação do evento discursivo e o participante na transitividade da oração. Assim, o contexto da interação aluno-leitor-escritor aponta para o fato de aguçar a opinião sobre o tema política, o qual traz como objetivo, melhorias à sociedade.

Primeiro, ao evidenciarmos as manchetes, percebemos que como gênero, estão inculcadas nelas, crenças e valores dos grupos sociais dominantes, pois elas foram veiculadas no jornal Diário de Pernambuco, considerado o mais antigo de circulação no estado de Pernambuco, daí tira-se um grande quantitativo de pessoas que o leem. Tais manchetes foram escritas por um crítico político, dessa forma, ele dará, mesmo que implicitamente, sua opinião acerca do tema e para essa identificação é necessária uma leitura atenta e minuciosa. Temos como destinatários dessas manchetes, eleitores e futuros eleitores, como os alunos do 9º ano, estes que estão em processo de identificação e formação de sua criticidade, a qual muitas vezes é desenvolvida apenas na escola. Temos como outros participantes, os candidatos presidenciais Dilma Rousseff, atual presidenta do país, e Eduardo Campos, atual governador do estado de Pernambuco. Percebemos, a partir dessas informações que são participantes divergentes, mas que de forma interessante, contribuíram para um único objetivo: discutir, analisar e avaliar o contexto político do Brasil para a escolha de um governante.

As manchetes pertencem ao Caderno Política, do Jornal Diário de Pernambuco, e percebemos que há um determinado público, ou seja, os interessados nesse tipo de discurso e que o lugar social de que escrevem o autor das manchetes pode ter influenciado as escolhas linguísticas que constituem cada texto, com o propósito de trazer informações acerca do modo como os candidatos Dilma Rousseff e Eduardo Campos estão lidando com um período eleitoral bastante conturbado pelo fato de que o povo brasileiro está mais consciente ao fator corrupção.

Presenciamos as seguintes variáveis do contexto de situação: O enunciador, dentro das relações é um jornalista e o destinatário são os eleitores brasileiros, quanto ao

campo, as manchetes foram retiradas do jornal Diário de Pernambuco e trazem uma linguagem constitutiva de exposição de fatores relacionados aos dois presidenciáveis Dilma Rousseff e Eduardo Campos, feita através do meio escrito pelo canal gráfico; as mesmas trazem uma atividade comunicacional, cujo objetivo é possibilitar informações sobre a campanha eleitoral dos candidatos mencionados. A MANCH 01 mostra que a candidata do PT está em vantagem com os demais. Ela se mostra tendenciosa pelo fato de mostrar a candidata evidenciando a porcentagem de possíveis votos, daí o eleitor que tem dúvida e não quer perder seu voto, de fato, ao olhar esse contexto, irá sim, pretender votar na candidata,

o campo remete à manifestação de experiências de eleitores brasileiros que buscam escolher o melhor candidato; a relação que se estabelece entre os leitores eleitores do Jornal Diário de Pernambuco, já que atinge grande parte da população pernambucana, a qual apoiava os candidatos Aécio e Eduardo Campos devido à crise pela qual passa o país e necessariamente, o estado de Pernambuco estava passando; quanto ao modo com que é levada à público, a linguagem é constitutiva de dados numéricos que indicam a porcentagem de cada candidato. A MANCH 02 destacamos o fato de que o investimento está sendo feito em educação, de forma suficiente, mas o estado e o município não estão investindo o valor integral nessa área, e a candidata pede que haja fiscalização. Essa manchete remete ao posicionamento dos eleitores no sentido de fiscalizar os governantes através do Portal da Transparência do Governo Federal. Para que um eleitor compreenda essa manchete, é preciso que haja um conhecimento acerca do que seria repasse federal, o modo como é passada essa mensagem traz incutido um teor autoritário, a partir do momento em que se usam dois processos imperativos. Há também a escolha de elementos linguísticos específicos do contexto político, como “repasse federal”, “PT” e “fiscalize”.

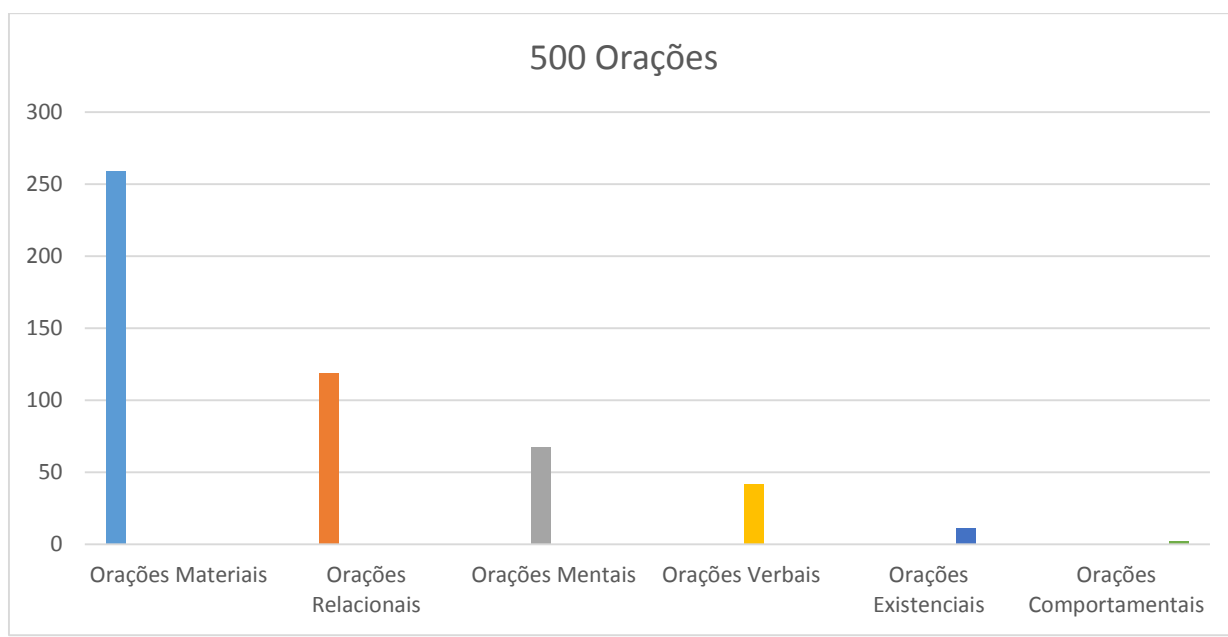
As duas últimas manchetes, MANCH 03 e 04, tratam do candidato Eduardo Campos. A escolha por ele foi feita devido ao fato de ser o governador de Pernambuco, como mencionado anteriormente. Na MANCH 03, mostra o discurso de Eduardo Campos à militância sobre sua capacidade de gerir o Brasil, reforçando que é o mais preparado para vencer as eleições. Observamos nessa manchete, o discurso de Eduardo estar elevando a autoestima daqueles que o apoiam. Quanto ao campo, temos uma manchete sobre o candidato presidenciável Eduardo Campos, num período de campanha eleitoral, julho e início de agosto de 2013, cuja finalidade é tornar evidente uma postura do candidato mediante a sua situação quanto à margem de votos, trazendo conhecimento ao público em geral. Na MANCH 04, com o intuito de vencer e/ou conquistar adeptos e espaço em outros estados, o candidato traça uma

estratégia de aliar-se aos adversários para obter êxito em disputas regionais. Temos, como campo, mais uma vez, uma manchete, gênero que traz como objetivo chamar a atenção de um eleitor e que o mesmo analise o posicionamento crítico de cada candidato em relação ao seu oponente.

Nos artigos de opinião, não foi diferente, também fizemos um levantamento dos contextos. Encontramos como modo a argumentação, realizada pelo canal gráfico no meio escrito. Os participantes na situação são alunos-leitores-escritores do 9º ano e como participantes no texto, os presidenciáveis Dilma Rousseff e Eduardo Campos. Notamos ainda uma distância social pelo fato de ser um aluno em construção social expondo sua opinião sobre os candidatos citados, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos, fator que é evidente no campo. Quanto aos assuntos, constatamos desde críticas à candidata Dilma Rousseff e ao governo PT, escândalos de corrupção, fiscalização a assuntos como discursos motivadores, propostas e escolha do melhor candidato. Então, vemos a presença de conteúdos que não se baseiam apenas no que está escrito nas manchetes, os alunos-leitores-escritores vão muito além do que é mostrado.

Percebemos então que esses textos corroboram com a visão funcionalista, pelo fato de que os textos envolvidos num contexto de situação, necessariamente se envolvem a um contexto mais amplo, o de cultura e assim, realizam divergentes níveis de abstração, como as escolhas léxico-gramaticais, responsáveis pela materialização das metafunções da linguagem. No caso, a metafunção ideacional com sua vertente experiencial, através do sistema de transitividade. Por meio dele, cuja unidade de análise é a oração, as experiências de mundo são representadas. Nesse sentido, a descrição dos três constituintes: processos, participantes e circunstâncias, porém, no nosso caso se restringe a apenas os dois primeiros, possibilitam verificar como as escolhas linguísticas manifestam representações nos artigos de opinião analisados.

Nos textos analisados encontramos 500 processos distribuídos em 259 orações materiais; 119 orações relacionais; 67 orações mentais; 42 orações verbais; 11 orações existenciais e 2 orações comportamentais, conforme gráfico abaixo, que indica que o aluno-leitor-escritor representa suas experiências de mundo pelos processos do *fazer* e do *ser*.

Gráfico 05 - Tipos de Orações identificadas nos vinte artigos de opinião

Ao considerarmos que o gênero é artigo de opinião, levamos em consideração os argumentos que são feitos, os quais trazem uma reflexão acerca de quem se deve votar. Em primeiro lugar ocorreremos processos materiais devido ao fato de representarem ações físicas. Destacamos a presença marcante do processo *votar* e com ele trazemos o agente ator eleitor como o único responsável por esse ato, refletindo sobre a escolha do presidencial. Outro processo bastante marcante é o *fazer*, pois evidencia tanto a postura do eleitor como a dos candidatos, deixando clara as ações desses participantes. Há também os processos *subir*, *criar*, *ir* e *escolher*, muito marcantes pelo fato de os participantes existirem no mundo, que se concretizam, tornando reais as suas atitudes. Então percebemos que os fatos apresentados nos artigos de opinião não são irreais, posto que eles se concretizam nas ações mencionadas pelos alunos-leitores-escritores, evidenciando assim, a realidade.

As orações relacionais aparecem em segundo lugar, acreditamos que pelo fato de os alunos-leitores-escritores quererem destacar qualidades tanto positivas como negativas dos presidenciais, com o intuito de convencimento acerca do melhor candidato. Destacamos os processos *ser*, *estar* e *ter* como aqueles que mais ocorreram nas orações. Vale mencionarmos a preferência pelo processo *ser*, no sentido de apresentar características duradouras e/ou permanentes, o que sugere que o aluno-leitor-escritor traz uma bagagem de conhecimento acerca dos candidatos mencionados. Quanto ao processo *ter*, é pertinente

nessas orações porque destacam uma relação de posse entre entidades, e isso é importante para o artigo de opinião porque reforça a identificação apresentada sobre os participantes, que nos casos mostrados tratam a respeito dos candidatos e dos eleitores.

As orações mentais aparecem em terceiro lugar, o que justificamos pelo fato dos processos evidenciarem nas orações crenças, valores e desejos. Então, primeiro é preciso que os alunos-leitores-escritores deem aos seus interlocutores atitudes reais dos candidatos, em seguida, deixem claro quem são esses candidatos, bem como suas atitudes são vistas por eles para que assim, expressem juízos de valor. Logo, vemos uma escala de prioridades, conhecer as atitudes, depois associá-las ao perfil e assim, julgá-las pertinentes ao candidato que governará o país, coerentemente.

Nas orações mentais, houve uma diversidade de processos, porém destacamos o subtipo que mais ocorreu, o *cognitivo*. Acreditamos que pelo fato de os alunos-leitores-escritores expressarem o que se passa no mundo interno, no mundo cognitivo, no qual o participante dotado de consciência deixa de ser o ator e passa a ser um experienciador, o que dá uma contribuição marcante aos artigos de opinião, no sentido de transmitir aos alunos-leitores-escritores uma mudança na forma como veem a realidade, contribuindo para uma escolha correta do candidato que possibilitará avanço para o país.

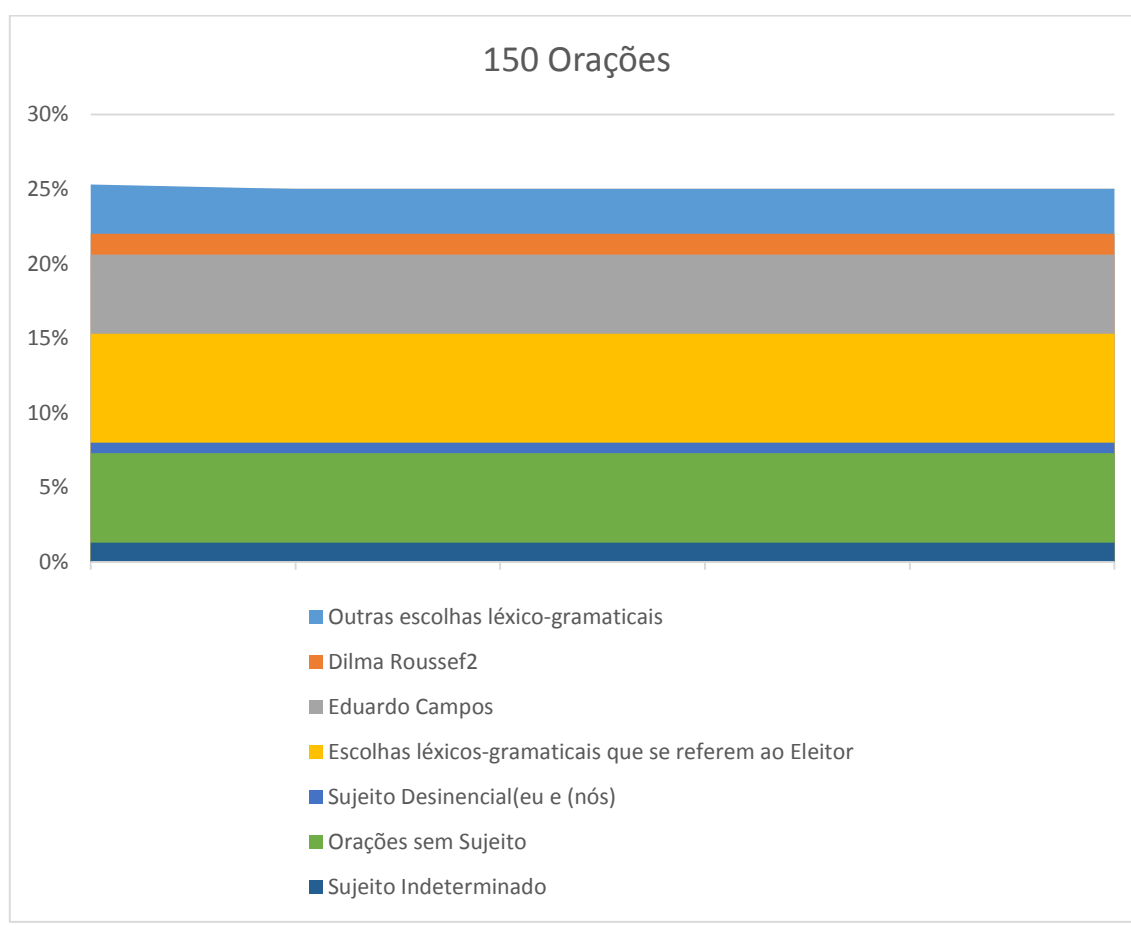
As orações verbais ocupam o quarto lugar. Elas são importantes nesse tipo de gênero, o artigo de opinião, porque trazem explicações sobre o assunto, que no caso, é a escolha de um presidenciável. Não há um ou mais processos, mas o que estes trazem como argumentos sobre os presidenciáveis ou as colocações que os mesmos fazem nas manchetes, as quais ilustram os argumentos dos alunos-leitores-escritores. Então, percebemos com mais clareza os dizentes como Dilma Rousseff e Eduardo Campos do que os próprios alunos. E isso dá ao texto produzido um caráter mais sério e objetivo, pois funcionam como argumentos de autoridade, elemento importante para um texto argumentativo.

Os processos existenciais aparecem em quinto lugar, podemos ver que é uma quantidade reduzida quando levamos em consideração as demais orações, cremos que por não conter um sujeito ou pelo fato de os alunos não dominarem o uso do processo *haver*, por não ser do seu cotidiano ou simplesmente por não serem acostumados a representarem algo. Porém, nos poucos casos vistos, dizemos que foram marcantes para darem aos textos uma progressão, elemento também muito importante aos textos argumentativos.

Os processos comportamentais também aparecem em número reduzido. Percebemos que o índice baixo de ocorrências é pelo fato de os alunos-leitores-escritores não trazerem à tona comportamentos dos presidenciáveis por meio de processos fisiológicos, ou também por não terem uma maturidade para associarem uma ação mental a uma material.

Quando partimos para os participantes, temos os seguintes resultados:

Gráfico 06 – Tipos de Participantes identificados em 150 orações



Em 64 ocorrências, os candidatos são instanciados como participantes, ou seja, 42% das orações, que se subdividem em 22% Dilma Rousseff e 20% Eduardo Campos. Isso indica que a intenção comunicativa do aluno-leitor-escritor é, sobretudo, construir uma imagem para o leitor acerca dos candidatos, evidenciando projetos, ações, competências, sentimentos, valores e opiniões, mas também evidenciam problemas como desvios de dinheiro, investimentos desnecessários, corrupção, para que assim, os eleitores conheçam de

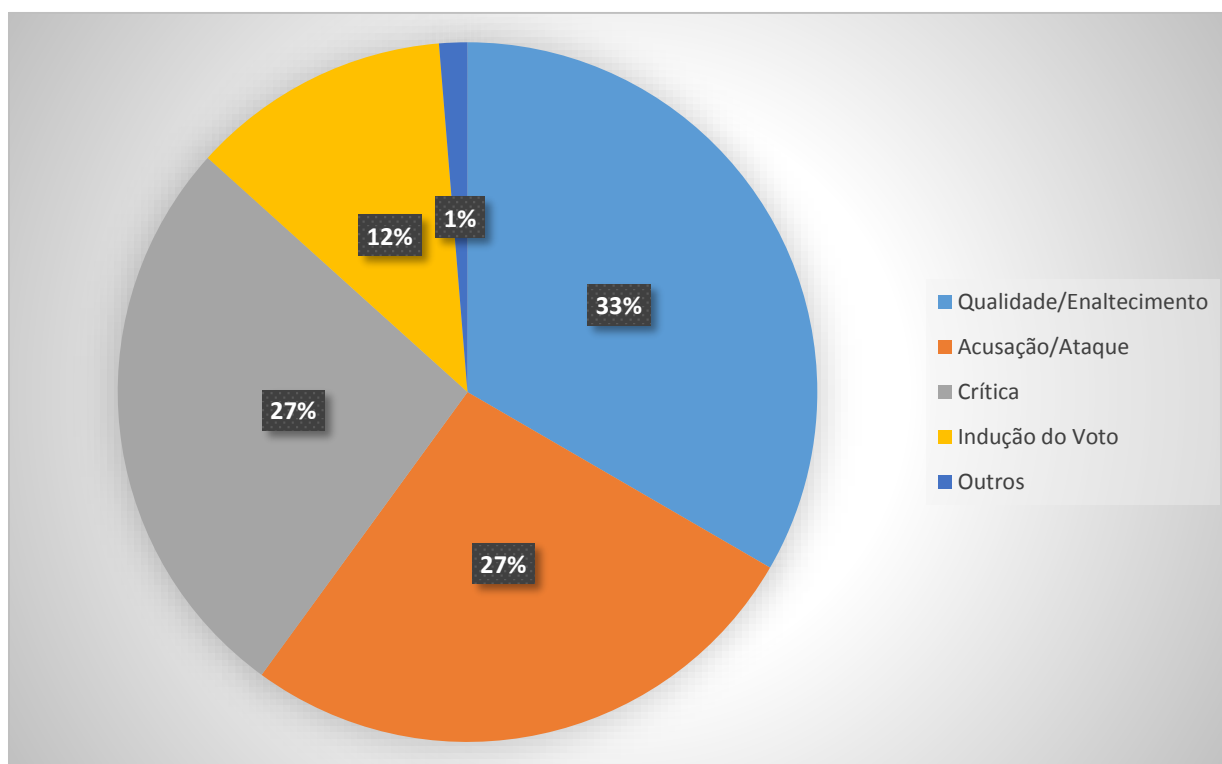
fato os candidatos. Percebemos que esses argumentos estão intrinsecamente relacionados a escolha dos processos mostrados acima.

Em 14 casos, divididos em escolhas léxico-gramaticais referentes ao eleitor, vimos 8% para o sujeito desinencial, 2% o sujeito indeterminado e 15% vocábulos que trazem o sentido de pessoas. Ao eleitor é feita a solicitação do voto, onde o aluno-leitor-escritor espera que o seu interlocutor, a partir do que foi evidenciado, escolha o melhor representante, de forma coerente. O aluno-leitor-escritor esforça-se por divulgar quem são os candidatos através das orações relacionais, bem como enfatizar as suas ações enquanto políticos, através das orações materiais, possibilitando aos leitores conhecimentos concretos, os quais refletirão na escolha de um candidato, no ato de votar.

Em 7% percebemos a presença de orações sem sujeito e em 25% dos casos houve uma diversidade de escolhas léxico-gramaticais que não são viáveis mencionar pelo fato de o nosso foco se referir aos candidatos e eleitores.

O artigo de opinião, por ser um texto argumentativo, traz uma diversidade de argumentos que reforça a ideia central. Nos textos em estudo, destacamos os seguintes argumentos:

Gráfico 07 – Tipos de Argumentos identificados em 150 orações



Nos processos analisados, o tipo de argumento mais recorrente é o de “qualidade/enaltecimento”, reunindo 33% dos dados. A principal estratégia de persuasão que o aluno-leitor-escritor utiliza para evidenciar qual candidato tem mais apreço, destacando pontos positivos.

Como observamos se as manchetes foram tendenciosas na construção dos artigos de opinião, o aluno-leitor-escritor escolhe esse argumento com base na leitura das manchetes e então cria a imagem de um político empreendedor, capacitado para gerir o país com princípios que julga importantes em um homem público, tudo para construir uma imagem capaz de agradar ao leitor. Nesse argumento, evidenciamos uma predominância de qualidades/enaltecimentos ao candidato Eduardo Campos.

Os argumentos “acusação/ataque” e “críticas apresentam o mesmo percentual, ambos com 27% de ocorrências. Nesses casos, o aluno-leitor-escritor atribui os candidatos, a culpa por muitos problemas sociais, como saúde, educação e economia, por isso a escolha léxico-gramatical de processos com esse sentido.

Em muitas orações, percebemos esses argumentos para com a candidata Dilma Rousseff. Os alunos-leitores-escritores discutem tais problemas sociais pelo fato de quererem alertar seus interlocutores para uma escolha correta, pois a partir desse ato, o país progride ou entra em declínio. Então são necessários esses tipos de argumentos porque os mesmos aguçam a reflexão dos interlocutores. Percebemos que de fato os alunos-leitores-escritores não estão satisfeitos com a gestão da presidenta Dilma Rousseff, o que provoca uma rejeição para tal candidata e fortifica a escolha do candidato Eduardo Campos como o melhor para o Brasil.

O argumento “indução ao voto” está em quarto lugar, com cerca de 12% em número de ocorrências. Acontece pelo fato de o aluno-leitor-escritor induzir sim o interlocutor a escolher seu candidato, mas não é o principal objetivo.

Notamos que em muitas situações, o aluno-leitor-escritor apela para as emoções para tentar sensibilizar o interlocutor, mas de forma consciente, reflexiva e crítica, pois a todo o momento evidenciam posicionamento a favor e contra para com os dois presidenciáveis em discussão.

Em 1% ocorreu a presença de processos que não se encaixaram nos tipos de argumentos evidenciados.

Observamos, a partir dos dados apresentados, que os tipos de argumentos usados nos enunciados estão intimamente relacionados aos processos, como já dissemos anteriormente. Essa relação é reveladora da intenção do aluno-leitor-escritor em conseguir adesão do seu interlocutor.

Percebemos ainda, que as manchetes foram base para a construção dos artigos de opinião, mas não foram fundamentais, pois mesmo as manchetes que trouxeram informações positivas sobre os candidatos, os alunos-leitores-escritores se utilizaram de outras fontes de pesquisa para a construção de suas opiniões, de seus argumentos, bem como os conhecimentos prévio e o de mundo.

Notamos também, a partir dos dados apresentados, que os tipos de argumentos usados nos enunciados se associam aos sentidos que os processos desempenham dentro das orações, nos contextos discursivos. Essa associação é reveladora da intenção do aluno-leitor-escritor em conseguir o interesse e a adesão do seu interlocutor.

Parece-nos que os sentidos que os processos trazem nos enunciados estão sempre a serviço do argumento “qualidade/enaltecimento”. Este, acreditamos, ser o tipo de argumento-base dos textos analisados, com o qual os sentidos dos processos e até outros tipos de argumentos dialogam, como os de “acusação/ataque”, crítica e “indução ao voto” são legitimamente encontrados nos dados e atendem ao propósito interlocutivo do aluno-leitor-escritor. Contudo, verificamos que por meio desses tipos de argumentos, o aluno-leitor-escritor tenta construir uma imagem dos candidatos, seja ela positiva ou negativa, quando evidencia problemas sociais com “acusações/ataques”. Constrói a imagem de um candidato que não é comprometido com as causas sociais e não será capaz de resolver os problemas que a nação, hoje enfrenta. Ao utilizar o argumento “crítica”, ele quer mostrar como tais candidatos perpassaram sua vida política, trazendo à tona reflexões acerca dos mesmos, se são íntegros, honestos, elementos que também constroem a imagem dos candidatos. Ao tratar do argumento “indução ao voto”, percebemos, mesmo que implicitamente, que os alunos-leitores-escritores apelam para o interlocutor a escolha de um candidato, que nos casos vistos, notamos um favorecimento ao candidato Eduardo Campos como merecedor do voto do eleitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a efetivação deste trabalho, apresentamos uma proposta de ensino utilizando os gêneros manchete e artigo de opinião, destacando atividades vinculadas à compreensão geral dos mesmos, à leitura, à produção e à análise linguística. Todas as propostas foram guiadas pelo modo como esses gêneros são produzidos e postos em funcionamento na mídia escrita, de forma a ajudar os alunos a desenvolverem suas capacidades de uso desses gêneros em situações reais da vida em sociedade, levando em consideração que escolhas léxico-gramaticais devem ser feitas para determinados momentos. Fizemos isso com base nas teorias discutidas, apresentando sugestões práticas de como trabalhar com o postulado teórico geral de que os gêneros existem para satisfazerem os objetivos dos diferentes grupos sociais. Dessa forma, quando o aluno materializa os conceitos, ele de fato, vivencia, concretiza, transforma em real. Esse deveria ser o objetivo de nossas aulas.

Dessa forma, diante dos dados apresentados e depois de termos estudado as escolhas léxico-gramaticais no sistema de transitividade, percebemos que a metafunção ideacional é fundamental para que numa interação sejam alcançados os propósitos comunicativos dos alunos-leitores-escretores.

No gênero analisado, artigo de opinião, predominam as orações material e relacional, pois tendo a intenção de convencer o interlocutor de qual candidato é o melhor, o aluno-leitor-escriptor considera importante apresentar ações desenvolvidas, atividades sócio-política-profissionais, bem como os problemas sociais vividos pela população, como escândalos de corrupção e desvios de dinheiro público (processo material), e também considera relevante apresentar qualidades e atributos positivos ou negativos que trazem ao interlocutor o posicionamento de escolha do melhor candidato.

Percebemos ainda que os processos não foram usados aleatoriamente, mas as escolhas feitas atendem aos propósitos comunicativos específicos do aluno-leitor-escriptor. Ao representar as suas experiências de mundo mais pelos processos do fazer e do ser, o aluno-leitor-escriptor empenha-se em mostrar para o interlocutor o candidato mais indicado para assumir o cargo de presidente.

Através dos dados, percebemos que analisar as escolhas que o aluno-leitor-escriptor faz no sistema de transitividade contribui para a compreensão de como ele constrói sua experiência de mundo. Analisar os artigos de opinião, levando em consideração os processos mais recorrentes nos textos, os participantes envolvidos nesses processos e os argumentos que deles fazem parte, bem como reconhecer as variáveis dos contextos de situação e cultura das manchetes são importantes para compreendermos as intenções dos alunos-leitores-escriptores do 9º ano.

Reconhecemos que este trabalho não é cansativo pelo fato de que se dê continuidade à pesquisa para se fazer um estudo das circunstâncias nas quais os processos se realizam para assim, verificar qual o papel do aspecto circunstancial no processo discursivo e se as mesmas influenciam na tomada de decisão acerca de um determinado candidato. Há também a necessidade de se incluir a metafunção interpessoal, por meio da qual possamos analisar as escolhas no sistema de avaliatividade para constatar o que nos revelam determinadas escolhas léxico-gramaticais acerca de julgamentos que são evidenciados pela metafunção ideacional mas que podem se expandirem os sentidos com a interpessoal.

Esperamos que este trabalho possa contribuir no contexto didático-pedagógico pelo fato de trazer análises que podem ser utilizadas em sala de aula, no ensino de Língua Portuguesa, contribuindo assim, para o estudo mais minucioso das escolhas dos processos dentro das aulas de produção textual e análise linguística já que ambas precisam estar unidas porque não podemos mais discutir funções dissociadas de uma situação comunicativa. Assim também como trazer o jornal para dentro do contexto educacional pelo fato de ser um grande veículo de informação, importante para se trabalhar os gêneros textuais já que acopla uma infinidade de textos e além disso, que trazem informações em tempo real do que acontece na sociedade, fato que é necessário para o posicionamento crítico e reflexivo dos alunos-leitores-escriptores.

Assim, vemos que o artigo de opinião, bem como qualquer gênero textual e a análise linguística devem ser abordados sob um novo enfoque, uma nova perspectiva de análise, atentando para o estudo funcional do sistema linguístico como um recurso para compreendermos melhor nossa realidade: como nós vivemos e o que priorizamos e como também os outros vivem e o que priorizam, tendo em vista que em demasiadas vezes sem percebermos, somos guiados por representações sociais.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1953].
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra *et. al.* 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- BARROSO, T. **Construindo um modelo teórico e analítico do discurso argumentativo nas primeiras séries do Ensino Fundamental: uma abordagem sociocognitiva e sociodiscursiva do texto de opinião**. 2005. Tese. (Doutorado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2005.
- BAZERMAN, C. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BRÄKLING, K. L. Trabalhando com artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, R. (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. (pp. 221-247).
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (Língua Portuguesa)**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Maria Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003. (p.7).
- _____. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. **Gêneros textuais, tipos de discursos e operações psicolinguísticas**. In: Revista de estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 49-69, 2003.
- BUENO, L. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

CUNHA, D. A. C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

DIAS, A. R. F. **O discurso da violência**: as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, J.; SCHNEWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona), In: _____.; _____. e col. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. (p. 41-70).

_____.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e col. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. (p. 95-128).

DUARTE, C. **Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário**. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1998.

DUARTE, R. D. **A transitividade em textos da propaganda política eleitoral gratuita televisionada**: uma abordagem funcional. 144 fls. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação Social, Programa de Pós Graduação em Letras. Belém, 2008.

FAIRCLOUGH, N. A. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília/DF: EdUnb, 2001.

FANTINATI, C. E. **Sobre o discurso político**. ALFA: São Paulo, 1990.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FARENCENA, G. S. **Estudo da Fábula**: Contexto, Linguagem e Representação. 191 fls. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós Graduação em Letras. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2011.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1995.

FOWLER, R. **Language in the News**. Discourse and Ideology in the Press. New York: Routledge, 1991.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

- GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória: Kaygangue, 2005. (pp. 159-173).
- GONSALVES, E. P. Escolhendo o percurso metodológico. In: _____. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001. (pp. 61-73).
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan. /jun., 2009.
- GUEDES, P. C. **Da redação escolar ao texto: um manual de redação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- HIDALGO, L. A. El titular. **Manual de titulación periodística**. Cidade do México: Alfaomega, 2009.
- KAUFMAN, A. M.; RODRÍGUEZ, M. E. **Escola, leitura e produção de textos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1995.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1993.
- LEAL, L. F. V. **Lendo e compreendendo os gêneros textuais do suporte jornal**. Disponível em: <http://crv.educação.mg.gov.br/aveonline40/banco_objetos_crv/EF_Lendo_e_compreendendo_os_generos_textuais_do_suporte_JORNAL.pdf> Acesso em: 28 jul. 2014.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- LERNER, D. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o imaginário**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. **É Preciso dar Sentido à Leitura**. Nova Escola. n. 195, set. 2006. (pp. 13-16).
- LUNA, S. V. O falso conflito entre tendências metodológicas. In: FAZENDA, I. (Org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (pp. 21-33).
- MACÊDO, C. M. M. **A reclamação e o pedido de desculpas: uma análise semântico-pragmática de cartas no contexto empresarial**. 185 fls. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem). LAEL. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (*Coleção: Primeiros Passos*). (p.74).
- MATTHIESSEN, C. M. I. M.; Halliday, M. A. K. **Systemic functional grammar: a first step into theory**. Higher Education Press, 2009.

MENDONÇA, M. Análise Linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In SANTOS *et. al.* (Orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MIGUEL, L. F. **Mito e discurso político: uma análise a partir da campanha eleitoral de 1994**. Campinas: Editora da UNICAMP. (p. 2000).

MONPART, J. G. **Los titulares em prensa**. Barcelona: Mitre, 1982.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida, SANTOS, Leonor Werneck dos Santos (Orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 27-58. 15) PERELMAN, Ch. **L' empire Rhétorique: Rhétorique et argumentation**. 2. ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1988.

PEREIRA, Cilene da Cunha et al. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

RODRIGUES, Rosângela Hames. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; ROTH, Desirée Motta. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 154- 183

SANTOS, *et. al.* (Orgs.), O trabalho com gêneros por meio de projetos. In: _____. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SATO, M.; CARVALHO I. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, W. R. **Considerações sobre o Contexto de Cultura na Linguística Sistêmico-Funcional**. Tocantins: Editora da Universidade Federal do Tocantins, 1991.

SOUZA, M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. Tese de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

PRIMEIRA REPÚBLICA. Disponível em:
<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/DI%C3%81RIO%20DE%20PERNAMBUCO.pdf>> Acesso em: 03 jun. 2015.

ANEXOS

ARTIGOS PRODUZIDOS

MANCH 01

Datafolha: Dilma cresce 4 pontos e chega a 38%. Aécio e Eduardo oscilam e ficam, respectivamente, com 20% e 9 %

01

Segundo os últimos dados divulgados pela mais nova pesquisa do IBOPE, a presidente Dilma abriu uma vantagem considerável em relação a seus adversários. Isso mostra que o populismo da presidente está convencendo a população e o jogo de estratégia de Aécio e Campos não estão surtindo e feito em relação as suas popularidades, porém não somos todos uníssonos, temos nossas opiniões fomentadas e diferente em relação a outras pessoas.

Essas últimas pesquisas mostram que a presidente vai para essas eleições como favorita, na minha opinião, Dilma é a melhor opção de voto para nós brasileiros, porém penso que nos próximos dias pode haver uma mudança nesse cenário político.

Penso que esse jogo de estratégias dos candidatos aliado a algumas propostas políticas podem causar uma certa confusão nos eleitores criando um paradoxo nas nossas mentes.

02

A luta das pesquisas

Antes da morte de Eduardo Campos, no dia 13 de agosto, em pesquisas vamos uma certa diferença entre o percentual entre Dilma, Eduardo e Aécio. Dilma consta ter 38%, bem na frente que os outros dois. Seria realmente a melhor opção para a melhoria do nosso país? Ou a pior?

Após a morte de Eduardo, as coisas se reverteram, Marina cresce bastante em relação à Aécio, mas em pouco tempo antes das eleições reverteu esse quadro, indo para o segundo turno, Dilma e Aécio.

Muitas pessoas hoje podem ver que o Brasil está passando por um período de grande recessão.

Hoje vemos que Dilma não tem nenhuma preparação para ser presidenta de um país enorme como o Brasil, vemos que a mesma não tem argumentos que favoreçam suas propostas e intervenções na vida da sociedade. Podemos ver que ele não tem a mínima consciência do que se passa no Brasil e nem das causas e consequências que isso causou.

Por fim, vemos que ela não foi a melhor escolha e nem fará nada para o Brasil de benéfico.

03

A pesquisa relata a intenção de voto dos eleitores para a eleição de 2014 e o aparente crescimento da candidata Dilma com relação aos seus dois maiores opositores, Aécio e Eduardo.

Apesar dos protestos contra o gasto excessivo na construção de estádios para a copa, o escândalo da Petrobras envolvendo membros do PT, o aumento da gasolina e a inflação disparada, a candidata à reeleição Dilma permaneceu em 1º lugar em todas as pesquisas realizadas.

Essas pesquisas para descobrir o percentual de cada candidato podem persuadir, e muito o eleitor. Se estou indecisa em qual candidato votar, irei analisar os prós e contras de sua campanha, analisar as suas “promessas” e o que eles possivelmente melhorariam no governo. Se vejo que Dilma está em 1º lugar em todas as pesquisas, não querendo votar em um candidato que não terá chances ou ganhar e desperdiçar meu voto, votarei nela só para não “perder” meu voto.

Muitas pessoas votaram em Dilma. Ela venceu em 15 estados, obteve 43,48% no primeiro turno e 51,64% no segundo turno, conseguiu ser reeleita e ter seu 2º mandato. O que, a alguns dias, a população estava fazendo? Protestando contra a inflação. Uma das propostas de Dilma era conseguir o declínio da inflação. Logo no começo deste ano, a inflação subiu para 8,2%, uma das maiores que já tivemos. E houve protestos.

O povo brasileiro deve aprender a suportar as consequências de seu voto. A maioria das pessoas.

04

O fato de Dilma ter crescido 4 pontos percentuais e estar na frente com 38% das intenções de voto poderia influenciar qualquer pessoa a votar nela, mas não me influencia, pois não só eu sei como outras pessoas sabem que estado Dilma deixou o Brasil.

Apesar de Dilma estar na frente das pesquisas, não voto nela pois todos nós sabemos como o Brasil está, hospitais lotados, pacientes largados em macas, sem atendimento médico e sem materiais básicos para o atendimento para as pessoas; Assaltos em qualquer lugar e a qualquer hora, muitas vezes com mortes e ainda os vários escândalos de corrupção na Petrobrás, não podemos permitir que uma pessoa que deixou tudo isso acontecer com nosso país continuar no poder.

Em relação a Aécio Neves, por estar na frente de Eduardo Campos com 20% e Eduardo com 9%, muitas pessoas que não vão votar em Dilma podem votar em Aécio, Já que ele está na frente para não perder o voto, mas eu não voto nele, pois não conheço seus projetos para o Brasil e o que ele fez para Minas Gerais.

Na minha opinião, a pessoa mais indicada para governar o Brasil é Eduardo Campos, pois foi um exímio governador para Pernambuco, com o projeto das escolas em

tempo integral para todo o estado e melhorou a vida de muitos jovens, e pretende se for eleito expandir esse projeto para todo o Brasil, pois a base de um país desenvolvido é a educação.

Então agora é a hora de escolher a pessoa que vai governar nosso país por 4 anos, então devemos escolher corretamente e eu escolho Eduardo Campos a pessoa mais capacitada para exercer essa função tão importante que é ser presidente de um país.

05

Como podemos ver essa pesquisa foi realizada em junho, no começo das eleições, com a presidente Dilma com boa vantagem, mais depois o povo Brasileiro acordou, e Dilma diminuiu muito, Aécio subiu e Marina também mais um pouco.

Perto de acabar as eleições, infelizmente, o nosso ex-governador Eduardo Campos sofreu um acidente e acabou falecendo, com isso o povo brasileiro começou a apoiar Marina Silva e ela subiu seu percentual. Mais eu não confio totalmente nessas pesquisas, porque veja bem, no final de tudo Marina abaixou e Aécio subiu, com isso as pesquisas ainda apontaram o favoritismo da presidenta Dilma, mais foram para o segundo turno, Aécio e Dilma e Marina ficou para trás.

A minha crítica é o seguinte, no final de tudo devido a morte de Eduardo, Marina e Aécio subiram, mais Marina ficou para trás, eu acho que se não fosse por isso Dilma tinha ganhado mais jogada, como mostra no começo da pesquisa em junho, mais hoje estamos vendo que os brasileiros estão insatisfeitos com o governo do PT, eu penso que estávamos vendo com maus olhos, porque nós víamos um presidente pronto e preparado, mas passamos despercebidos e nisso Dilma ganhou e por isso que hoje o Brasil está assim um vergonha, porque viemos perceber o erro quando já era tarde demais.

MANCH 02

PT combate informação de pouco repasse federal para em educação e sugere que se fiscalize governadores e prefeitos.

01

A corrupção em nosso país não é algo atual, mas muito antigo, posso até afirmar que no tempo do império haviam-se desvios de dinheiro público. Muitos julgam que a corrupção está mais grave agora no governo petista, pois as pessoas associam o escândalo da Petrobrás, com a recessão mundial, pensando que o Brasil não tem mais saída e que está acabado.

O que está acontecendo é que os escândalos de corrupção atualmente no Brasil são muito focados pela mídia e isso acaba criando uma visão pela população de que o governo federal está envolvido em todos os casos de corrupção. A mídia influencia totalmente na

decisão e na forma de pensar da população, e não podemos negar que a própria mídia tem os seus “partidos favoritos”.

Todos nós somos corruptos, se considerarmos as mínimas atitudes erradas. Vejo que é quase impossível nascer um cidadão brasileiro que entre na política e não se torne mais um, nomeio de tantos corruptos. Se a corrupção acontece a nível mundial, o que diferencia um país do outro é a autonomia do governo e sua coragem de combater os casos de corrupção, fazendo valer a justiça e as providências cabíveis.

A situação do Brasil começou a mudar a partir da decisão corajosa tomada pelo governo do PT de construir um estado mais transparente e republicano, na tentativa de combater a corrupção. Assim, a partir de 2003, o país passou a contar com uma política pública de estado de prevenção e combate à corrupção por meio de ações que previnem as irregularidades no governo.

As opiniões contrárias se dão pela oposição política e por pessoas que não tem uma formação crítica bem elaborada, então só porque acontecem escândalos de corrupção no governo do PT, muitos afirmam que a culpa é da Presidente e de seus ministros.

Finalizando, reafirmo a minha posição pró-PT, sei que no governo Dilma há a inda muitas falhas, pois ninguém é perfeito, mas tenhamos consciência de que a culpa não é só dela, uma vez que há deputados, ministros, senadores, tanto do PT como de outros partidos que intencionalmente desviam verbas públicas e que a mídia não consegue focar na íntegra.

02

O desmando do atual governo

O PT, partido dos trabalhadores, tendo um dos maiores movimentos de esquerda da América do Sul. Está no momento sofrendo várias acusações, sendo uma delas na qual a atual presidenta não está investindo em educação e saúde.

Em discurso, Dilma prioriza a educação. Em contrapartida, não é isso que está acontecendo. Nem a saúde e nem a educação estão sendo prioridade dos investimentos do governo. Estão sendo investidos na saúde e educação, respectivamente, 8% e 5,7% atualmente.

Apesar dos investimentos não serem poucos, o governo acaba investindo muito mal sendo para o seu próprio interesse. O governo quer quantidade e não qualidade, eles querem nos alienar para que não tenhamos a capacidade de ver o erro, compreender e melhorar.

A questão é que não só os governadores e prefeitos, é todo um conjunto. Não adiantará investir mais sem um sistema aceitável. Caso contrário, estará gastando muito mais e não adiantará em nada.

03

Nos tempos de hoje, os governantes não estão investindo muito na educação e saúde. Muitos governantes desviam verbas, muitas vezes não há uma investigação e uma punição para os corruptos.

O combate à corrupção começou no governo de Lula e Dilma Rousseff contra ilegalidade do país. Apesar de alguns membros do PT estarem envolvidos nessas ilegalidades o governo Lula – Dilma denunciou e fez com que fossem julgados os responsáveis pelos escândalos da Petrobras.

Muitos prefeitos e governadores não investem na educação, nos salários dos professores, na merenda das escolas e também não investem na saúde, na manutenção dos hospitais, médicos não qualificados a filas nos hospitais.

Não acho justo que os jogadores ganham mais que doutores. Os médicos salvam vidas das pessoas e jogadores não e professores também fazem alguém na vida, falta uma melhora na educação brasileira e na saúde, para a Copa do Mundo fazem estádios mais quando a população precisa onde estão as escolas e hospitais?

Não adianta aumentar o tempo na escola se a estrutura continua a mesma.

04

Nessa reportagem a Dilma, para ganhar votos sugere que se verifique no portal da transparência o quanto seu estado ou município recebem. Na minha opinião, ela só quer colocar a culpa nos governantes e prefeitos de gastos exagerados ou até mesmo de corrupção, onde nós podemos lembrar que ocorreram vários casos assim. Podemos lembrar também que é de responsabilidade da presidente fiscalizar os diversos governos e órgãos públicos do Brasil, que sabemos que isso não aconteceu.

Dilma, com tal afirmação parece querer se isentar da culpa, que todos nós sabemos que houve sim negligência de sua parte em relação a tudo, como por exemplo a educação brasileira que está cada vez pior. Se depender do PT, o Brasil não cresce, ele permanece estagnado como a muitos anos está.

A democracia brasileira só chegara a ser completa quando todos, tomarem consciência, que a política deve ser tratada com moral e ética. Quando cada cidadão exigir seus direitos e for mais participativo na sociedade, talvez assim, um dia, as coisas realmente possam funcionar. A população geral, por não ter tanto interesse político, acaba de certa forma contribuindo com a corrupção, elegendo pessoas desqualificadas como Dilma Rousseff.

05

O governo Dilma vem com uma rigorosa fiscalização em cima dos governadores e prefeitos, pois os repasses federais para a educação não estão sendo investidos como deveriam, pois os prefeitos e governadores estão deixando de lado a educação, esquecendo de dar uma atenção maior a este assunto tão importante.

Dilma, como candidata a reeleição, ela sugeriu que comecem a verificar a transparência dos prefeitos e os governadores, para eles mostrarem que estão utilizando de forma o dinheiro do governo para a educação da sua cidade ou estado.

Dilma ainda ressalta: “Você diz que eu não invisto em educação e saúde? Vá no portal da transparência e verifique o quanto o governo Federal envia para o seu estado e município. ” Ela quer dizer, que ela manda o dinheiro para a educação e para saúde, mas os governadores e prefeitos não investem no mesmo.

Para que a educação evolua mais rápido, deveria ser implantado projetos para aumenta a fiscalização dos prefeitos, para que eles utilizem realmente o dinheiro todo para a educação e não sendo desviado para os bolsos dos prefeitos e governadores.

MANCH 03

Sem atacar Lula, e aliado do PT, no Rio, e do PSDB, em São Paulo, Eduardo segue explicando sua oposição

01

Tendo em vista um Eduardo Campos que sempre conseguiu bons argumentos para qualquer situação pontuada, durante toda a reportagem vemos Eduardo e sua oposição relacionando a polarização entre petistas e tucanos, isto claro, de uma forma onde nenhum destes seja criticado ou que as palavras do ex-governador sejam distorcidas, o famoso “jeito político” de guiar as coisas, onde a imagem para os eleitores continue “limpa”.

Observando então toda a matéria vemos “união” de partidos, em busca de um Brasil melhor, ou talvez seja em busca de governantes com mais dinheiro no bolso. O mundo é dos corruptos, e vemos isso entre acontecimentos que nos rodeiam, o que é pensado não é na população muito menos na melhoria de nada, porém temos uma sociedade cega que não quer enxergar, e tenho dito, de Lula até Eduardo, políticos com lábia, políticos que estão preparados para falar e defender o que queremos ouvir, mas desculpe pessoas que acreditam, falar é muito mais simples, faça pelo país, mostre, estando ou não no governo, o que estamos precisando do agora não são palavras, são atitudes.

02

O ex-governador Eduardo campos vem cultivando afinidades com petistas e tucanos, causando assim, pedidos de explicações, pelo fato de se apresentar como oposição. Eduardo apesar de tentar desvincular alianças de seu projeto presidencial, acaba criando com o PSDB, em São Paulo, e com o PT, no Rio de Janeiro.

Por não ter aliança definida, Eduardo hora está próximo aos petistas, hora aos tucanos, e este vem causando serias dúvidas sobre o que Eduardo defende. Mesmo depois de uma grande aproximação de Eduardo com Aécio, Eduardo continua com uma superproteção

sobre o ex-presidente Lula, que é o principal Cabo Eleitoral de Dilma, causando assim, mas dúvidas.

Apesar de Eduardo se aproximar de seus opositores sem atacar seus adversários, uma aliança é uma boa escolha, uma grande aliança se formaria com Eduardo e Aécio.

Aliança com Aécio é a melhor escolha, Aécio com o conservadorismo e Eduardo com o progressismo, juntos. Uma aliança com o PT não seria a melhor escolha, pois o próprio Eduardo afirmou: “A candidatura de Aécio é conservada, Dilma entregará o país pior do que recebeu. ”

03

Eduardo Campos, candidato ao cargo de presidente do Brasil, de acordo com essa manchete publicada, ele seguiu fazendo seus comentários, em minha opinião, não para rebaixar nem desmerecer seu oponente, e sim mostrando sua insatisfação oposicional em conta dos projetos e planejamentos apresentados, ressaltando suas melhorias em relação ao partido contra.

Eduardo Campos tinha um modo de fazer sua campanha eleitoral diferente, lógico, como todo político tinha muitas promessas, que o povo brasileiro ficava com receio de depositar tanta confiança, mas tinha um jeito de governar que muitos admiravam, não sei se por estratégia política ou era seu jeito, mais ele não tinha nenhum “inimigo de partidos” era companheiro de todos, até mesmo da oposição.

Outra característica marcante, era a forma como respondia cada pergunta dirigida a ele, era um homem preparado e com respostas claras e objetivas. E se mostrou um grande candidato ao posto, apesar dos pesares

04

Nas eleições para presidência da República em 2014, houve uma acirrada competição entre candidatos que apresentavam proposta para melhoria do país. Eduardo Campos, explicou sua oposição para a população em geral de tal forma que, não agrediu seus oponentes. Suas propostas que comentou tanto através da mídia ou nos palanques por todo Brasil, apresentavam medidas que estavam adequadas para melhorar o país.

Mesmo não comentando as medidas contrárias que o outro partido prometia, o mesmo sentiu-se atacado e resolveu procurar explicar tal fato comentado é o que explica a manchete do Datafolha em 2014. “Dilma e aliados do PSDB procuram solucionar problemas que Eduardo comenta discretamente”. Concordo que o candidato do PSB apresente suas propostas que não denigra as outras opiniões de seus oponentes e que ele estava apto para melhorar as crises que o País enfrenta na atualidade.

05

A tática de Eduardo Campos

Nessa eleição, muitos candidatos estão apenas acusando-se um ao outro, sem apresentar propostas ou usar fortes argumentos. Eduardo Campos é justamente o contrário disso.

A posição tomada por Eduardo Campos pode ser considerada admirável, pois maioria dos candidatos, estando usando de muita “baixaria” e pouco se aproveita.

Eduardo campos é nobre à partir do momento em que ele não critica diretamente Dilma, mas seu governo e suas formas de governar, ele aponta os erros cometidos por ela e apresenta soluções.

É justamente assim que Eduardo consegue elogiar Lula e criticar Dilma, mas ele sendo do mesmo partido, Dilma comete muitos erros.

Eduardo faz com as pessoas parem e reflitam que se Dilma for reeleita não haverá mudança e o Brasil continuará da mesma maneira que já é. Eduardo Campos promete ser o melhor presidente que o Brasil já viu.

MANCH 04

Eduardo e Frente Popular reforçam discurso de automotivação para manter ânimo da militância

01

Eduardo, a esperança de um povo

Animado e confiante, mas nunca “cantando” vitória antecipada, estava o líder do PSB, Eduardo Campos, em plena campanha política.

Como lhe era de costume, Eduardo esbanjava simpatia e confiança em seus discursos, em encontros com militantes. Acreditava em uma extraordinária campanha tanto para ele, quando seu afilhado, Paulo C.

Era um homem que poderia nos ajudar, no meu ponto de vista. Tinha objetivos bem definidos, experiência, carreira de vitórias, etc. mas infelizmente, seu caminho foi interrompido, da pior forma.

Dia 13 de agosto, em acidente grave envolvendo seu helicóptero, falece a esperança de mudança para o povo brasileiro. E a causa, até hoje é desconhecida.

Enfim, em minha opinião, Eduardo Campos seria a melhor escolha, a verdadeira mudança. Erros? Todos já cometeram e ainda cometem. Mas é preciso acreditar, sem isso, a mudança é impossível.

“Não vamos desistir do Brasil! ”

02

Estimulando com um otimismo impressionante, Eduardo Campos e aliados traz ânimo a sua militância que não desiste e acredita que dias melhores virão.

Afirma que não é homem de pesquisas e sim de urnas passando esperança e muita confiança aos eleitores que se sentem fortalecidos e creem em um futuro melhor.

Dados mostram que Eduardo Campos, ex-governador de Pernambuco, está empatado no seu estado, pela atual presidenta Dilma do PT, fato estranho, pois deveria apoiá-lo pensando em recursos futuros.

Mas o governo de Eduardo não agradou a muitos insatisfeitos com a atuação do ex-governador, analisam os outros candidatos e a preferência é a atual presidenta Dilma e os petistas afirma que ela ampliará ainda mais nas pesquisas.

Esses fatos influenciam e criam dúvidas nos eleitores que tem o direito de votar no candidato que acham que vai melhorar o Brasil, sem se sentirem pressionados ou até mesmo obrigado a votar em determinado candidato.

Eduardo e seus aliados tiveram um exercício de automotivação exemplar, para quem não pode jogar a toalha jamais, teve uma infinita capacidade de criar verdade, impressionando muitos e deixou claro o seu apoio a Aécio Neves, caso não passe.

03

Eduardo Campos, candidato à presidência pelo partido PSB nas eleições de 2014, sempre transmitia confiança e motivação às pessoas, de modo com que elas não perdessem a esperança de lutar sempre por um país melhor, um país justo, digno de se viver. Ele também fazia com que as pessoas acreditassem no cumprimento de suas promessas políticas.

É válido lembrar que Eduardo Campos tinha uma ótima retórica, ele era bom com as palavras, pois sempre falava o que o povo queria ouvir. Além disso, Eduardo sempre passava a imagem de um político carismático.

04

A capacidade de os políticos adaptarem as campanhas é uma forma essencial para quem está numa disputa política.

O discurso precisa ser de uma forma direta para os outros políticos e a realidade de número ruins, faça que os babões fiquem fracos. O ex-governador Eduardo Campos disse que não é homem de pesquisas, mas de urnas, indicando confiança de que os percentuais negativos de agora serão revertidos nas urnas. Se depender do otimismo expresso em palavras pelos candidatos e seus aliados, ninguém irá perder a eleição. Obviamente,

concorrentes e apoiadores precisam se manter estimulados e, principalmente aptos a inventar ânimo na militância.

05

E notório que está uma disputa acirrada entre partidos que a fala de auto motivação entre eleitos e eleitores para a eleição por motivos de índices negativos na eleição.

Está ocorrendo um grande desanimo das pessoas na eleição porque nas pesquisas feitas, Eduardo campos está perdendo para Dilma.

Com todo esse transtorno, Eduardo está tentando dar ânimo para as pessoas, porque pesquisa ou índices não importa o que vale é na hora de voltar, fazer suas propostas ir adiante, conquistar as pessoas fazer que acredite na sua proposta para mudar.

Os índices negativos chegaram ao empate, e Eduardo Campos ressalta um ponto de vista que não adianta ter esperança e confiança se não há estudos ou realizações feitas por candidatos. Os políticos gostam de criar verdades onde não tem, ou seja não deixa as pessoas Brasileiras ter seu livre arbítrio de votar sem influência.

Manchete	Artigo de Opinião	Contexto de situação: variáveis			
		Assunto	Modo	Relações	Campo
“Dilma cresce pontos e chega a 38%. Aécio e Eduardo oscilam e ficam, respectivamente, com 20% e 9%”	A-OP 01	Vantagem considerável em relação aos adversários	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 02	Crítica à candidata	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais,

				Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 03	Consequências do voto	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

				Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	
	A-OP 04	Crítica ao governo Dilma e preferência de voto	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 05	Oscilação na mudança de candidato e crítica ao	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre

		governo Dilma		Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.
--	--	------------------	--	--	--

Quadro 08 - Distribuição da MANCH 01 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05

Manchete	Artigo de Opinião	Contexto de situação: variáveis			
		Assunto	Modo	Relações	Campo
“PT combate informação de pouco repasse federal para a educação e sugere que se fiscalize governadores e	A-OP 01	Escândalos de corrupção na gestão PT	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escretores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo	Manifestação de experiência dos leitores-escretores sobre o tema política e eleições

prefeitos”				Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportament os e propósitos reflexivos.	presidenciais, mostrando o posicionamen to crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 02	Reflexão sobre os investimentos do governo federal	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamen to crítico-reflexivo dos alunos.

				opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	
	A-OP 03	Desvios no repasse federal	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff,	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

				manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	
	A-OP 04	Críticas ao governo PT	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 05	Alerta aos eleitores sobre o	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-	Manifestação de experiência

		conhecimento dos investimentos do dinheiro público		escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.
--	--	---	--	---	--

Quadro 09 - Distribuição da MANCH 02 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05

Manchete	Artigo de Opinião	Contexto de situação: variáveis			
		Assunto	Modo	Relações	Campo
Eduardo e	A-OP 01	Esperança	Argumentação	Participantes na	Manifestação

Frente Popular reforçam discurso da automotivação para manter ânimo da milîtancia		para a nação	Canal gráfico Meio escrito	situação: leitores- escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	de experiência dos leitores- escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamen to crítico- reflexivo dos alunos.
	A-OP 02	Análise do melhor candidato	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores- escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em	Manifestação de experiência dos leitores- escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamen

				construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	to crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 03	Discurso influenciador da autoestima	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

				e propósitos reflexivos.	
	A-OP 04	Confiança para reverter os números	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 05	O voto por influência	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições

				Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	presidenciais, mostrando o posicionamen to crítico- reflexivo dos alunos.
--	--	--	--	---	--

Quadro 10 - Distribuição da MANCH 03 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05

Manchete	Artigo de Opinião	Contexto de situação: variáveis			
		Assunto	Modo	Relações	Campo
Sem atacar Lula e aliado do PT, no Rio, e do PSDB, em São Paulo, Eduardo segue explicando a sua exposição	A-OP 01	Ilusão Política	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

				social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	
	A-OP 02	Alianças Políticas	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

				reflexivos.	
	A-OP 03	Insatisfação Oposicional	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores- escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	Manifestação de experiência dos leitores- escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico- reflexivo dos alunos.
	A-OP 04	Propostas Políticas	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores- escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos	Manifestação de experiência dos leitores- escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento

				Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff, manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	crítico-reflexivo dos alunos.
	A-OP 05	Táticas de Eduardo Campos	Argumentação Canal gráfico Meio escrito	Participantes na situação: leitores-escritores Participante no texto: Dilma Rousseff e Eduardo Campos Distância social: um aluno em construção social, expondo sua opinião a respeito dos candidatos Eduardo Campos e Dilma Rousseff,	Manifestação de experiência dos leitores-escritores sobre o tema política e eleições presidenciais, mostrando o posicionamento crítico-reflexivo dos alunos.

				manifestando comportamentos e propósitos reflexivos.	
--	--	--	--	---	--

Quadro 11 - Distribuição da MANCH 04 e sua relação com o contexto de situação dos Artigos de Opinião A-OP 01, A-OP 02, A-OP 03, A-OP 04, A-OP 05

Manchete		Quantidade de orações					
	Artigos de Opinião	Materiais	Mentais	Relacionais	Verbais	Comportamentais	Existenciais
“Dilma cresce pontos e chega a 38%. Aécio e Eduardo oscilam e ficam respectivamente com 20% e 9%” (MANCH 01)	01	9 Criativas (3) Transformativas (6)	3 Cognitivas (3)	3 Atributiva: Intensiva (1) Identificativa: Intensiva (1) Possessiva (1)	0	0	1
	02	9 Criativas (4) Transformativas (5)	5 Perceptivas (5)	6 Atributiva: Circunstancial (1) Identificativas: Intensivas (2) Possessivas (3)	0	0	0
	03	16 Criativas (7) Transformativa (12)	2 Cognitiva (1) Perceptiva (1) Desiderativa (1)	3 Atributivas: Intensiva (1) Circunstancial (1) Identificativas: Circunstancial (1) Intensiva (1) Possessiva (1)	3 Atividade: Alvo (1) Semiose: Indicação (2)	0	2
	04	21 Criativas	4 Cogniti-	12 Atributiva:	2 Semiose:	0	0

		(10) Trans- forma- tiva (11)	vas (3) Deside- rativa (1)	Intensivas (2) Identifica- tivas: Intensivas (2) Circuns- tanciais (8)	Coman- do (2)		
	05	16 Criati- vas (7) Trans- formati- vas (8)	9 Emotiva (1) Percep- tivas (7) Cogniti- va (1)	6 Atributiva: Intensivas (2) Identificativa: Circunstanci- ais (4)	0	0	0

Quadro 12 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 01

Manchete		Quantidade de orações					
	Artigos de Opinião	Orações Materi- ais	Orações Mentais	Orações Relacionais	Orações Verbais	Orações Comporta- mentais	Orações Existenci- ais
“PT combate informa- ção de pouco repassa federal para a educação e sugere que se fiscalize governadores e prefeitos” (MANCH							
	01	24 Criati- vas (19) Trans- formati- vas (5)	5 Cogniti- vas (4) Emotiva (1)	12 Atributiva: Intensivas (7) Identifica- tiva: Intensivas (2)	4 Atividade: Fala (3) Semiose: Indicação (1)	0	1
	02	10 Criati- vas (09) Trans- formati- vas (2)	4 Emoti- vas (2) Percep- tiva (1) Cogniti-	9 Atributiva: Intensivas (2) Identifica- tivas: Intensivas (4)	0	0	0

02)			va (1)	Circuns- tanciais (2)			
	03	14 Criati- vas (13) Trans- formati- va (1)	2 Cogniti- vas (2)	1 Identifica- tiva: Intensiva (1)	1 Atividade: Alvo (1)	0	1
	04	16 Criati- vas (12) Trans- forma- tivas (4)	4 Cogniti- vas (4)	7 Atributiva: Intensivas (6)	2 Semiose: Comando (1) Neutro (1)	0	2
	05	17 Criati- vas (9) Trans- formati- vas (7)	2 Cogniti- vas (2)	2 Atributiva: Intensivas (2)	2 Semiose: Neutro (1) com Citação (1)	0	0

Quadro 13 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 02

Manchete		Quantidade de orações					
	Artigos de Opinião	Orações Materiais	Orações Mentais	Orações Relacionais	Orações Verbais	Orações Comportamentais	Orações Existenciais
Eduardo e Frente Popular reforçam discurso da automotivação para manter ânimo da militância (MANCH 03)	01	11 Criativas (9) Transformativas (2)	1 Cognitiva (1)	2 Atributiva: Intensiva (1) Identificativa: Circunstancial (1)	0	1	0
	02	19 Criativas (14) Transformativas (5)	7 Desiderativa (1) Cognitivas (3) Perceptiva (1) Emotivas (2)	5 Identificativas: Intensivas (2) Possessivas (03)	3 Atividade: Fala (2) Neutro (1)	0	0
	03	6 Criativas (6)	2 Cognitiva (1) Perceptiva (1)	2 Atributiva: Intensivas (2) Identificativa: (1)	2 Atividade: Fala (2)	0	0

	04	7 Criati- vas (2) Trans- for- mativas (5)	0	5 Atributiva: Intensivas (3) Identifica- tivas: Intensiva (1) Circuns- tancial (1)	3 Semiose: Neutra (1) Indicação (1) Fala (1)	0	0
	05	17 Criati- vas (11) Trans- formati- vas (6)	3 Emoti- vas (3)	2 Atributi- vas: Intensiva (1) Circuns- tancial (1) Identifica- tiva: Possessiva (1)	1 Semiose: Neutro (1)	0	2 Neutra

Quadro 14 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 03

Manchete		Quantidade de orações					
	Artigos de Opinião	Orações Materi- ais	Orações Mentais	Orações Relacionais	Orações Verbais	Orações Comporta- mentais	Orações Existenci- ais
Sem atacar Lula e aliado do PT, no Rio e do	01	11 Geral (1) Criati-	7 Percep- tivas (6)	9 Atributi- vas: Circuns-	3 Atividade: Fala (2)	0	0

PSDB, em São Paulo, Eduardo segue explicando a sua exposição (MANCH 04)		vas (6) Trans- formati- vas (4)	Cogniti- va (1)	tanciais (4) Possessão (1) Intensiva (1) Identifica- tivas: Possessiva (1) Circuns- tanciais (2)	Semiose: Neutra (1)		
	02	11 Criati- vas (8) Trans- formati- vas (3)	0	8 Atributi- vas: Circunstan- ciais (5) Possessiva (1) Intensiva (1) Identifica- tiva: Circuns- tanciais (2)	2 Atividade: Alvo (1) Atividade: Alvo com citação (1)		
	03	09 Criati- vas (08) Trans- formati- vas (1)	3 Emoti- vas (2) Cogniti- va (1)	5 Atributi- vas: Circunstan- cial (1) Intensiva s(3)	1 Atividade: Fala (1)	0	0

				Identifica- tiva: Circuns- tancial (1)			
	04	7 Criativa (8)	2 Percepti va (1) Deside- rativa (1)	3 Atributiva: Intensiva (1) Identifica- tivas: Intensiva (1) Explicativa (1)	9 Atividade: Alvo (2) Semiose: Neutra (5) Comando (1) Indicação (1)	0	1 Neutra (1)
	05	09 Criati- vas (8) Trans- formati- va (1)	2 Percepti va (1) Cogniti- va (1)	9 Atributiva: Intensivas (3) Identifica- tivas: Circuns- tanciais (2) Intensivas (4)	5 Atividade: Alvo (3) Neutra (2)	0	1 Neutra

Quadro 15 - Distribuição das orações apresentadas nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano, conforme leitura da MANCH 04